



ROBERTA  
INOCÊNCIA  
PERDIDA

*Tradução de Eduardo Fernandes*



CHÁ DA CINCO  
Livros com sexto sentido

*Ao coronel e ao seu ianque*

## PRÓLOGO

O ar cheirava a Fevereiro na manhã em que Bobby Lee Fuller descobriu o primeiro corpo. As pessoas diriam que ele o tinha encontrado, mas, na verdade, apenas tropeçara no que restava de Arnette Gantrey. Enfim, o resultado tinha sido o mesmo e Bobby Lee viveria com a imagem daquele rosto pálido e largo nos seus sonhos por muito, muito tempo.

Se não tivesse rompido com Marvella Truesdale — outra vez — na noite anterior, teria ficado sentado na sua secretária, a estudar Literatura Inglesa e a obrigar o seu cérebro a extrair alguma coisa do *Macbeth* de Shakespeare, em vez de ir pescar para Gooseneck Creek. Mas aquela última discussão no atribulado romance de dezoito meses com Marvella tinha dado conta dele. Bobby Lee decidira tirar o dia para descansar e reflectir. E para mostrar àquela Marvella de língua afiada que ele não era um mariquinhas dominado por mulheres, mas um homem a sério.

Os homens na família de Bobby Lee tinham sido sempre os galos do seu galinheiro — ou assim fingiam. Não era ele que ia pôr termo àquela tradição.

Aos dezanove anos, Bobby Lee estava mais do que crescido. Media um metro e oitenta e cinco e era bastante magro, estando a alguns anos do tempo em que as carnes perderiam o seu lustre. Mas tinha umas mãos enormes, de trabalhador, tal como o pai, na extremidade de uns braços muito magros. O cabelo negro era espesso como o da mãe, e as suas pestanas extravagantes eram outra herança. Gostava de usar o cabelo penteado para trás, ao estilo do seu ídolo James Dean.

Bobby Lee considerava Dean um homem a sério, do tipo que não toleraria livros de estudo, tal como ele. Se dependesse dele, estaria a trabalhar a tempo inteiro na estação de serviço e restaurante do Sonny Talbot, em vez de dar cabo da cabeça para tentar terminar o décimo segundo. Mas a sua mãezinha tinha outros planos para ele, e ninguém em Innocence, Mississípi, se atrevia a contrariar Happy Fuller, a não ser que não tivesse outra opção.

Happy — um nome de baptismo que lhe assentava bem, uma vez que era capaz de sorrir beatificamente enquanto aplicava o mais rude golpe — ainda não conseguira perdoar o filho por ter reprovado dois anos. Se o humor de Bobby Lee não estivesse tão em baixo, não se arriscaria a dispensar um dia, não com as suas notas assim tão baixas. Mas Marvella era o tipo de rapariga que levava um homem — um homem a sério — a cometer actos impensados e descuidados.

Assim, Bobby Lee pescava nas águas castanhas e caprichosas de Goseneck Creek, aninhando-se no seu casaco de ganga gasto para se proteger do frio. O seu pai sempre lhe dissera que quando um homem tinha assuntos importantes em que pensar, a melhor cura era fazer-se à água e esperar que mordesse.

Não importava se apanhava alguma coisa ou não. Importava, sim, estar ali.

— Malditas mulheres — resmungava Bobby Lee, exibindo o esgar desdenhoso que ensaiara durante várias horas, diante do seu espelho da casa de banho. — Malditas mulheres, daqui até ao inferno.

Dispensava a dor que Marvella fora tão generosa em propiciar-lhe. Desde que tinham feito aquilo no banco de trás do seu Cutlass, ela não o deixava em paz, tentando fazer dele aquilo que queria.

Não lhe parecia bem, nem pensar. Nem mesmo sabendo que ela o deixava louco de amor quando não estavam a discutir. Nem mesmo quando aqueles seus olhos azuis enormes lhe pareciam sussurrar segredos quando se cruzavam nos corredores na Secundária de Jefferson Davis. E nem mesmo sabendo que, quando conseguia despi-la, ela o fornicava sem dó nem piedade.

Talvez a amasse e talvez ela fosse mais inteligente do que ele. Mas ele não a deixaria conduzi-lo como um cachorrinho numa trela.

Bobby Lee instalou-se entre os canaviais que ladeavam o pequeno riacho alimentado pelo portentoso Mississípi. Conseguia escutar o apito solitário do comboio que se dirigia a Greenville e o sussurrar da brisa húmida do Inverno pelos canaviais indolentes. O fio perfurava a água com firmeza.

A única coisa que parecia morder naquela manhã era o seu mau feitio.

Talvez fosse até Jackson, para limpar a poeira de Innocence dos seus sapatos e dar uma volta pela cidade. Era um bom mecânico — dos melhores — e achava que conseguiria arranjar emprego por lá com ou sem diploma do secundário. Ora bolas. Não precisava de saber nada sobre um larilas chamado Macbeth, ou triângulos obtusos e coisas assim, para reparar um carburador. Em Jackson conseguiria arranjar um emprego numa garagem e progredir até ser chefe. Ora, até podia tornar-se dono do estaminé. E, entretanto, a Marvella “Eu-bem-te-disse” Truesdale continuaria em Innocence, a chorar desalmadamente.

Então, ele voltaria. O sorriso de Bobby Lee iluminou o seu rosto duro e bonito, temperando os olhos cor de chocolate de uma forma que faria o coração de Marvella baralhar o ritmo. Sim, ele voltaria, com notas de vinte dólares a jorrarem-lhe dos bolsos. Passearia pela cidade no seu Cadillac clássico de 1962 — um dos muitos na sua frota — enfiado num fatinho italiano e mais rico do que os Longstreet.

E então encontraria Marvella, magra e pálida de tanto chorar por ele. Estaria na esquina da mercearia Larsson's, com as mãos cruzadas sob os seus seios suaves e as lágrimas a correrem-lhe pelo rosto, só de o ver.

E quando ela caísse a seus pés, soluçando, gemendo e dizendo o quanto lamentava por ter sido uma chata terrível, afastando-o dela, ele podia — talvez — perdoá-la.

Aquela fantasia embalava-o. À medida que o Sol brilhava com maior intensidade, assim atenuando o frio do ar e dançando sobre a água escurecida do riacho, Bobby Lee começou a imaginar os pormenores íntimos daquele reencontro.

Levá-la-ia a Sweetwater — depois de comprar a antiga plantação dos Longstreet, entretanto caídos em desgraça. Ela ficaria sem palavras perante a sorte que a ele tinha calhado. E, romântico e cavalheiresco que era, pegaria nela ao colo, transportando-a escadas acima.

Uma vez que Bobby Lee nunca tinha ido além do quinto andar de Sweetwater, a sua imaginação tornou-se desenfreada. O quarto para onde transportava a nervosa Marvella mais parecia uma suite de hotel em Las Vegas, o que correspondia à ideia de classe de Bobby Lee.

Cortinados vermelhos e pesados, uma cama em forma de coração, enorme como um lago. Uma tapete tão espessa que ele quase tinha de a abrir para andar. Havia música no ar. Algo clássico, pensou. Bruce Springsteen ou Phil Collins. Sim, Marvella ficaria toda derretida com Phil Collins.

Então, ele deitá-la-ia na cama. Os olhos dela estariam molhados quando ele a beijasse. Ela dir-lhe-ia repetidas vezes que tinha sido uma tola e que o amava e que dedicaria o resto dos seus dias a fazê-lo feliz. A fazer dele o seu rei.

Então, ele passaria as suas mãos por aqueles seios incrivelmente brancos e com as extremidades rosadas, apertando-os levemente, mesmo como ela gostava.

As coxas suaves dela abrir-se-iam de imediato e ela enterraria os dedos nos ombros dele, ao mesmo tempo que produzia aquele ruído gutural delicioso. E depois...

Sentiu um puxão na linha. Pestanejando, Bobby Lee sentou-se direito, fazendo uma careta à pressão que as suas calças faziam na zona intumescida do seu gancho. Distraído pela erecção, arrancou o peixe gordo da água, deixando-o agitar-se sob o sol intenso. Com as mãos trémulas e escorregadias, já afectadas pela excitação, atirou o peixe para os canaviais.

Imaginando-se prestes a entrar em Marvella, enredou a linha nas canas. Levantou-se, praguejando por ter sido tão incauto. Porque uma linha de qualidade tinha tanto valor quanto o peixe que apanhava, Bobby Lee avançou pelo canal e começou a endireitá-la.

A perca ainda estrebuchava. Conseguia escutar a luta molhada do animal. Sorrindo, puxou a linha com rapidez. Sentiu-a resistir e resmungou em voz baixa.

Deu um pontapé a uma lata enferrujada, e avançou mais um passo para o meio da erva alta e fria. Escorregou, sentindo que o pé pousara em algo molhado. Bobby Lee Fuller caiu de joelhos. E deu consigo cara a cara com Arnette Gantrey.

O olhar de surpresa dela era idêntico ao seu — olhos esbugalhados, boca aberta, rosto pálido. A perca saltitava, despendendo o seu último fogo, por baixo dos seios nus e mutilados da jovem.

Viu que ela estava morta — completamente morta — e isso era mau. Mas foi o sangue, aglomerado em poças geladas, ensopando o solo húmido, transformando o cabelo pintado dela em algo escuro e seco, secando horrendamente nos locais donde vertera por dezenas de buracos infligidos na sua carne, rodeando o pescoço dela, onde um corte enorme se abria — foi o sangue que lhe extirpou os sons crus e animais, fazendo-o gatinhar desenfreadamente para fora dali. Não tinha percebido que os sons vinham de dentro de si. Mas sabia que tinha estado ajoelhado no sangue dela.

Bobby Lee conseguiu levantar-se, mesmo a tempo de vomitar o pequeno-almoço por cima das recém-adquiridas sapatilhas Converse pretas.

Abandonando a perca, a linha e boa parte da sua juventude nos canais sangrentos, desatou a correr em direcção a Innocence.

## 1.

O Estio, esse animal cruel e invejoso, flectia os seus músculos transpirados e dominava Innocence, no Mississípi. Não era difícil. Até mesmo antes da Guerra da Secessão, Innocence tinha sido pouco mais do que uma poeira no mapa. Embora o solo fosse apropriado para o cultivo — se o fazendeiro conseguisse suportar o calor húmido e as secas caprichosas —, Innocence não estava destinada a prosperar.

Durante a construção do caminho-de-ferro, a extensão da linha espraivava-se a Norte e a Sul o suficiente para provocar Innocence com aqueles assobios prolongados ecoando ritmo e progresso sem, contudo, os trazer para casa. A estrada interestadual, aberta no delta quase um século após as linhas de caminhos-de-ferro, desviara-se para outras paragens, unindo Memphis a Jackson e deixando Innocence perdida na poeira.

Não possuía campos de batalha, nem maravilhas naturais apelativas para os turistas munidos de máquinas fotográficas e dinheiro. Não havia um hotel para os mimar, mas apenas uma estalagem pequena e dolorosa-

mente simples, gerida pelos Koons. Sweetwater, a sua única plantação anterior à guerra, era da propriedade dos Longstreet, como o era já há mais de duzentos anos. Não estava aberta ao público, isto se o público estivesse interessado.

Sweetwater chegara a ser descrita na revista *Lares do Sul* (*Southern Homes*). Mas o destaque dera-se nos anos oitenta, quando Madeline Longstreet ainda era viva. Agora que ela e o avarento bêbedo do marido já tinham morrido, a casa era da propriedade dos seus três filhos que eram igualmente seus habitantes. Os três eram donos, aliás, de quase toda a cidade, mas pouco faziam por ela.

Dir-se-ia — aliás, dizia-se mesmo — que os três herdeiros Longstreet tinham herdado a beleza indomável da família, mas pouco da sua ambição. Seria difícil censurá-los, se o povo daquele enclave conseguisse invocar energia para censurar o que quer que fosse. Além do cabelo escuro, olhos dourados e ossos fortes, os Longstreet possuíam a capacidade de atrair um guaxinim da toca num piscar de olhos.

Ninguém censurava Dwayne por ter seguido as pisadas do pai, tornando-se alcoólico. E se era verdade que espatifava o carro de vez em quando e que destruíra umas mesas no McGreedy's Tavern, também era verdade que sabia compensar largamente quando ficava sóbrio. Se bem que eram poucos os momentos de sobriedade, à medida que os anos iam passando. Todos diziam que talvez tivesse sido diferente se ele não tivesse chumbado na escola elegante para onde o tinham enviado. Ou se tivesse herdado o talento nato do pai com a terra, além do apreço do velho pela bebida.

Outros, menos tolerantes, afirmavam que o dinheiro podia dar-lhe uma casa boa e bons carros, mas não lhe dava carácter.

Quando Dwayne engravidou Sissy Koons em 1984, casou com ela sem resmungar. E depois de dois filhos e incontáveis garrafas de uísque, quando Sissy exigiu o divórcio, o homem pôs termo ao casamento com a mesma convicção. Sem ressentimentos — aliás, sem sentimentos —, deixando Sissy partir com os filhos para Nashville, para viver com um vendedor de sapatos que queria ser o próximo Waylon Jennings<sup>1</sup>.

Josie Longstreet, a única rapariga e a mais nova dos três, casara-se já duas vezes, apesar dos seus trinta e um anos. Ambas as relações tinham sido de curta duração, mas particularmente profícuas na inspiração de boatos em Innocence. A jovem lamentaria ambas as experiências com a intensidade que uma mulher lamenta os primeiros cabelos brancos. Sentia alguma raiva, amargura e até medo. Mas pintava por cima. Longe da vista, longe do coração.

---

<sup>1</sup> Famoso cantor de estilo country, natural dos EUA, já falecido. (N. do T.)

Uma mulher não apreciava cabelos brancos, tal como não tencionava divorciar-se depois de ter proferido “até que a morte nos separe”. Mas os azares aconteciam. Como Josie gostava de dizer estoicamente a Crystal, a sua amiga do peito e proprietária do Style Rite Beauty Emporium, tencionava compensar esses dois erros experimentando todos os homens de Innocence até à fronteira com o Tennessee.

Josie sabia que havia umas coscuvilheiras emproadas que gostavam de dizer covardemente que Josie Longstreet não era nada de especial. Mas havia muitos homens que lhe sorriam disfarçadamente e sabiam que ela era bem mais do que especial.

Tucker Longstreet gostava de mulheres, talvez não com a entrega com que a irmã apreciava os homens, mas já tivera a sua quota-parte. E também era conhecido por gostar de uns copos — embora não com a sede interminável do irmão mais velho.

Para Tucker, a vida era um caminho longo e descontraído. Não se importava de o percorrer, desde que pudesse fazê-lo ao seu ritmo. Gostava de desvios, desde que pudesse escolher voltar ao seu destino. Até ao momento, conseguira esquivar-se a uma viagem até ao altar, já que as experiências desagradáveis dos irmãos lhe tinham causado má impressão. Preferia fazer o seu trajecto sem peso a mais.

Era um tipo simpático e bastante apreciado pela maior parte das pessoas. O facto de ter nascido rico podia ter causado algumas inimizades, mas ele não se pavoneava muito. E era de uma generosidade tal que o tornava querido pela população. Qualquer pessoa sabia que, se precisasse de um empréstimo, podia contar com o velho Tuck. O dinheiro estaria disponível sem os incómodos que pedir por vezes implicava. É claro que havia sempre alguém que dizia que era fácil emprestar dinheiro quando se tinha mais do que bastante. Mas nem isso mudava a cor das notas.

Ao contrário do pai, Beau, Tucker não contabilizava os juros diariamente, nem trancava na sua gaveta um caderninho de capa em pele cravejado pelos nomes das pessoas que lhe deviam dinheiro. E que continuariam a dever até semearem a terra com o seu próprio corpo. Tucker mantinha os juros a uma taxa razoável de dez por cento. Os nomes e os números estavam todos registados na sua cabeça inteligente e frequentemente subvalorizada.

Em todo o caso, não o fazia pelo dinheiro. Tucker raramente fazia o que quer que fosse pelo dinheiro. Fazia-o porque não lhe custava e porque dentro daquele corpo magro e agradavelmente descontraído escondia-se um coração generoso e algo culpado.

Não fizera nada para merecer a sorte que tinha, o que tornava o esbanjamento perfeitamente tranquilo. Tucker tanto bocejava, conformado,



perante essa realidade, como era acometido por um pontual alerta de consciência social.

E sempre que a consciência clamava mais alto, espreguiçava-se na rede estendida à sombra de um carvalho velho, inclinava o chapéu para cobrir os olhos e bebia uma cerveja fresca até que o desconforto se esbatasse.

Era precisamente isso que estava a fazer quando Della Duncan, a governanta dos Longstreet há mais de trinta anos, enfiou a cabeça pela janela do segundo andar.

— Tucker Longstreet!

Esperançoso, Tucker deixou-se estar de olhos fechados e abandonou-se ao balouçar da rede. Equilibrava uma garrafa de cerveja Dixie na sua barriga lisa e despida, com a mão a amparar suavemente o vidro.

— Tucker Longstreet! — A voz ribombante de Della espantara os pássaros das árvores. Tucker lamentou o facto, já que se deixara deambular ao som do seu piar, harmonizado pelo zunzum monótono das abelhas que cortejavam as gardénias. — Estou a falar contigo, rapaz.

Suspirando, Tucker abriu os olhos. O Sol brilhava intensamente através do seu chapéu largo. Era verdade que pagava o vencimento de Della, mas detinha pouca autoridade sobre a mulher que lhe tinha mudado as fraldas e dado algumas sapatadas no rabo. Relutantemente, Tucker empurrou o chapéu para trás e fitou-a, de olhos semicerrados.

Ela inclinava-se para a frente à força toda, com o cabelo ruivo à espreita pelo lenço com que tentara prendê-lo. O seu rosto largo e intensamente corado exibia a expressão séria e admoestadora que Tucker aprendera desde cedo a respeitar. Três fios de contas coloridas chocalhavam no parapeito.

Tucker exibiu o típico sorriso inocente e cheio de artimanhas que um rapaz exhibe quando é apanhado a fazer asneiras.

— Sim, senhora?

— Disseste que ias à cidade para me trazer um saco de arroz e uma grade de Coca-Cola.

— Ora bem... — Tucker esfregou a garrafa fria no peito antes de a levar aos lábios para beber um longo trago. — Parece que sim, Della. Pensei em ir assim que arrefecesse um pouco mais.

— Levanta-me esse rabo preguiçoso e vai agora. Senão, podes contar com um prato vazio para o jantar.

— Está demasiado calor para comer — resmungou ele entre dentes, não conseguindo evitar os ouvidos de lebre de Della.

— Que disseste, rapaz?

— Disse que estava a caminho. — Com a graciosidade de um bailarino, Tucker deslizou para fora da rede, terminando a garrafa em simultâneo. Depois, sorriu para ela, com o chapéu descaído sobre o seu cabelo encara-

colado e encharcado em suor e o brilho do demo nos seus olhos dourados, seduzindo Della de imediato. Foi com esforço considerável que a mulher manteve a boca firme e fechada.

— Ainda vais ganhar raízes nessa rede. Ouve o que te digo. O corpo ainda pensa que estás doente por preferires andar deitado do que ficar de pé.

— Há muitas coisas que um homem pode fazer deitado, sem ser dormir, Della.

A mulher deixou-se trair com uma gargalhada sonora e divertida.

— Mas não te percas muito nisso, senão ainda és arrastado para o altar com alguém como a rameira da Sissy que me levou o meu Dwayne.

Tucker voltou a sorrir.

— Não, senhora.

— E traz-me aquela água-de-colónia. Está em promoção no Larsson's.

— Atire-me a carteira e as chaves, então.

Della voltou a enfiar-se dentro de casa, voltando momentos depois, para atirar os dois objectos a Tucker. Ele apanhou-os em pleno voo com um movimento ágil do pulso que fez Della pensar que o rapaz não era tão lento como fazia crer.

— Veste a camisa... e enfia-a nas calças — ordenou Della, como se ele tivesse apenas dez anos de idade.

Tucker tirou-a da rede, vestindo-a ao mesmo tempo que passava pela frente da casa, onde uma série de colunas dóricas se erguiam do alpendre coberto, em direcção ao terraço do segundo andar, debruado a ferro forjado intrincado. A pele colou-se-lhe ao algodão antes mesmo de alcançar o carro.

Entrou para o Porsche — uma compra de impulso concluída seis meses antes, da qual ainda não se cansara. Hesitou entre apreciar o conforto do ar condicionado e a excitação do vento a bater-lhe no rosto, optando por manter a capota descida.

Uma das poucas coisas que Tucker fazia depressa era conduzir. A gravilha disparou debaixo dos pneus quando engatou a primeira mudança e rasgou o caminho pela alameda comprida e sinuosa. Passou ao lado do círculo onde a sua mãe plantara peónias, hibisco e gerânios vermelhos. A alameda era ladeada por magnólias ancestrais que exalavam um aroma intenso e agradável. Passou diante do marco branco de granito que assinalava o local onde o seu tio-tetra-avô Tyrone tinha sido cuspidor por um cavalo mal-humorado, partindo o pescoço aos dezasseis anos de idade.

O marco tinha sido deixado pelos pais chorosos de Tyrone, em homenagem à sua morte. Também servira para os lembrar que se Tyrone não tivesse optado por se estrear numa égua malvada, não teria partido o pescoço teimoso e o seu irmão mais novo, o tetravô de Tucker não teria herdado Sweetwater de que agora era herdeiro.

Tucker podia estar a viver numa cobertura em Jackson.

Nunca sabia muito bem se haveria de se sentir grato ou irritado, sempre que passava por aquele pedaço de pedra.

Seguiu pelos portões altos e largos, entrando na estrada asfaltada cujo cheiro era intensificado pelo sol, misturando-se com o das águas do pântano disfarçado pelo biombo de árvores. E as próprias árvores libertavam um perfume forte e verde que lhe dizia que, apesar de o calendário afirmar que ainda faltava uma semana para o Verão, o delta sabia que não.

Começou por pegar nos óculos, colocando-os no rosto antes de escolher uma cassette ao acaso e introduzindo-a no gravador. Tucker era um grande apreciador de música dos anos cinquenta, por isso, não havia nada no carro posterior a 1962. Jerry Lee Lewis gritava abertamente e a voz impregnada de uísque do cantor, acompanhada pelo desespero do piano, celebrava a irrefutável verdade de que havia muito que agitar<sup>2</sup>.

Para acompanhar o velocímetro que se aproximava rapidamente dos cento e trinta quilómetros por hora, Tucker exibiu a sua voz excelente de tenor. Com os dedos, tamborilava cheio de ritmo no volante, como se ali estivessem as teclas de um piano.

Acelerando numa subida, precisou de se desviar para evitar embater contra a traseira de um BMW. Buzinou com convicção, embora não como aviso e sim como cumprimento, passando ao lado do elegante veículo vermelho. Não abrandou, mas viu de relance pelo seu espelho retrovisor que o carro estava parado, metade dentro e metade fora da alameda que dava para a casa de Edith McNair.

Nos segundos em que Jerry Lee avançava para a balada “Breathless”, cantada com a sua voz rouca, Tucker pensou no carro e no condutor. A senhora Edith tinha morrido cerca de dois meses antes — aproximadamente na mesma altura em que tinha sido descoberto o segundo cadáver mutilado a flutuar nas águas de Spook Hollow.

O caso dera-se em Abril e tinha sido organizado um grupo de buscas por Francie Alice Logan, desaparecida há dois dias. Tucker ficou tenso quando se lembrou da sensação de penetrar o pântano com uma espingarda Ruger Red Label, na esperança de não dar um tiro no próprio pé nem de dar de caras com nada estranho.

Mas eles encontraram-na e ele tivera a má sorte de estar ao lado de Burke Truesdale nesse momento.

Não era fácil pensar no que a água e os peixes tinham feito à atrevida Francie, a ruivinha simpática com quem tinha namoriscado e saído algumas vezes, pensando até dormir com ela.

---

<sup>2</sup> Alusão à canção “Whole Lotta Shakin’ Goin’ On”, do referido artista. (N. do T.)

Sentiu um aperto no estômago e aumentou o volume da música. Não queria pensar em Francie. Não podia. Estava a pensar na senhora Edith, o que era bastante melhor. Vivera quase até aos noventa e morrera tranquilamente durante o sono.

Tucker recordava-se de ela ter deixado a sua casa de dois andares, construída durante a Reconstrução, ainda em bom estado, a um parente do Norte.

E como Tucker sabia que ninguém num raio de cinquenta quilómetros de Innocence tinha um BMW, concluiu que o tal parente tinha decidido conhecer a sua herança.

Afastou a invasão do Norte dos pensamentos, pegou num cigarro e, depois de cortar a extremidade, acendeu-o.

Um quilómetro antes, Caroline Waverly agarrou com força o volante do seu carro e esperou que o seu coração lhe descesse novamente pela garganta.

*Idiota! Parvalhão! Irresponsável da treta!*

Obrigou-se a levantar o pé trémulo do travão e a aumentar a velocidade até o carro estar novamente na alameda enorme.

Tinha sido por pouco. Aquele homem não lhe batera por pouco! E ainda tinha tido a lata de a cumprimentar com uma buzina. Se ao menos ele tivesse parado. Ai, se ele tivesse parado, tinha dito àquele idiota assassino poucas mas boas.

E então sentir-se-ia melhor, depois de ter dado largas ao seu temperamento. Tinha aprendido a fazê-lo desde que o doutor Palamo lhe dissera que a úlcera e as dores de cabeça eram a consequência directa de reprimir os seus sentimentos. E das horas excessivas a trabalhar, claro.

Bem, estava a tentar resolver ambos os problemas. Caroline descolou as mãos transpiradas do volante e limpou-as às calças. Tiraria umas longas e tranquilas férias em Nenhures, no Mississípi. Ao fim de alguns meses — se entretanto aquele calor horroroso não a matasse — estaria pronta para preparar a *tournee* da Primavera.

Quanto aos sentimentos reprimidos, isso não voltaria a acontecer. A sua última discussão com Luis tinha sido tão libertadora e tão gloriosamente desinibida que ela quase desejava voltar para Baltimore e fazer tudo outra vez.

Quase.

O passado — e Luis, com a sua bela língua, talento brilhante e apetite insaciável pertencia seguramente ao passado. O futuro, pelo menos até ela conseguir recuperar dos nervos e da saúde, não lhe interessava particularmente. Pela primeira vez na sua vida, Caroline Waverly, menina-prodígio, música dedicada e altamente emotiva, aprenderia a viver apenas o momento presente.

E ali ia, finalmente, construir o seu lar. À sua maneira. Pararia de fugir aos seus problemas. Pararia de se vergar às exigências e expectativas da sua mãe. E de se esforçar por ser o reflexo dos desejos dos outros.

Seguiria em frente, assumiria o controlo. E, quando o Verão terminasse, tencionava descobrir quem Caroline Waverly realmente era.

Sentindo-se um pouco melhor, voltou a colocar as mãos no volante e arrancou suavemente com o carro. Lembrava-se vagamente de ter andado por ali, numa qualquer visita aos avós. Fora uma visita curta, claro — a mãe de Caroline fizera tudo o que pudera para pôr termo às suas raízes do interior. Mas Caroline recordava-se do avô, um homem grande e de rosto corado que a levava a pescar, certa manhã. E da sua relutância de menina em colocar uma minhoca no anzol, até o seu avô lhe explicar que o animal também estava à espera de apanhar um peixe grande para comer.

Lembrava-se da sua alegria assustada quando a linha repuxava e a sensação de espanto e satisfação quando voltaram a casa com três peixes-gato robustos. A sua avó, uma mulher magra e eléctrica de cabelo grisalho, fritara a pescaria numa sertã preta pesada. Embora a mãe de Caroline se tivesse recusado a provar, a menina servira-se avidamente do repasto — era apenas uma menina de seis anos de cabelo loiro, dedos compridos e uns olhos verdes enormes.

Quando divisou a casa, sorriu. Não tinha mudado assim tanto. A tinta começava a descascar nas portadas e a erva dava pelo tornozelo, mas continuava a ser uma casa de dois andares com um alpendre coberto feito para descontrair e uma chaminé de pedra que descaía ligeiramente para a esquerda.

Sentiu uma impressão nos olhos, mas conteve as lágrimas. Era uma tolice sentir-se triste. Os seus avós tinham vivido vidas longas e felizes. Era uma tolice sentir-se culpada. Quando o avô morrera, dois anos antes, Caroline estava em Madrid, em plena *tournee* de concertos e assoberbada de compromissos. Não tinha sido possível viajar a tempo do seu funeral.

Mas ela tentara, tentara deveras convencer a avó a ir à cidade, pois facilmente Caroline conseguiria viajar até lá entre concertos.

Contudo, Edith não se mexera. Rira-se da possibilidade de deixar a casa onde entrara como recém-casada setenta anos antes, a casa onde os seus filhos tinham nascido e crescido, a casa onde vivera a sua vida inteira.

E quando a avó morrera, Caroline estava num hospital de Toronto, a recuperar de exaustão. Só uma semana depois do funeral fora informada do falecimento da senhora.

Por isso, era uma tolice sentir-se culpada.

Ainda assim, sentada no seu carro, com o ar condicionado a soprar-lhe suavemente para o rosto, deixara-se levar pela emoção.

— Perdoem-me — disse aos fantasmas. — Perdoem-me por não ter estado presente. Por nunca ter estado presente.

Suspirando, passou a mão pelo liso e curto cabelo cor de mel. Não adiantava ficar sentada no carro a lamentar-se. Precisava de levar as suas coisas para dentro, dar uma vista de olhos à casa, instalar-se. Agora, a casa pertencia-lhe e tencionava ficar com ela.

Quando abriu a porta do carro, o calor consumiu de imediato o oxigénio dos seus pulmões. Lutando contra aquela força inelutável, pegou no estojo do violino, pousado no assento de trás. Sentia-se já sem fôlego quando transportou o instrumento e uma caixa carregada de pautas para o alpendre.

Foram necessárias mais três viagens do carro para a casa para transportar malas, dois sacos de mercearia que ela comprara num pequeno mercado a dois quilómetros a norte, e, finalmente, um gravador de cassetes.

Assim que alinhou todos os seus pertences, pegou nas chaves. Cada uma delas estava identificada: porta da frente, porta das traseiras, cave, cofre, carrinha Ford. As diferentes chaves chocaram musicalmente quando Caroline escolheu a da porta da frente.

A porta rangeu, como seria de esperar de uma porta antiga, abrindo para um interior mal iluminado e empoeirado, com pouco uso.

Primeiro, pegou no violino. Era certamente mais importante do que a mercearia. Um pouco perdida e, pela primeira vez, sozinha, entrou.

O corredor conduzia directamente para a zona da cozinha. À esquerda, as escadas subiam, marcando um ângulo recto depois do terceiro degrau. O corrimão era de carvalho escuro e robusto, coberto agora por uma camada fina de pó. Por baixo das escadas havia uma mesa em cima da qual se encontrava um pesado telefone preto, ao lado de um jarro vazio.

Caroline pousou a mala e deitou mãos à obra.

Transportou a mercearia para a cozinha com as suas paredes amarelas e brancas e armários com portas de vidro. Como a casa parecia um forno, começou por guardar a comida, sentindo-se aliviada ao perceber que o frigorífico estava imaculadamente limpo.

Tinham-lhe dito que algumas vizinhas tinham ido limpar a casa depois do funeral. Caroline sentia que aquela cortesia do campo era sincera. Por baixo daquele pó acumulado de dois meses, para além das teias de aranha que decoravam os cantos, sentia-se o odor a desinfectantes.

Caminhou lentamente até à entrada, com os seus tacões a ecoarem na robustez da madeira do soalho. Espreitou para a sala de visitas com as suas almofadas rendadas e uma enorme televisão antiga que mais parecia objecto de antiquário. Na sala de estar, rosas desbotadas decoravam as paredes e a mobília escondia-se por baixo de panos para a proteger do pó. No

seguimento da divisão surgia o escritório do seu avô com a sua vitrina de espingardas de caça e pistolas de tiro ao alvo e a sua enorme cadeira, já gasta nos braços.

Pegando nas malas, Caroline começou a subir as escadas para escolher o quarto. Por emoção e sentido prático, acabou por escolher o quarto dos avós. A cama pesada de quatro postes e decorada com uma colcha de padrão anelar prometia algum conforto. A arca de cedro a seus pés podia esconder alguns segredos. As pequenas violetas e rosas entrelaçadas nas paredes providenciavam um cenário de tranquilidade.

Caroline pousou as malas no chão e dirigiu-se à porta estreita de vidro que conduzia ao alpendre alto e aberto. Dali conseguia ver as rosas e as flores perenes da avó, numa luta contra as ervas daninhas. Conseguia ouvir o estalar da água numa qualquer pedra ou toro caído por trás do emaranhado de carvalhos e barba-de-velho. E, mais além, através da névoa do calor, divisava a faixa castanha de água que era o poderoso Mississípi.

Os pássaros cantavam numa sinfonia de som que rasgava o ar quente — gaios, pardais, corvos e cotovias. E talvez o gorgolejar estridente de um peru selvagem.

Deixou-se sonhar por um momento, aquela mulher de estrutura delicada, um pouco magra de mais, de mãos requintadas e olhos cansados.

Por momentos, a vista, os aromas e os sons desvaneceram. Estava na sala de estar da mãe, com o suave tiquetaque do relógio da mãe e o aroma a Chanel. Em breve partiriam para o seu primeiro recital.

— Esperamos o melhor de ti, Caroline. — A voz da mãe era suave e compassada, deixando pouco espaço a qualquer comentário. — Esperamos que sejas a melhor. Não vale a pena dedicares-te a menos do que isso. Compreendes?

Os dedos dos pés de Caroline flectiam nervosamente nos seus sapatos envernizados. Tinha apenas cinco anos.

— Sim, mamã.

Agora imaginava-se no salão, com os braços cansados após duas horas de treino. O Sol brilhava, intenso e dourado, lá fora. E ela conseguia divisar um rouxinol pousado na árvore. Fê-la sorrir e pausar.

— Caroline! — A voz da mãe vinha do andar de cima. — Ainda tens uma hora para praticar. Como esperas estar preparada para esta *tournée* se não tiveres disciplina? Agora, recomeça.

— Desculpa.

Com um suspiro, Caroline levantou o violino que os seus ombros de doze anos começavam a sentir pesado como chumbo.

Agora via-se nos bastidores, a debater-se contra os nervos de uma noite de estreia. E cansada, tão cansada dos contínuos ensaios, dos prepa-

rativos, das viagens. Há quanto tempo vivia naquele redemoinho? Teria dezoito anos? Vinte?

— Por amor de Deus, Caroline, põe mais *blush*. Pareces a encarnação da morte. — Aquele tom impaciente e crítico, os dedos implacáveis a prender-lhe o queixo, erguendo-o. — Porque não podes demonstrar algum entusiasmo? Sabes o quanto o teu pai e eu nos esforçámos para estares onde estás hoje? E quanto sacrificámos? E aqui estás tu, dez minutos antes de a cortina se abrir, a fitar o espelho, amuada.

— Desculpa.

Passava o tempo a pedir desculpa.

Agora, via-se deitada numa cama de hospital em Toronto, doente, exausta e envergonhada.

— Mas que queres dizer com isso de cancelares o resto da *tournee*?

O rosto furioso e tenso da mãe pairava sobre o dela.

— Não me sinto capaz de a terminar. Desculpa.

— Desculpa? De que me vale um pedido de desculpas? Estás a dar cabo da tua carreira, deixaste o Luis ficar mal de forma imperdoável. Não me admirava nada que ele pusesse um termo ao vosso noivado, além de te afastar profissionalmente.

— Ele estava com outra pessoa — ripostou Caroline, debilmente. — Vi-o mesmo antes de o espectáculo começar... no camarim. Estava com outra pessoa.

— Não digas tolices. E se for verdade, a culpa é tua. Tendo em conta a forma como te tens comportado nos últimos tempos... a deambular como um fantasma, a cancelar entrevistas e a recusar convites para festas. Depois de tudo o que fiz por ti, é assim que me pagas. Como esperas que lide com a imprensa, com a especulação depois da confusão que criaste?

— Não sei. — Ajudava fechar os olhos, cerrá-los e afastar tudo de uma vez. — Desculpa, mas não consigo mesmo.

Não, pensava Caroline, abrindo novamente os olhos. Não era capaz de continuar. Não podia ser aquela pessoa que todos queriam que ela fosse. Não agora. Nunca mais. Seria ela egoísta, ingrata e mimada e todos aqueles nomes que a mãe lhe chamava? Já nada parecia incomodá-la, agora.

Tudo o que importava era que, agora, ela estava ali.

A quinze quilómetros dali, Tucker Longstreet conduzia em direcção ao coração de Innocence, levantando poeira e assustando terrivelmente o beagle gordo de Jed Larsson, Nuisance<sup>3</sup>, que estava a descansar na plataforma de cimento por baixo do toldo riscado da retrosaria.

---

<sup>3</sup> Maçada. (N. do T.)



Caroline Waverly seria capaz de compreender a aflição do cão quando ele abriu um olho para observar o carro vermelho e cintilante que acelerava na sua direção, travando a pouco mais de dez centímetros do seu local de repouso. Ganindo, o cão levantou-se num salto e resolveu procurar um território mais seguro.

Tucker riu-se e chamou Nuisance com um estalido de língua e um assobio, mas o cão continuou a avançar. Nuisance odiava o carro vermelho com tamanha paixão que jamais se aventurava a aproximar-se do veículo para lhe urinar nos pneus.

Tucker guardou as chaves no bolso com descaso. Tencionava comprar o arroz, as bebidas e a colónia que Della lhe pedira, para depois poder voltar a estender-se na sua rede — pois era ali o lugar de um homem numa tarde quente e sem ponta de brisa. Mas, então, viu o carro da irmã, atravessado em dois lugares de estacionamento, diante do Chat 'N Chew.

Ocorreu-lhe que a viagem o deixara com sede e que um copo de limonada vinha mesmo a calhar. E talvez um belo naco de tarte de amoras.

Mais tarde, passaria muito tempo a lamentar aquele pequeno desvio.

Os Longstreet eram os proprietários do Chat 'N Chew, da lavandaria Wash & Dry, da Estalagem Innocence, do Feed and Grain, da loja de armas Hunter's Friend e de uma dúzia de edifícios arrendados. Os Longstreet tinham tido a sensatez — ou preguiça — de contratarem gerentes para cada um desses negócios.

Dwayne tinha algum interesse nas casas arrendadas, passeando por cada uma delas no primeiro dia do mês para levantar cheques ou escutar desculpas ou, ainda, anotar listas de reparações necessárias.

Já Tucker ficava-se pelos livros de contas, gostasse ou não. Certa vez, queixara-se tanto da tarefa que Josie decidira assumi-la. Mas, depois, deixara as contas de tal forma desorganizadas que ele passara dias a corrigir tudo novamente. Não se importava muito, na verdade.

Cuidar das contas era algo que podia fazer no fresco da noite, com uma bebida regeneradora ao lado. A sua facilidade com os cálculos tornava a tarefa mais irritante do que complexa.

O Chat 'N Chew era um dos locais preferidos de Tucker. O restaurante possuía uma daquelas janelas enormes eternamente preenchida com cartazes a anunciarem vendas de bolos, peças escolares e leilões.

Lá dentro, o pavimento era de linóleo, já amarelado do tempo e com pequenas marcas castanhas que pareciam moscas esmagadas. As cabinas estavam revestidas a vinil vermelho, uma evolução evidente do material castanho rasgado e desfeito que Tucker mandara substituir apenas seis meses antes. O vermelho começara já a ficar alaranjado.

Ao longo dos anos, os vários visitantes tinham gravado mensagens

nos tampo laminados. Era uma espécie de tradição do Chat 'N Chew. As iniciais eram particularmente repetidas bem como corações e outros desenhos simples. Mas, por vezes, havia alguém que se sentia mais inspirado e escrevinhava um “Olá” ou “Vai à merda”. Ou, num caso mais rabujento, “Come merda e morre”.

Earleen Renfrew, a gerente do estabelecimento, tinha ficado tão desiludida com aquela sugestão que Tucker sentiu-se obrigado a pedir uma lixadeira eléctrica emprestada para eliminar as palavras ofensivas.

Cada cabina tinha a sua *jukebox* individual onde era possível seleccionar a música — sempre três por vinte e cinco cêntimos. Porque Earleen apreciava particularmente música country, a *jukebox* também, mas Tucker conseguira encaixar algumas peças de rock ou R&B dos anos cinquenta.

O amplo balcão era ladeado por uma dezena de bancos altos, todos revestidos com o mesmo vinil vermelho desbotado. Uma vitrina de três pisos exibia as tartes do dia. Tucker fitou a de amoras com um ar de puro deleite.

Trocando alguns acenos e “olás” com os clientes, abriu caminho pelo ambiente impregnado de gordura e fumo, até chegar perto da irmã, encostada ao balcão. Profundamente embrenhada numa discussão com Earleen, Josie deu uma sapatada distraída no braço do irmão e continuou a falar.

— E então disse-lhe: “Justine, se te vais casar com um homem como o Will Shiver, a única coisa que precisas de fazer para seres feliz é comprar um cadeado para a carcela dele e certificar-te de que só tu tens a chave. Até pode fazer chichi pelas pernas abaixo de vez em quando, mas não passa disso”.

Earleen riu-se, divertida, ao mesmo tempo que limpava umas marcas de copos no balcão.

— Ora, não consigo perceber por que raio se quer casar com um pamonha como o Will.

— Querida, ele é uma verdadeira *fera* na cama. — Josie piscou o olho, sub-repticiamente. — É o que dizem. Olá, Tucker. — Voltou-se para dar um beijo repenicado ao irmão, agitando de seguida os dedos diante dos olhos dele. — Fui arranjar as unhas. Vermelho Fogo. Que achas?

Concentrado, Tucker analisou as unhas enormes e vermelhas da irmã.

— Parece que acabaste de arrancar os olhos a alguém. Arranja-me uma limonada e uma fatia daquela tarte, com gelado de baunilha em cima, Earleen.

Bastante satisfeita com a descrição que Tucker lhe fornecera das suas unhas, Josie passou-as pela juba de cabelo negro artisticamente emaranhada.

— A Justine bem queria arrancar-me os meus. — Sorrindo, pegou

na Diet Coke e bebeu pela palhinha. — Estava no salão de beleza a pintar as raízes, agitando a mão para mostrar um nico de vidro a que chama de diamante. O mais certo é tê-lo ganhado a deitar garrafas abaixo na feira.

Os olhos dourados de Tucker pestanejaram.

— Estás com ciúmes, Josie?

Josie retesou-se, com o lábio de baixo ligeiramente saliente, mas rapidamente mudou de expressão e atirou o cabelo para trás.

— Se eu o quisesse, tinha-o sem problemas. Mas, fora da cama, dava-me um sono inacreditável. — Agitou o refrigerante que restava com a palha e lançou um olhar rápido e sedutor na direcção de dois rapazes sentados numa das cabinas. Os dois endireitaram-se de imediato, encolhendo as suas barrigas inchadas da cerveja. — Tu e eu, Tuck, carregamos uma espécie de fardo. Somos mesmo irresistíveis para o sexo oposto.

Depois de sorrir para Earleen, Tucker começou a comer a tarte.

Josie tamborilava as suas unhas recentemente pintadas no balcão, pelo puro prazer de as ouvir estalar. A agitação que a levava a casar e a divorciar-se duas vezes no espaço de cinco anos começava a despontar novamente. Sentia que estava a chegar o momento de seguir em frente. Alguns meses em Innocence faziam-na sonhar com a excitação de um outro lugar qualquer. E alguns meses noutra lugar qualquer faziam-na ansiar pelo sossego da sua terra natal.

Alguém inserira uma moeda na *jukebox* e a voz de Randy Travis gemia as misérias do amor. Josie tamborilou as unhas mais espaçadamente e torceu o nariz vendo Tucker engolir amoras silvestres e gelado.

— Não compreendo como consegues comer assim a meio do dia.

Tucker enfiou mais uma colherada de tarte.

— Basta abrir a boca e engolir.

— E nunca engordas um quilo que seja. Já eu, tenho de ter cuidado com cada migalha que como antes que as minhas ancas fiquem como as da Vó Gantrey. — Enfiou o dedo no gelado de Tucker e lambeu. — Que fazes tu aqui, além de enfardares?

— Vim tratar de uns recados para a Della. Passei num carro que estava a virar para a casa dos McNair.

— Hum. — Josie podia ter prestado um pouco mais de atenção àquela novidade, mas Burke Truesdale tinha acabado de entrar. Ela endireitou-se no seu assento, cruzando as pernas longas e suaves, e sorriu profusamente. — Olá, Burke.

— Josie. — Ele aproximou-se de Tucker e deu-lhe uma palmada nas costas. — Tuck. Que andam vocês dois a fazer?

— A passar o tempo — respondeu Josie. Burke possuía um metro e oitenta de puro músculo, exibindo uns ombros de defesa de futebol ameri-

cano e um rosto angular suavizado por uns olhos ternos. Embora fosse da mesma idade que Dwayne, era mais próximo de Tucker, além de ser um dos poucos homens que Josie tinha desejado e não tinha tido.

Burke encostou-se a um dos bancos, agitando o porta-chaves. O seu distintivo de xerife cintilava suavemente com a luz do Sol.

— Está demasiado calor para fazer muito mais.

Murmurou um agradecimento a Earleen quando esta pousou um chá gelado diante dele. Burke bebeu-o de um só trago, sem uma única pausa.

Josie humedeceu o lábio superior, ao mesmo tempo que observava a maçã-de-adão de Tucker a mover-se.

— A parente da senhora Edith mudou-se para a casa dela — anunciou Burke, pousando o copo. — Chama-se Caroline Waverly e é uma música qualquer conhecida de Filadélfia. — Earleen tinha já reabastecido o copo dele e, dessa vez, bebeu mais devagar. — Telefonou para ligarem o telefone e a luz.

— Por quanto tempo vai ficar?

Earleen estava sempre disponível para escutar as mais recentes notícias. Enquanto proprietária do Chat 'N Chew, era seu dever e direito.

— Não disse. A senhora Edith não falava muito da família, mas lembro-me de ela contar que tinha uma neta que viajava com uma orquestra, ou coisa assim.

— Então, deve ganhar bem — concluiu Tucker. — Vi o carro dela virar para a alameda há uns quinze minutos. Estava a conduzir um BMW novinho em folha.

Burke esperou até Earleen se afastar.

— Tuck, preciso de falar contigo sobre o Dwayne.

Embora o seu rosto se mantivesse plácido e afável, as suas defesas entraram automaticamente ao serviço.

— Sobre o quê?

— Voltou a embebedar-se ontem à noite e andou à porrada no McGreedy's. Passou a noite numa cela.

Ora aquilo era novidade, como denotavam o olhar mais sombrio e a severidade em torno da boca.

— Acusaram-no de alguma coisa?

— Ora, Tuck. — Mais ferido do que ofendido, Burke moveu-se desconfortavelmente. — Ele estava a arranjar confusão e demasiado bêbedo para conduzir. Ocorreu-me que seria melhor arranjar-lhe um sítio onde passar a noite. A última vez que o levei a casa durante a noite, a menina Della ficou passada.

— Pois. — Tucker ficou mais descontraído. Na vida, tem-se amigos, família e Burke, uma espécie de combinação de ambos. — Onde está ele agora?

— Na cadeia, a curar a ressaca. Lembrei-me, como estás aqui, de que podias levá-lo para casa. Podemos levar o carro dele depois.

— Fico-te grato.

As palavras simples escondiam a profunda desilusão que sentia no seu íntimo. Dwayne tinha andado sempre embriagado nas últimas duas semanas. Tucker sabia que, quando caísse, o caminho de recuperação seria íngreme e longo. Tucker levantou-se, tirando a carteira. Quando a porta se abriu atrás dele, com força suficiente para fazer chocar alguns copos nas prateleiras de trás, voltou o olhar. Viu Edda Lou Hatinger e sabia que teria de contar com sarilhos.

— Seu sacana nojento — cuspiu ela, atirando-se a ele. Se Burke não possuísse ainda os reflexos que o tinham tornado o receptor mais famoso do liceu, Tucker poderia ter ficado sem cabeça.

— Ora, ora — interveio Burke, aflito, vendo Edda Lou debater-se como um lince.

— Achas que me podes dispensar assim? — vociferou.

— Edda Lou. — Experiente, Tucker manteve a voz calma e suave. — Respira fundo. Ainda te magoas.

A mulher exibiu os dentes furiosamente.

— Vou-te matar, sua ratazana maldita.

Relutantemente, Burke assumiu a sua personagem de xerife.

— Menina, toca a controlar-te, senão, levo-te para a prisão. E o teu paizinho não vai gostar nada disso.

Edda sibilou entre dentes.

— Não lhe toco, não te preocupes.

Quando Burke aliviou a pressão, Edda libertou-se, agitando-se e apurando a roupa.

— Se quiseres conversar... — começou Tucker.

— Vamos conversar, vamos. Aqui e agora. — Deu uma volta ao estabelecimento, enquanto alguns clientes olhavam fixamente ou apenas fingiam não ver nada. Várias pulseiras coloridas e de plástico chocalhavam nos seus braços. A transpiração providenciava um brilho especial no seu rosto e pescoço. — Ouçam todos, sim? Tenho algo a dizer ao Sr. Espertinho Longstreet.

— Edda Lou... — Tucker arriscou e tocou-lhe no braço. Ela esbofetou-o com as costas das mãos.

— Não. — Esfregando a boca, ele indicou a Burke que se afastasse. — Deixa-a deitar cá para fora.

— Ai deito cá para fora, deito. Disseste que me amavas.

— Nunca disse tal coisa.

E disso Tucker tinha a certeza. Mesmo nos momentos de paixão, sabia escolher as palavras com cuidado. Sobretudo nos momentos de paixão.

— Fizeste-me pensar que sim — gritou ela. O desodorizante que ela usava tinha sido completamente derrotado pelo calor e pela fúria, formando um aroma enjoativo e doce que lembrava Tucker de algo morto recentemente. — Seduziste-me para me levares para a cama. Disseste que eu era a mulher por quem esperavas. Disseste... — As lágrimas começavam a misturar-se com o suor do seu rosto, fazendo com que o rímel se acumulasse em grumos debaixo dos olhos. — Disseste que íamos casar.

— Oh, não. — A fúria de Tucker, que ele preferia não agitar, começava a manifestar-se. — Essa ideia foi tua, querida. E eu disse-te logo que isso não ia acontecer.

— Mas que queres que uma rapariga pense quando apareces a asso-biar, com flores e vinho caro? Disseste que gostavas mais de mim do que de outra pessoa qualquer.

— E gostava.

E era verdade, gostava sempre, no momento.

— Não gostas de nada nem de ninguém, a não ser de ti mesmo.

Edda cuspiu-lhe as palavras na cara, salivando. Ao vê-la assim, sem doçura e elegância, Tucker perguntava-se como podia ter-se interessado. E detestava ver alguns rapazes debruçados sobre as suas bebidas, fazendo sinais uns aos outros e rindo-se como perdidos.

— Então, estás melhor sem mim, não é? — Ele deixou duas notas no balcão.

— Achas que te safas assim tão facilmente? — Ela prendeu-lhe o braço com força. Tucker sentia-a tremer. — Achas que me podes dispensar como o fizeste com as outras?

Não permitiria que o fizesse, sobretudo depois de ter insinuado a todas as suas amigas que haveria um casamento. E depois de ter ido até Greenville para ver vestidos de noiva. Ela sabia... sabia que metade da cidade estaria a rir-se.

— Tens um compromisso para comigo. Fizeste-me promessas.

— Dá-me um exemplo.

Furioso, Tucker tentou tirar-lhe a mão.

— Estou grávida.

A revelação explodiu-lhe da boca numa torrente de desespero. Obteve a satisfação de escutar os vários murmúrios na sala e de observar Tucker a empalidecer.

— O que disseste?

Então, ela exibiu um sorriso impiedoso.

— Ouviste bem, Tuck. Agora é bom que decidas o que queres fazer quanto a isso.

Sacudindo o cabelo para trás, Edda Lou deu meia-volta e saiu, intempestiva. Tucker esperou que o seu estômago se acalmasse e lhe descesse da garganta.

— Ups — comentou Josie, dirigindo-se aos convivas de olhos esbugalhados. Mas a sua mão foi ao encontro da do irmão. — Aposto dez dólares em como ela está a mentir.

Ainda atordoado, Tucker olhou para a irmã.

— O quê?

— Aposto que ela está tão grávida como tu. É o truque mais antigo das mulheres, Tucker. Não te deixes entalar.

Tucker precisava de pensar e queria estar sozinho para o fazer.

— Vai buscar o Dwayne à prisão, sim? E leva as coisas para a Della.

— Porque não...

Mas Tucker já tinha saído. Josie suspirou, pensando que a procissão ainda ia no adro. Porque se esquecera de lhe dizer o que Della lhe tinha pedido.

## 2.

Dwayne Longstreet aguardava sentado no beliche duro como pedra de uma das duas celas do gabinete da autoridade local, gemendo com um cão ferido. As três aspirinas que engolira ainda não tinham surtido efeito e a sinfonia de serras eléctricas que troava dentro da sua cabeça estava cada vez mais próxima do cérebro.

Levantou a cabeça por tempo suficiente para sorver o café que Burke lhe tinha deixado, mas depressa a apoiou nas mãos novamente, com medo de que caísse. Parte de si desejava que caísse mesmo.

Como sempre, durante a primeira hora depois de acordar de uma descomunal bebedeira, Dwayne desprezava-se. Detestava saber que tinha caminhado sorridente para a mesma armadilha.

Não era a bebida. Não, Dwayne gostava de beber. Gostava daquele primeiro trago quente do uísque, assim que lhe roçava a língua, deslizava pela garganta e assentava no estômago como um longo e demorado beijo de uma mulher bonita. Apreciava a onda agradável que lhe acariciava a cabeça após a segunda bebida.

Ora, adorava aquela porcaria.

Não se importava de se embriagar. Não, não se podia menosprezar aquele momento leve, após cinco ou seis copos. Então, tudo parecia bonito e engraçado. Era então que esquecia a forma como a vida se lhe revelara e que perdera a mulher e os filhos que nunca quisera para um maldito vende-

dor de sapatos, que estava preso a um pardieiro de cidade porque não tinha mais para onde ir.

Sim, gostava mesmo muito daquele momento leve de esquecimento.

Não se importava muito com o que acontecia a seguir. Quando a mão continuava a pegar na garrafa sem avisar o resto do corpo sobre o que estava prestes a acontecer. Quando parava de sentir o sabor e continuava a beber porque o uísque estava ali e ele também.

Não gostava que a bebida o tornasse mau, ao ponto de querer discutir, fosse por que motivo fosse. Ele não era um homem com mau temperamento. O seu pai, sim. Mas às vezes, só às vezes, o uísque tornava-o igual a Beau, e isso ele lamentava amargamente.

O que o assustava mais era não saber, por vezes, se tinha ficado irritado ou se tinha desmaiado tranquilamente. Mas fosse qual fosse o resultado, o mais certo era acordar no dia seguinte, numa cela, com uma ressaca brutal.

A medo, sabendo que o movimento lhe transformaria as ondas do cérebro numa tremenda tempestade, levantou-se. O sol que penetrava pelas grades da janela quase o cegava. Dwayne protegeu os olhos com a mão estendida e saiu da cela, apoiando-se à parede. Burke nunca o fechava.

Dwayne conseguiu encontrar a casa de banho e urinou o que parecia um litro de Wild Turkey filtrado pelos seus rins. Ansiando desesperadamente pela sua própria cama, esfregou a cara com água fresca, até os olhos deixarem de arder.

Sibilou entre dentes quando a porta do escritório bateu e gemeu levemente quando ouviu Josie chamar o seu nome alegremente.

— Dwayne? Estás aí? Desta vez é a tua mana que te vem libertar.

Quando ele se aproximou da porta e espreitou pelo vão, Josie arqueou as suas sobrancelhas cuidadosamente depiladas.

— Ora, então. Estás com um aspecto péssimo. — Aproximou-se, tocando com a unha vermelha no lábio inferior. — Querido, como consegues ver o que quer que seja com tanto sangue raiado nos olhos?

— Eu... — Pigarreou para limpar o lastro na garganta. — Destruí algum carro?

— Que eu saiba, não. Ora, vem com a Josie. — A irmã aproximou-se e tomou-o pelo braço. Quando ele voltou a cabeça, ela afastou-se rapidamente. — Credo, quantos homens mataste com esse hálito? — Estalando a língua, Josie procurou dentro da carteira por uma embalagem de Tic Tacs. — Toma, querido, masca isto. — Atirou um para a boca também. — Senão, ainda desmaio se respirares.

— A Della vai ficar muito chateada — resmungou ele, deixando-se guiar pela irmã até à porta.



— Imagino que sim... mas quando souber o que se passou com o Tucker, nunca mais vai querer saber de ti.

— O Tucker. Oh, merda.

Dwayne contorceu-se quando o sol lhe incidiu nos olhos.

Abanando a cabeça, Josie tirou os óculos da carteira, os debruados com pequenos brilhantes, e deu-lhos.

— O Tucker está metido em sarilhos. Ou, pelo menos, a Edda Lou diz que ele a meteu em sarilhos. Mas vamos ver no que dá.

— Valha-nos Deus. — Por alguns segundos, Dwayne esqueceu os seus próprios problemas. — O Tuck engravidou a Edda Lou?

Josie abriu a porta do lado do passageiro para que Dwayne se atirasse lá para dentro.

— Fez uma cena monumental no Chat ‘N Chew, por isso, todos aqui na cidade vão estar à espera que a barriga dela inche.

— Valha-nos Deus.

— Mas digo-te uma coisa. — Josie ligou o carro e teve o cuidado de desligar o rádio. — Quer ela esteja grávida ou não, é bom que ele pense duas vezes antes de meter aquela ordinária histérica lá em casa.

Dwayne teria concordado veementemente, mas estava demasiado ocupado a apoiar a cabeça.

Tucker sabia bem que não era nada boa ideia regressar a casa. Della soltava-lhe os cães em menos de nada. Precisava de algum tempo sozinho e, assim que atravessasse os portões de Sweetwater, nunca mais conseguiria tê-lo.

Num impulso, guinou o carro para a berma da estrada, deixando um rasto de borracha queimada no macadame quente. Com a sua casa a mais de um quilómetro de distância, deixou o carro na zona relvada e dirigiu-se para o meio das árvores.

O calor paralisante atenuou em alguns graus assim que se abrigou na sombra das árvores verdejantes de folhagens densas. Embora, na verdade, procurasse arejar as ideias e não tanto o corpo.

Por um segundo, no restaurante, por um momento intenso e estonteante, desejara poder agarrar o pescoço de Edda Lou e apertá-lo até que o último fôlego insultuoso a abandonasse.

Não o incomodava o impulso, nem o facto de ter gozado algum prazer com a imagem. Metade do que ela dissera era mentira. Mas isso significava que metade do que ela dissera era verdade.

Afastou com violência um ramo baixo, baixou-se e seguiu caminho pela flora estival até à água. Uma garça, assustada pela intrusão, recolheu as suas pernas longas e graciosas, voando para mais longe no pântano. Tucker confirmou a ausência de cobras, instalando-se num tronco.

Caladamente, tirou um cigarro, cortou a ponta e acendeu-o.

Sempre apreciara a água — não tanto o ribombar intenso do oceano, mas a quietude sombria dos lagos ensombrados, o murmúrio dos ribeiros, o ritmo cadenciado do rio. Mesmo enquanto rapaz, tinha-se deixado atrair por ele, usando a desculpa de pescar para se sentar e pensar, ou sentar e dormir, ao som dos saltos dos sapos e da troada monótona das cigarras.

Nessa altura, tinha apenas preocupações de criança com que lidar. Ou uma negativa em Geografia, ou a melhor forma de pedir uma bicicleta nova pelo Natal. E, mais tarde, escolher entre convidar Arnette ou Carolanne para o baile do Dia dos Namorados.

À medida que foi crescendo, os problemas tornaram-se mais sérios. Recordava-se de ter chorado a morte do pai, num acidente de Cessna a caminho de Jackson. Mas isso não tinha sido nada comparado com a tristeza aguda e paralisante ao dar com a mãe aninhada no jardim, demasiado próxima da morte para qualquer médico salvar o seu coração comprimido.

Tucker começara a visitar o local com mais frequência desde essa data, para tentar superar a tristeza. E, com tempo, como tudo, o sentimento esbatera-se. À excepção de alguns momentos em que ele espreitaria por uma janela, esperando encontrá-la a cortar rosas desabrochadas, com o rosto ensombrado pelo seu enorme chapéu de palha com um lenço de *chiffon* entrelaçado.

Madeline Longstreet jamais aprovaria Edda Lou. Achá-la-ia, certamente, vulgar, ordinária e calculista. E, pensava Tucker exalando demoradamente o fumo do seu cigarro, expressaria a sua antipatia com a polidez acintosa que qualquer senhora genuinamente sulista saberia emprestar a uma arma de lâmina afiada.

E a sua mãe era uma senhora genuinamente sulista.

Edda Lou, por outro lado, era um bico-de-obra. Do ponto de vista físico. De peito farto, anca larga e uma pele que mantinha humedecida com uma loção facial à base de vaselina que usava todas as manhãs e todas as noites. Possuía uma boca ansiosa e trabalhadora, mãos destras e não havia dúvida de que ele soubera apreciá-la.

Não a amara, nem prometera fazê-lo. Tucker considerava as promessas de amor um instrumento barato para convencer uma mulher a ir para a cama. Ele soubera diverti-la, dentro e fora da cama. Não era homem de interromper o processo de sedução depois de a mulher lhe abrir as pernas.

Mas no segundo em que ela começara a falar de casamento, ele afastara-se. Começara por lhe dar um período de descontração, levando-a a sair não mais de uma vez a cada duas semanas e cortando com o sexo completamente. Dissera-lhe muito simplesmente que não tinha qualquer intenção de se casar com ela. Mas percebera pelo olhar arrogante dela que não

tinha acreditado nele. Por isso, terminara tudo. Ela ficara triste, mas reagira de forma civilizada. Tucker percebia agora que ela estava convencida de que conseguiria reconquistá-lo.

Tucker também não tinha dúvidas de que ela ouvira falar de que ela andaria com outra pessoa.

E tudo isso importava. E nada disso importava. Se Edda Lou estivesse grávida, ele sabia que, apesar dos cuidados, a responsabilidade era sua. Por isso, agora restava-lhe decidir o que fazer em relação ao assunto.

Estava admirado por Austin Hatinger ainda não ter ido à sua procura com a espingarda carregada. Austin não era o homem mais complacente do mundo e nunca fora grande adepto dos Longstreet. A verdade é que os detestava, desde que Madeline LaRue escolhera Beau Longstreet, pondo termo a todos os sonhos de Austin de um dia vir a ser seu marido.

Austin tornara-se um sacana amargo e insuportável. Era sabido pela cidade que batia na mulher quando assim lhe apetecia. Usara a mesma disciplina com cada um dos seus cinco filhos, o mais velho, A.J. estando agora a cumprir pena em Jackson por roubo de automóveis.

Austin também passara algumas noites atrás das grades. Por agressão simples, agressão violenta, conduta desordeira... tudo quase sempre inspirado por versículos invocando o Senhor. Tucker achava que era uma questão de tempo até ele o abordar de caçadeira ou de punhos em riste.

E ele teria de lidar com isso.

Tal como teria de lidar com as suas responsabilidades em relação a Edda Lou. A responsabilidade valia o que valia e não estava para casar por responsabilidade. Ela até podia saber das artes da cama, mas não era capaz de ter uma conversa nem com a ajuda de um martelo pneumático. E ele tinha descoberto que ela possuía o cérebro pequeno e calculista de uma raposa. Algo que ele não pensava enfrentar todos os dias ao pequeno-almoço, para o resto da sua vida.

Faria o que pudesse e o que era adequado. Havia dinheiro e tempo. Até aí, tudo bem. E talvez, assim que a raiva passasse, pudesse sentir algum carinho pela criança ou até mesmo pela mãe.

Esperava ardentemente que fosse carinho e não aquela sensação horrível nas entranhas.

Tucker passou as mãos pelo rosto e desejou que Edda Lou desaparecesse. Que pagasse por aquela cena terrível no restaurante que fizera das coisas piores do que realmente eram. Se lhe ocorresse alguma coisa...

Escutou um restolhar de folhas e virou-se na sua direcção. Se Edda Lou o tivesse seguido, descobri-lo-ia não apenas pronto a discutir, mas ansioso por fazê-lo.

Quando Caroline surgiu das árvores, abafou um grito. Ali, no local

ensombrado onde em tempos pescara com o avô, estava um homem de olhos dourados como ágatas, de punhos cerrados e a boca num esgar perigoso, algures entre um rosnar e um bufar de gato.

Olhou à sua volta, desesperadamente à procura de uma arma, percebendo que teria de contar apenas consigo.

— O que faz aqui?

Tucker removeu a casca dura tão depressa como tiraria a camisa.

— Estava só a fitar a água. — Exibiu-lhe um sorriso rápido e pouco atencioso que pretendia dizer que não representava qualquer perigo. — Não estava a contar cruzar-me com ninguém.

A expressão tensa e pronta a atacar do homem era agora de indiferença. Mas Caroline não estava convencida de que ele era inofensivo. O tom da sua voz era suave, revelando aquele arrastar preguiçoso que muito facilmente podia ser de troça. Embora os olhos dele lhe sorrissem, percebia-lhes tamanha sensualidade que estava pronta a fugir, bastava ele aproximar-se.

— Quem é você?

— Tucker Longstreet, menina. Moro no final da estrada. Estou a invadir a sua propriedade. — E, uma vez mais, aquele sorriso de “não se preocupe”. — Lamento se a assustei. A senhora Edith não se importava quando eu vinha até aqui para descansar, por isso, não me ocorreu passar pela casa e pedir. É a Caroline Waverly, certo?

— Sim. — Sentiu que a sua resposta saíra um pouco rude, por comparação às maneiras dele. Para a suavizar, sorriu, mas sem perder o seu olhar tenso e reservado. — Assustou-me, senhor Longstreet.

— Oh, chame-me Tucker. — Sorrindo, observou-a. Um nadinha magra de mais, pensou, mas com o rosto pálido e elegante como o camafeu que a mãe usava, pendurado numa tira de veludo preto. Costumava preferir o cabelo comprido nas mulheres, mas aquele penteado curto assentava-lhe lindamente, realçando-lhe o pescoço gracioso e os olhos enormes. Enfiou os polegares nos bolsos da frente. — Afinal de contas, somos vizinhos. Costumamos ser muito amigáveis, aqui em Innocence.

Ora, pensou ela, este era capaz de encantar a casca de uma árvore. Conhecera outro tal como ele. E fossem aquelas palavras proferidas com sotaque do Sul ou um toque de espanhol, eram igualmente fatais.

Caroline assentiu — regamente, pensou ele.

— Estava só a dar uma vista de olhos pela propriedade — continuou ela. — Também não esperava cruzar-me com ninguém.

— É um sítio muito bonito. Está a dar-se bem? Se precisar de alguma coisa, só precisa de gritar.

— Agradeço, mas acho que me safo bem. Só cheguei há uma hora, ou coisa assim.

— Eu sei. Passei por si quando chegou, ia eu a caminho da cidade.  
Caroline ia a começar a responder de forma igualmente branda quando estreitou o olhar.

— Num Porsche vermelho?

Desta vez, o sorriso dele era lento, aberto e destruidor.

— É lindo, não é?

Caroline deu um passo em frente, furiosa.

— Seu idiota irresponsável, devia ir a mais de cento e cinquenta!

A mulher evoluíra de frágil e encantadora a simplesmente maravilhosa com aquela onda de calor no rosto. Tucker manteve os dedos aninhados nos bolsos. Sempre acreditara que se não era possível enfrentar o temperamento de uma mulher, mais valia apreciá-lo.

— Não. Se bem me lembro, ia a cento e vinte. É claro que ele vai aos cento e oitenta ou mais numa bela recta, mas...

— Quase me bateu!

Tucker parecia estar a ponderar a possibilidade, mas abanou a cabeça.

— Não, tinha mais que tempo para me desviar. Mas é provável que lhe tenha parecido mais perto. Lamento muito por a ter assustado duas vezes no mesmo dia. — Mas o brilho no olhar dele era de tudo menos de arrependimento. — Costumo provocar outras reacções numa mulher bonita.

Se havia coisa que a mãe de Caroline lhe tinha enfiado na cabeça era a de manter a sua dignidade. Controlou-se antes de responder:

— Não tinha nada que andar na estrada, sequer. Devia fazer queixa de si à polícia.

Aquela indignação nortenha animava-o.

— Pois faça isso, menina. Telefone e peça para falar com o Burke. Burke Truesdale. É o xerife.

— E seu primo, claro — resmungou ela entre dentes.

— Não, menina, embora a irmã mais nova dele tenha casado com um primo meu em segundo grau. — Se ela achava que ele era um cliché sulista, não a queria desiludir. — Mudaram-se para o Arkansas. O meu primo? É o Billy Earl LaRue. É do lado da minha mãe. Ele e a Meggie, a irmã mais nova do Burke, gerem um daqueles armazéns grandes. Sabe, onde as pessoas armazenam mobília e carros e outras coisas ao mês. E safam-se lindamente.

— Fico contente.

— Que simpático da sua parte. — O sorriso dele era lento como a água que corria a seu lado. — Por favor, mande os meus cumprimentos ao Burke quando falar com ele.

Embora ele fosse bastante mais alto do que ela, Caroline conseguiu olhar altivamente.

— Acho que ambos sabemos que não adiantará de nada. Agora, agradeço que saia da minha propriedade, senhor Longstreet. E se quiser sentar-se a apreciar a água novamente, procure outro local para o fazer.

Deu meia-volta e avançou dois passos, ouvindo desde logo a maldita voz de troça de Tucker:

— Menina Waverly? Bem-vinda a Innocence. Tenha um rico dia, sim?

Caroline continuou a caminhar. E Tucker, sendo um homem prudente, esperou até ela se afastar o suficiente para desatar a rir-se.

Se não estivesse entalado em areias movediças até ao pescoço, era capaz de tentar provocar aquela bela ianque mais algumas vezes. Caramba, ela tinha-o feito sentir-se melhor.

Edda Lou estava mais do que pronta. Estava preocupada com a possibilidade de ter estragado tudo depois de saber que Tucker tinha levado a cabra da Chrissy Fuller a Greenville a jantar e ao cinema. Mas, por uma vez na vida, parecia que o seu temperamento tinha funcionado a seu favor. Aquela cena no restaurante, a humilhação pública de Tucker, tinha-o domado como um anel no nariz de um touro.

Ora, é claro que ele tentaria seduzi-la com conversa para se safar das responsabilidades. Tucker Longstreet tinha as falinhas mais mansas do condado de Bolívar. Mas isso não lhe ia valer de nada desta vez. Contava ter um anel no dedo e um certificado de casamento num abrir e fechar de olhos. Eliminaría o ar de troça dos rostos de cada viva alma em Innocence quando se mudasse para a casa grande.

E ela, Edda Lou Hatinger, que crescera numa quinta rodeada de galinhas sujas a cacarejarem pelo terreiro e com o cheiro da gordura de porco eternamente entranhado na cozinha, usaria roupas finas, dormiria numa cama macia e beberia champanhe francês ao pequeno-almoço.

Sentia alguma ternura por Tucker, era certo. Mas tinha mais espaço no seu coração ávido para a casa, o nome e a conta bancária dele. E quando voltasse a entrar em Innocence, fá-lo-ia num belo Cadillac cor-de-rosa. Nunca mais trabalharia na caixa do Larsson's, nem andaria aflita a juntar dinheiro para poder manter o quarto alugado na pensão, para não ter de viver em casa com o pai que lhe batia e a olhava de lado.

Seria uma Longstreet.

Perdida nas suas fantasias, encostou a sua lata velha, um Impala de setenta e cinco, na berma da estrada. Não questionou o facto de o bilhete de Tucker lhe dizer para se encontrar com ele atrás do lago. Achou a ideia gira. Edda Lou tinha-se apaixonado — tanto quanto o seu coração avarento lho permitia — porque Tucker era muito romântico. Não a apalpava como

aqueles que a tentavam engatar no McGreedy's. E nem sempre lhe apetecia saltar-lhe às cuecas, como a maior parte dos homens com quem saía.

Não, Tucker gostava de conversar. E embora boa parte do tempo ela não fizesse a mais pequena ideia do que ele queria dizer, sabia apreciar a cortesia.

E era generoso com os presentes. Frascos de perfume, ramos de flores. Certa vez, quando tinham discutido, ela conseguira chorar imenso. E o esforço rendera-lhe uma bela camisa de noite de seda.

Quando se casassem, teria uma gaveta cheia delas, se assim desejasse. E um daqueles cartões da American Express para as comprar.

A Lua estava cheia, por isso, não se deu ao trabalho de levar uma lanterna. Não quis estragar o momento. Ajeitou o cabelo longo e loiro e depois puxou o top minúsculo para baixo, até os seus seios maduros quase ficarem descobertos. Os seus calções cor-de-rosa vivo apertavam-lhe levemente no gancho, mas acreditava que o efeito visual valia a pena.

Se soubesse dar os passos certos, Tucker despir-lhos-ia em pouco tempo. Só de pensar na possibilidade, sentia-se já molhada. Ninguém o sabia fazer como Tucker. Ora, por vezes, quando ele a tocava, ela chegava a esquecer-se do dinheiro dele. Queria-o dentro de si esta noite, não apenas pela emoção de o fazerem ao ar livre, mas porque o momento era perfeito. Com sorte, ficaria mesmo grávida antes de raiar o novo dia.

Movimentou-se através das folhas densas, das ervas daninhas, atravessando uma atmosfera impregnada de madressilvas e do seu próprio perfume. O luar vertia-se no solo em padrões movediços. Nascida e criada no campo, não tremia ao som dos ruídos nocturnos — ao mergulhar e coaxar das rãs, ao restolhar das ervas altas, ao cantar estridente das cigarras ou piar intrusivo das corujas.

Vislumbrou o brilho de uns olhos amarelos que podiam ser de um guaxinim ou de uma raposa. Mas desapareceram assim que ela se aproximou. Uma qualquer pequena vítima contorcia-se na relva. Edda Lou não prestou atenção ao som da morte da criatura, da mesma forma que um nova-iorquino ignoraria o gemer de uma ambulância.

Aquele era o território do caçador nocturno — a coruja e a raposa. Ela era demasiado pragmática para se considerar uma presa.

Os seus pés não produziam qualquer ruído no terreno macio e coberto de ervas pantanosas. O luar incidia sobre ela, tornando a pele que ela religiosamente mimava em algo quase tão elegante como o mármore. E porque sorria, certa da sua vitória, o seu rosto revelava uma beleza sedutora.

— Tucker? — Usou a voz de menina que aplicava em momentos de sedução. — Desculpa-me o atraso, amor.

Parou perto do lago e, embora a sua visão nocturna fosse quase tão

afinada como a de um gato, não viu mais do que água, pedras e vegetação densa. Os seus lábios retesaram-se, eliminando a beleza. Chegara intencionalmente atrasada, querendo fazê-lo esperar uns bons dez ou quinze minutos.

Amuada, sentou-se no tronco onde Tucker estivera sentado horas antes. Mas não sentiu a sua presença. Sentia apenas irritação por ir sempre ao encontro dele quando ele queria. E ele nem se dera ao trabalho de lhe telefonar, limitando-se a escrever um bilhete.

*Vai ter comigo ao Lago McNair à meia-noite. Vamos resolver tudo. Só quero estar a sós contigo.*

Era mesmo típico dele. Fazia-a derreter-se, dizendo que queria estar a sós com ela, mas depois arreliava-a ao chegar atrasado.

Decidiu que esperaria cinco minutos. Não lhe daria mais do que isso. Depois, conduziria pela estrada em direcção aos belos portões da propriedade e à casa grande. Mostraria a Tucker Longstreet que não podia brincar com os sentimentos dela.

Ao sentir um som vindo de trás de si, voltou-se, preparada para agitar as pestanas. O golpe na base do seu crânio fê-la cair de cara na terra.

O seu gemido foi abafado. Edda Lou escutava-o dentro da sua cabeça que mais parecia ter sido aberta em dois com uma pedra romba. Tentou levantá-la. Oh, mas doía, doía! Quando começou a erguer as mãos para amparar a dor, percebeu que estavam amarradas atrás das suas costas.

O primeiro sinal de medo penetrou a dor. Abrindo bem os olhos, tentou gritar. Mas tinha a boca amordaçada. Sentia o gosto do pano e da colónia que o perfumava. Revirava os olhos violentamente, com o esforço de soltar as mãos.

Estava nua e as suas costas e nádegas despidas raspavam na casca de uma árvore, à medida que ela se debatia contra as amarras. Tinha sido amarrada pelas mãos e pelos pés ao tronco de um carvalho, com as pernas engenhosamente dobradas de forma a desenharem um vulnerável *v*. Visões de uma violação passeavam assustadoramente pela sua cabeça.

— Edda Lou. Edda Lou.

A voz era baixa e áspera, como o raspar de metal na pedra. Os olhos aterrorizados de Edda Lou reviravam nas órbitas, no seu esforço de procurarem a origem do som.

Tudo o que via era água e o emaranhado de ervas altas. Tentou gritar, mas engasgou-se com a mordaza.

— Tenho andado de olho em ti. Estava à espera do momento em que estaríamos assim. É romântico, não é, estarmos assim sem roupa ao luar? E somos apenas tu e eu. Só tu e eu. Vamos fazer amor.

Paralisada de terror, observou a figura que saía da protecção das



sombras. Viu o luar iluminar-lhe a pele nua. Viu a luz reverberar por um breve instante numa faca de lâmina comprida.

Agora era o terror e a repulsa que a dominavam, ao perceber o que a esperava. O seu estômago contraiu-se e revoltou-se, e ela sentiu de imediato um enjoo violento na língua. Mas a figura estava cada vez mais próxima, coberta por um véu fino de suor e um vago odor a loucura.

As suas preces e imprecações eram abafadas pela mordação. Pequenos fios de sangue escorregavam-lhe pelas costas e pelas pernas, à medida que ela se contorcia desesperadamente contra a árvore. Aquelas mãos tocavam-lhe, apertando, acariciando. E a boca. Lágrimas quentes e assustadas deslizavam-lhe pelo rosto, agora que aquela boca se fechava avidamente sobre os seios indefesos dela.

Molhado de suor, o corpo esfregava-se no dela, fazendo-lhe coisas que ela não queria acreditar que lhe podiam ser feitas. O seu choro era inútil, pois o seu corpo tremia a cada toque da boca molhada, dos dedos intrusivos, da planura fria da faca de caça.

Pois ela recordava-se do que tinha sucedido a Arnette e a Francie, e sabia que elas tinham sentido aquele mesmo terror inerte, sentido aquela mesma repulsa doentia nos últimos momentos das suas vidas.

— Tu queres isto. Queres isto. — O mantra ofegante repetia-se monotonamente na cabeça de Edda. — Puta. — A faca voltava-se, rasgando delicadamente, de forma quase indolor, o braço de Edda Lou. Quando a boca se fechou avidamente sobre a ferida, Edda Lou abandonou-se a uma espécie de desmaio. — Não, nem penses. — Esbofeteou-a suavemente para a reanimar. — As putas não dormem em serviço. — Seguiu-se uma gargalhada rápida e quase infantil. Os lábios sorriam envoltos em sangue. Os olhos de Edda Lou abriram-se e fitaram-no. — Muito melhor. Assim, sim. Quero que vejas. Preparada?

— Por favor, por favor, por favor — gritava a sua mente. — Não me mates. Eu não conto, não conto, não conto nada.

— Não! — A sua voz estava rouca de desejo, e Edda Lou sentiu o seu próprio medo, o seu próprio sangue quando aquele rosto se inclinou em direcção ao seu, com uma loucura intensa num olhar que ela conhecia muito bem. — Não mereces que te foda.

Com uma mão, rasgou-lhe a mordação. Parte do prazer, da necessidade estava em ouvir um único grito. Um grito interrompido quando a faca abriu a garganta de Edda Lou.

Caroline levantou-se na cama, com o coração a bater como uma máquina de lavar com uma carga excessiva. Levou as mãos ao peito, quase rasgando a camisa de aflição.

Um grito, pensou, assustada, escutando a sua própria respiração ofegante no quarto. Quem estaria a gritar?

Estava quase fora da cama, à procura de luz quando se lembrou de onde estava, voltando a deixar-se cair nas almofadas. Não estava em Filadélfia, não estava em Baltimore ou Nova Iorque ou Paris. Estava no Mississípi rural, a dormir na mesma cama onde os seus avós tinham dormido.

Os ruídos nocturnos pareciam encher o espaço. Grilos, cigarras, rãs. E corujas. Escutou um novo grito, tão sinistro como o de uma mulher. Lembrava-se que eram animais particularmente estridentes. A sua avó tranquilizara-a certa noite, durante uma visita de há muitos anos, quando aquele mesmo piar assustador a tinha acordado.

— *Foi só uma coruja, minha querida. Não te preocupes. Estás tão segura como um sapo no lago.*

Fechando os olhos, Caroline escutou o piar demorado de outra coruja mais delicada. Sons do campo, concluiu, tentando ignorar os barulhos da velha casa. Em breve, parecer-lhe-iam tão naturais como o circular do trânsito ou o gemido distante das sirenes.

Era tal como a avó lhe tinha dito em tempos: estava tão segura como um sapo no lago.

### 3.

Tucker estava sentado no terraço lateral onde clematites roxas se entrelaçavam na pérgola de vime branco. Um colibri dardejou atrás dele e as suas asas coloridas deixaram um rasto de cor depois de beber profundamente numa das flores abertas e maduras. No interior da casa, a varinha mágica de Della trabalhava atarefadamente. O som dispersava-se pelas janelas de rede, misturando-se com o zumbido das abelhas.

Por baixo da mesa de vidro, espreguiçava-se o envelhecido cachorro da família, Buster, um monte de peles e ossos carcomidos. De vez em quando, convocava as forças necessárias para abanar a cauda e espreitar, cheio de esperança, o pequeno-almoço de Tucker.

Mas Tucker não prestava uma atenção consciente a nenhum dos ruídos e aromas matinais. Absorvia-os da mesma forma distraída com que absorvia o sumo fresco, o café simples e a torrada.

Estava a realizar um dos seus rituais diários preferidos: ler o correio.

Como sempre, havia uma pilha de catálogos e revistas de moda para Josie. Atirou um de cada vez para a cadeira acolchoada a seu lado. De cada vez que um catálogo aterrava, Buster abria os olhos remelentos e esperançosos, resmungando logo de seguida, em sinal de grande desagrado canino.

Havia uma carta para Dwayne de Nashville, endereçada na caligrafia infantil e cuidada de Sissy. Tucker fitou-a por alguns segundos e ergueu-a à contra-luz, pousando-a de seguida. Sabia que não era um pedido de pensão de alimentos. Responsável pelas contas da família, Tucker passava os cheques pessoalmente e tinha enviado o último duas semanas antes.

Cioso do seu sistema de organização, atirava as contas para outra cadeira, a correspondência pessoal era atirada para o outro lado da cafeteira e aquelas cartas claramente oriundas de uma qualquer instituição de caridade ou um outro grupo a pedir arditosamente dinheiro eram atiradas para dentro de um saco de papel pousado a seu lado.

Tucker lidava com essas cartas de forma muito simples: uma vez por mês, enfiava a mão no saco, tirando dois envelopes ao acaso. As entidades correspondentes receberiam um contributo generoso, fossem elas o Fundo para a Vida Selvagem no Mundo, a Cruz Vermelha Americana ou a Sociedade para a Prevenção das Unhas Encravadas. Desta forma, Tucker sentia que os Longstreet cumpriam com as suas obrigações caridosas. E se algumas entidades ficassem confusas por receberem um cheque rechonchudo um mês e nem um tostão durante vários anos seguidos, o problema era delas.

Tucker tinha mais com que se preocupar.

A simples rotina de separar o correio ajudava-o a afastar os problemas da mente por uns momentos. A verdade era que não sabia bem que passo dar a seguir, uma vez que Edda Lou nem lhe falava. Tinha tido dois dias para dar azo à sua reivindicação, mas parecia que preferia andar a brincar às escondidas. Não só não o tinha contactado, como não atendia o telefone.

Era preocupante, sobretudo porque conhecia bem o seu feitio e sabia que ela podia ripostar com a assertividade e destreza de uma cobra de água. A espera pela mordida deixava Tucker nervoso.

Amontoou os envelopes onde se lia VENCEU! que Dwayne gostava de enviar aos filhos e encontrou um envelope lilás e aromatizado que só podia pertencer a uma pessoa.

— Prima Lulu — reconheceu, com um sorriso que limpou de vez as suas preocupações.

Lulu Longstreet Boyston pertencia ao ramo dos Longstreet da Geórgia e era prima do avô de Tucker. O povo afirmava que andaria pelos setenta anos, embora ela se agarrasse teimosamente aos sessenta e cinco há vários anos. Era podre de rica, pequena e magra, calçando sempre sapatos muito práticos, e doida como uma carochinha.

Tucker adorava-a de paixão. Embora a carta viesse endereçada “Aos meus primos Longstreet”, Tucker abriu-a. Não estava para esperar pelo regresso de Dwayne e Josie sabe-se lá de onde.

Leu o primeiro parágrafo, escrito com um marcador cor-de-rosa forte, e arquejou.

A prima Lulu vinha visitá-los.

Era seu hábito avisá-los daquela forma, para que ninguém suspeitasse se iria apenas jantar ou ficar lá em casa por um mês. Tucker esperava sinceramente que se desse o último caso. Precisava da distração.

Na sua última visita, a prima tinha trazido uma caixa inteira de bolos gelados acondicionados em gelo seco e colocara um chapéu festivo com uma pena de avestruz na extremidade. Usara o chapéu uma semana, acordando e adormecendo a celebrar aniversários. Os aniversários de toda a gente.

Tucker lambeu um pouco de doce de morango dos dedos e atirou o resto da torrada a Buster. Deixando o resto do correio para depois, dirigiu-se à porta. Ia pedir a Della que preparasse já o quarto da prima Lulu.

Assim que abriu a porta, Tucker escutou o ranger soluçante da carrinha de Austin Hatinger. Havia apenas um veículo capaz de produzir aquele som, parte resmungo, parte arrote. Depois de ponderar rapidamente se haveria de entrar e barricar-se em casa, Tucker voltou-se e dirigiu-se ao alpendre, preparado para o que viesse.

Não só conseguia ouvir Austin a aproximar-se, como conseguia vê-lo e ao rasto de fumo preto que coloria as magnólias do caminho. Com um suspiro pouco insuflado, Tucker esperou que a carrinha se tornasse completamente visível e, tirando um cigarro do bolso, partiu a ponta. Estava a apreciar a primeira passa quando a carrinha parou e Austin Hatinger saiu do seu interior.

Estava tão velho e acabado como o velho Ford, mas reforçado pela massa de músculos e tendões e não por cordéis e cuspo. Por baixo do chapéu manchado de gordura, o seu rosto parecia ter sido talhado de uma casca de árvore. As rugas cravadas realçavam os seus olhos cor de avelã, marcavam as maçãs do rosto feridas pelo vento e enquadravam a sua boca séria e tensa.

Não se via ponta de cabelo sob o chapéu. Austin não era careca. Todos os meses ia ao barbeiro e mandava rapar o cabelo grisalho. Talvez fosse consequência dos quatro anos que servira nos Fuzileiros. *Semper Fi*. Esse tinha sido apenas um dos sentimentos que ele tinha tatuado nos seus braços duros como cimento. Além deles, havia ainda a bandeira americana, drapejada em sintonia com os músculos.

Austin — que seria o primeiro a dizer que era um cristão temente a Deus — nunca se perdera por frivolidades como desenhos de bailarinas.

Cuspiu um resto de tabaco para a gravilha, deixando um aglomerado amarelo nojento no chão. Por baixo das jardineiras e da camisa de trabalho

suada — que mesmo no dia mais quente mantinha apertada até cima —, o seu peito era forte como o de um touro.

Tucker notou que o homem não tinha trazido consigo nenhuma das armas que costumava arrumar na parte de trás da cabina. Esperava que aquela cortesia fosse um bom presságio.

— Austin.

Tucker desceu um degrau, assinalando uma leve afabilidade.

— Longstreet. — A voz dele era áspera como um prego enferrujado a raspar em cimento. — Onde raio anda a minha filha?

Porque era a última pergunta que Tucker esperava ouvir, apenas pestanejou educadamente.

— Desculpe?

— Seu sacana blasfemo. Onde raios anda a minha Edda Lou?

A descrição estava mais próxima do que Tucker esperava.

— Não vejo a Edda Lou desde anteontem, quando foi ter comigo ao restaurante. — Ergueu a mão antes que Austin pudesse falar. Sempre valia de alguma coisa fazer parte da família mais importante na zona. — Pode ficar fulo à vontade, Austin, e estava a contar com isso, mas a verdade é que dormi com a sua filha. — Deu uma passa demorada. — Era capaz de saber muito bem o que andava a fazer e quando, e imagino que não tenha achado muita piada. E não posso censurá-lo por isso.

Os lábios de Austin revelaram uns dentes amarelados e incertos. Ninguém pensaria que aquilo era um sorriso.

— Eu devia ter-te esfolado o rabo da primeira vez que andaste a cheirá-la.

— Talvez. Mas tendo em conta que a Edda já fez vinte e um há uns dois anos ou mais, cabe-lhe a ela decidir. — Tucker fumou mais um pouco, estudou a ponta do cigarro e atirou-o para o chão. — A questão, Austin, é que o que está feito, está feito.

— É fácil falar depois de semeares um bastardo na barriga da minha filha.

— Com a sua total colaboração — comentou Tucker, enfiando as mãos nos bolsos. — Vou certificar-me de que ela terá tudo de que precisa durante a gravidez e não me vou acanhar na pensão de alimentos.

— Falinhas mansas. — Austin voltou a cuspir. — Falinhas mansas. Sempre tiveste muito jeito com as palavras, Tucker. Mas agora ouve tu umas quantas. Eu cuido dos meus e quero a minha filha aqui fora, agora.

Tucker limitou-se a arquear uma sobrancelha.

— Acha que a Edda está aqui? Não está.

— Mentiroso! Fornicador! — A sua voz estridente aumentou, fazendo-o parecer um evangelista rouco. — A tua alma está empedernida de pecado.

— Não posso discutir isso — respondeu Tucker tão afavelmente quanto podia, — mas a Edda Lou não está aqui. Não tenho motivo para mentir sobre isso e pode vir ver, mas digo-lhe que não a vejo nem sei dela desde que fez a grande revelação.

Austin ponderou entrar na casa à força e pensou na figura tola que faria. E não ia dar esse gostinho a um Longstreet.

— Ela não está aqui, não está na cidade. Vou dizer-te o que acho, seu sacana, acho que a convenceste a ir a uma daquelas clínicas assassinas para ela se livrar da criança.

— A Edda Lou e eu não falámos de nada. Se foi isso que ela fez, então foi ideia dela.

Tucker esquecera-se da rapidez com que o homem se movia. Antes mesmo de terminar de proferir a última palavra, Austin tinha saltado para a frente, agarrando-lhe a camisa e erguendo-o dos degraus.

— Não fales assim da minha menina. Ela era uma cristã temente a Deus antes de andar contigo. Olha para ti, és um porco preguiçoso numa casa grande e elegante com um irmão bêbedo e uma irmã ordinária. — Vários perdigotos banhavam a pele de Tucker, ao mesmo tempo que Austin ficava cada vez mais vermelho de fúria. — Vais apodrecer no Inferno, todos vocês, como o vosso pai mergulhado em pecado.

Normalmente, Tucker gostava de conversar, encantar ou fugir dos confrontos. Mas havia sempre o momento em que, por mais que se controlasse, o orgulho e o temperamento intervinham.

Deu um soco no peito de Austin, surpreendendo o velho o suficiente para o fazer desequilibrar-se.

— Ouça bem, seu beato sacana, está a falar comigo e não com a minha família. Só comigo. Já lhe disse que não deixo a Edda Lou ficar mal e não volto a repetir. Se acha que fui o primeiro a apanhá-la de costas, então é mais maluco do que pensava. — Estava a ficar furioso e sabia bem que não valia a pena. Mas a vergonha, a irritação e a ignomínia tinham derrotado todas as cautelas. — E não pense que ser preguiçoso é o mesmo que ser estúpido. Sei muito bem o que ela está a tentar fazer. Se vocês os dois acham que gritos e ameaças me vão fazer seguir até ao altar, então, desenganem-se.

Os músculos do queixo de Austin tremeram.

— Então, ela serve para foder, mas não para casar.

— É mais ou menos isso.

Tucker soube ser rápido para se desviar do primeiro golpe, mas não do segundo. O punho enorme de Austin enterrou-se-lhe nas entranhas, roubando-lhe o fôlego e fazendo-o vergar-se. Absorveu alguns golpes com o rosto e o pescoço, até que reuniu forças para se defender.

Sentiu o gosto do sangue e o seu odor. O facto de ser o seu animou

uma onda de fúria louca que lhe perpassou o corpo. Não sentiu dor quando os nós dos dedos embateram contra o queixo de Austin, mas a força do murro reverberou-se-lhe braço acima.

Sentiu-se bem. Muito bem.

Parte dele continuava a pensar com bastante clareza. Tinha de se aguentar na posição. Jamais poderia igualar Austin no tamanho ou na força, pelo que tinha de contar com a agilidade e a rapidez. Se caísse e voltasse a levantar-se, o mais certo era fazê-lo com alguns ossos partidos e a cara em papas.

Sentiu um golpe por baixo da orelha e escutou os anjos a cantarem.

Punhos chocavam com ossos. O sangue e o suor aspergiam-no furiosamente. Enquanto lutavam, as bocas exibiam-se em esgares animais, e Tucker sentia que não estava a defender apenas o seu orgulho. Havia um brilho ténue de loucura no olhar de Austin que era mais eloquente do que todos os grunhidos e insultos baixos. Ao vê-lo, Tucker sentiu uma onda de pânico serpentear-lhe no âmago.

Os seus piores receios tomaram corpo quando Austin se lançou contra ele, de cabeça inclinada para baixo e o corpo de *bulldozer* a segui-la. Libertou um grito triunfante quando os pés de Tucker escorregaram na gravilha, fazendo-o voar para trás, por cima das peónias.

Estava completamente sem fôlego. Conseguia ouvir o esforço patético do ar que tentava descer-lhe pelo peito para abastecer os pulmões. Mas ainda tinha a sua fúria e sentia o medo. Quando começou a levantar-se, Austin caiu-lhe em cima, apertando-lhe o pescoço com uma mão grossa, enquanto com a outra lhe investia sobre os rins.

Embora Tucker ripostasse apertando a mão no pescoço de Austin, lutando freneticamente para mover a cabeça e afastar-se, sentia-se a perder a visão. Apenas conseguia ver aqueles olhos, agora iluminados pelo prazer da morte e cegos de loucura.

— Vou mandar-te para o inferno — jurava Austin. — Vou mandar-te para o inferno. Devia ter-te matado antes, Beau. Devia ter-te matado.

Sentindo-se prestes a perder a vida, Tucker investiu nos olhos.

Austin afastou a cabeça com violência e uivou como um cão ferido. Quando libertou o pescoço de Tucker, este inalou ar gananciosamente, um ar que queimava e reanimava.

— Seu sacana louco. Não sou o meu pai. — Engasgou-se e tossiu, tentando levantar-se, apoiando-se nas mãos e nos joelhos. Estava aterrorizado com a possibilidade de vomitar o pequeno-almoço em cima das peónias. — Saia da minha propriedade.

Voltou a cabeça e sentiu alguma satisfação ao vislumbrar o rosto ensanguentado de Austin. Tinha dado o melhor de si — e nenhum homem podia pedir mais. A não ser um duche frio, um saco de gelo e um frasco

de aspirinas. Começou a sentar-se, apoiando-se nos calcanhares. Rápida como uma serpente, a mão de Austin pegou numa das pedras pesadas que rodeavam as peónias.

— Credo, homem — foi tudo o que Tucker conseguiu dizer quando viu Austin erguer a pedra sobre a sua cabeça.

Os tiros de caçadeira assustaram ambos. Seguiu-se uma chuva de cartuchos por cima das peónias.

— Ainda tenho o tambor carregado, seu sacana — avisou Della, saindo do alpendre. — E está a apontar para a sua gaita inútil. Pouse essa pedra onde a viu e depressa, porque tenho o dedo suado.

Tucker conseguia ver a loucura esvair-se dos olhos de Austin, agora substituída por uma fúria violenta, mas mais saudável.

— É capaz de não o matar — comentou Della, casualmente. Estava de pé no alpendre, com a arma confortavelmente apoiada no ombro, o olho na mira e um sorriso sinistro no rosto. — É capaz de poder contar com uns bons trinta anos a mijar para um saco de plástico.

Austin deixou cair a pedra. O som assustador que provocou ao embater no manto de vegetação fez o estômago de Tucker revirar-se.

— Vim para o Juízo Final — citou Austin. — Vai pagar pelo que fez à minha menina.

— Vai pagar, pois — respondeu Della. — Se aquela rapariga tiver no ventre um filho dele, o Tucker trata disso. Mas eu não me deixo levar como o rapaz, Austin, e vamos confirmar tudo antes de ele assinar documentos e passar cheques.

De punhos cerrados, Austin levantou-se.

— Está a dizer que a minha menina está a mentir?

Della manteve a arma em riste, mas mais baixa.

— Estou a dizer que a Edda Lou nunca foi melhor do que podia ser e não posso dizer que a censura por isso. Mas agora saia desta terra e, se for esperto, mande a rapariga ao doutor Shays para ele ver se ela está grávida. Vamos resolver isto de forma civilizada. Ou pode avançar para eu lhe estourar os miolos.

As mãos impotentes de Austin abriam-se e fechavam-se. O sangue corria-lhe pelas faces como lágrimas.

— Eu volto. — Cuspiu novamente, voltando-se para Tucker. — E da próxima vez não haverá mulher para te proteger.

O homem voltou para a carrinha, contornou o círculo de flores e seguiu pelo caminho. O fumo negro deixava uma vez mais o seu rasto.

Tucker continuava sentado no canteiro de flores, com a cabeça apoiada nos joelhos. Ainda não se ia levantar — não, ainda não. Ficaria sentado por uns momentos em cima das flores esmagadas.



Exalando um longo suspiro, Della baixou a arma. Com cuidado, encostou-a à balaustrada e desceu, avançando pelas pedras dos canteiros até chegar a Tucker. Ele olhou para cima, começando a esboçar um agradecimento. Della deu-lhe uma palmada na cabeça com tal força que os seus ouvidos tiniram.

— Caramba, Della.

— Esta foi por pensares com os tomates. — Deu-lhe outra palmada. — E esta foi por teres trazido um maníaco da Bíblia à minha casa. — E seguiu-se uma nova palmada no cimo da cabeça. — E esta foi por teres estragado as flores da tua mãezinha. — Com um aceno de satisfação, Della cruzou os braços. — Agora, quando te levantares, vens comigo à cozinha para te limparmos.

Tucker limpou a boca com as costas da mão e olhou para baixo distraidamente, fitando o sangue.

— Sim, senhora.

Por achar que já tinha as mãos firmes, Della ergueu-lhe o queixo.

— Vais ficar com um olho negro — previu. — Mas parece-me que ele fica com os dois. Não te correu mal.

— Parece que não. — A medo, Tucker voltou a pôr-se de joelhos. Respirando com dificuldade, pôs-se de pé muito devagar. Parecia que tinha sido atropelado por uma manada de cavalos em fuga. — Depois vejo o que posso fazer com as flores.

— E não te esqueças.

Della amparou-o pela cintura e, suportando algum do seu peso, ajudou-o a entrar em casa.

Embora Tucker não se preocupasse por se ter envolvido naquela confusão por causa de Edda Lou, não conseguia ignorar a preocupação que lhe tolhia o estômago. Dizia a si mesmo que era melhor deixar o doido do Austin preocupar-se com a doida da filha — que provavelmente tinha ido arejar as ideias por uns dias para não ter de lidar com a raiva do pai e para espicaçar a culpa de Tucker. Mas não conseguia esquecer como se tinha sentido ao encontrar a doce Francie a flutuar no lago, com aquelas feridas exangues a marcarem-lhe a pele branca.

Por isso, colocou uns óculos de sol para esconder a parte pior da pisadura no seu olho esquerdo e, engolindo dois analgésicos que Josie tomava para as dores menstruais, partiu para a cidade.

O Sol brilhava impietosamente, fazendo-o desejar voltar para casa para se aninhar na cama com um saco de gelo e um copo de uísque. Era isso que faria depois de falar com Burke.

Com alguma sorte, Edda Lou estaria ao balcão do Larsson's a vender tabaco e gelados e sacos de carvão para churrasco.

Mas conseguia ver bem através do vidro da montra da loja, e era o jovem Kirk Larsson que tomava conta do balcão e não Edda Lou.

Tucker estacionou à frente do gabinete do xerife. Se estivesse sozinho, teria saído do carro em movimentos demorados e dolorosos. A gemer. Mas três velhos que viviam colados à entrada do gabinete do xerife a derreter a gordura, a amaldiçoar o tempo e à espera de mexericos estavam alerta. Os chapéus de palha cobriam as suas cabeças grisalhas, as bochechas queimadas pelo vento enchiam-se de tabaco de mascar e as camisas estavam ensopadas em suor.

— Olá, Tucker.

— Senhor Bonny. — Acenou ao primeiro homem, como era de esperar, vendo que Claude Bonny era o mais velho do grupo. Os três viviam da reforma há mais de uma década e tinham elegido o passeio diante da pensão como seu paraíso de reformados. — Senhor Koons, senhor O'Hara.

Pete Koons, desdentado desde os quarenta e pouco adepto de dentaduras, cuspiu o tabaco para um balde de lata que a neta lhe oferecera.

— Rapaz, parece que te cruzaste com uma mulher má ou um marido zangado.

Tucker conseguiu sorrir. Naquela cidade havia poucos segredos e um homem esperto escolhia os seus com sabedoria.

— Não. Um papá arreliado.

Charlie O'Hara riu-se num pio. O seu enfisema não tinha debelado e acreditava que ia morrer dele antes de um novo Verão, por isso, aproveitava todas as pequenas piadas da vida.

— Foi o Austin Hatinger? — Quando Tucker abanou a cabeça em assentimento, O'Hara voltou a piar. — Maçã podre. Uma vez vi-o a gritar com o Toby March. É claro que o Toby era um rapaz negro, por isso, ninguém se importou muito. Deve ter sido em sessenta e nove. Espalmou as costelas ao Toby e marcou-lhe a cara.

— Sessenta e oito — corrigiu Bonny, o seu coetâneo, porque a precisão era importante em tais assuntos. — Foi no Verão em que comprámos o tractor novo, se bem me lembro. O Austin disse que o Toby tinha roubado uma medida de corda do barracão dele. Mas era tolice. O Toby era bom rapaz e nunca pegou em nada que não fosse dele. Começou a trabalhar comigo na quinta depois de lhe sararem as costelas. Nunca tive problemas nenhuns com ele.

— O Austin é dos maus. — Koons voltou a cuspir, por necessidade e para acentuar o seu ponto de vista. — Foi para a Coreia mau e voltou ainda pior. Nunca perdoou a tua mãe por se ter casado quando ele andava por lá a lutar contra os olhos em bico. Estava decidido a conquistar a menina Madeline, embora ela não lhe ligasse nenhuma, mesmo quando ele parava diante dela. — Sorriu, desdentado. — Vais tê-lo como sogro, Tuck?

— Nunca na vida. Não se cansem muito.

Os velhotes riram-se e piaram divertidos, observando Tucker a fazer a curva e abrir a porta de Burke.

O gabinete do xerife era uma divisão quente, com uma mesa vinda das sobras do exército, duas cadeiras giratórias, uma cadeira de balouço de madeira gasta, um armário para as armas, cujas chaves seguiam sempre presas à corrente pesada no seu cinto, e uma máquina de café novinha em folha, um presente de Natal da mulher de Burke. O chão de madeira estava pintalgado de pequenos pontos de tinta branca, que caíram na última vez que as paredes tinham sido pintadas.

Atrás do gabinete havia uma casa de banho do tamanho de um roupeiro e, do outro lado, uma pequena sala de arquivo com prateleiras de metal, onde cabia uma cama de armar aninhada. A sala era usada no caso de Burke ou o seu delegado precisarem de vigiar um prisioneiro durante a noite. Mas era frequentemente refúgio dos dois homens, depois de uma discussão doméstica, precisando de dar à esposa algum tempo para se acalmar.

Tucker sempre se interrogara sobre como o filho de um agricultor próspero conseguia ser feliz ali, ganhando a vida a processar multas de trânsito, a pôr termo a lutas de bar e a tomar conta de bêbedos.

Mas Burke parecia satisfeito com a vida, assim como parecia contente por estar casado há dezassete anos com a rapariga que tinha engravidado quando ambos ainda andavam no liceu. Usava o distintivo com tranquilidade e era suficientemente afável para continuar popular em Innocence, onde as pessoas não gostavam nada que lhes dissessem o que podiam ou não fazer.

Tucker deu com ele debruçado sobre a secretária, estudando seriamente alguns ficheiros enquanto a ventoinha de tecto agitava fumo parado e ar quente.

— Burke.

— Olá, Tuck. O que... — Interrompeu-se quando reparou no rosto inchado de Tucker. — Valha-nos Deus, homem. Foste contra um muro?

Tucker sorriu, sentindo um grande desconforto no gesto.

— Contra os punhos do Austin.

Burke sorriu.

— Como ficou ele?

— A Della diz que ficou pior. Estava demasiado ocupado a tentar não me desfazer para reparar.

— Provavelmente não quis ferir os teus sentimentos.

Sabendo que seria verdade, Tuck sentou-se lentamente na almofada esfiapada da cadeira giratória.

— Provavelmente. Ainda assim, não me parece que o sangue na minha camisa fosse todo meu. Espero que não.

— Por causa da Edda Lou?

— Sim. — Tucker enfiou cuidadosamente os dedos debaixo dos óculos de sol para palpar o olho pisado. — Segundo ele, desflorei uma virgem pura que nunca tinha visto uma gaita à frente.

— Merda.

— Pois aí tens. — Tucker deteve-se antes de cometer o erro de encolher os ombros. — A verdade é que ela tem vinte e cinco anos e eu dormi com ela e não com o pai dela.

— Fico contente por saber disso.

O sorriso rápido de Tucker arrepanhou-lhe o lábio inchado.

— A mãe da Edda Lou deve fechar os olhos e rezar ao Senhor sempre que ele vai ter com ela. — Então, ficou sério, perante a imagem de Austin a agredir a mulher, de ossos frágeis e olhos tristes, demasiado perturbante para ser engraçada. — A questão é que quero agir correctamente. — Exalou um suspiro, percebendo agora que tinha ido à cidade por mais de um motivo. Era altura de abordar o primeiro. — As coisas resultaram bem contigo e com a Susie.

— Sim. — Burke pegou num maço de Chesterfields, tirou um cigarro e atirou o maço para Tucker. — Éramos demasiado jovens e estúpidos para pensarmos que podia correr mal. — Observou Tucker cortar um pouco a extremidade. — E eu amava-a. Estava completamente apaixonado por ela na altura. Ainda estou. — Atirou os fósforos a Tucker. — Não foi fácil. A Marvella nasceu antes de nos formarmos, tivemos de viver com os meus pais dois anos antes de conseguirmos pagar a nossa própria casa. Depois, a Susie voltou a ficar grávida do Tommy. — Exalando uma baforada, Burke abanou a cabeça. — Três filhos em cinco anos.

— Podias ter ficado com as calças vestidas.

Burke sorriu.

— Tu também.

— Pois. — Tucker deixou o fumo escapar pelos dentes. — Bem, no fundo é isto: eu não amo a Edda Lou, nem completamente, nem pela metade, mas tenho responsabilidade. Não posso casar com ela, Burke. Não consigo.

Burke sacudiu a cinza num cinzeiro de metal que em tempos tinha sido azul e estava agora esverdeado.

— Devo dizer que serias tolo se o fizesses. — Pigarreou levemente, aventurando-se em terreno melindroso. — A Susie disse-me que a Edda anda há semanas a gabar-se de ir viver para a casa grande com criados. A Susie disse que nunca lhe prestou grande atenção, mas que muitos sim.

Parece que aquela rapariga anda mesmo com ideias de ir morar para Sweetwater.

A revelação era simultaneamente um golpe no seu orgulho e um grande alívio. Então, o motivo nunca fora ele, mas o nome dos Longstreet. Mas ela devia ter percebido que isso ia acabar por lhe ocorrer.

— Vim cá para te dizer que não consegui falar com ela desde aquele dia no restaurante. O Austin foi falar comigo, achando que estava a escondê-la dentro de casa. Ela tem aparecido na cidade?

Devagar, Burke esmagou o cigarro.

— Não sei bem, porque também estive fora um dia ou dois.

— É capaz de estar com alguma amiga. — A possibilidade tranquilizava-o. — A questão é que, desde que encontrámos a Francie...

— Sim.

Burke sentiu um aperto no estômago.

— Sabes mais alguma coisa sobre isso? Ou sobre a Arnette?

— Nada. — O falhanço da investigação deixava-o corado de fúria. — O xerife do condado é que tem coordenado a investigação. Eu tenho colaborado com o médico-legista e ajudado a guarda nacional, mas não há nada de concreto. No mês passado houve outra mulher esventrada em Nashville. Se conseguirem encontrar uma ligação, então chamamos o FBI.

— A sério?

Burke apenas assentiu. Não gostava da ideia de ter agentes federais na sua cidade, a fazerem o seu trabalho, a olharem-no de soslaio com os seus olhos de cidadãos, catalogando-o como um parolo que não conseguia sequer prender um bêbedo caído na rua.

— Lembrei-me da Francie e fiquei preocupado — continuou Tucker.

— Vou perguntar por aí. — Levantou-se, querendo ser rápido. — É como dizes, deve ter ido para casa de alguma amiga, convencida de que ficavas nervoso e a pedias em casamento.

— Sim. — Aliviado por ter transferido aquele fardo para Burke, Tucker levantou-se e coxeou em direcção à porta. — Depois, diz-me alguma coisa.

— Assim que souber.

Burke saiu com ele, ficando a fitar demoradamente a sua cidade. Ali, onde tinha nascido e crescido, onde os seus filhos corriam pelas ruas e a mulher fazia as suas compras. Onde podia levantar a mão para cumprimentar alguém e ser reconhecido e retribuído.

— Olha para aquilo. — Tucker exalou um suave suspiro enquanto observava Caroline Waverly descer do seu BMW, dirigindo-se ao Larsson's. — É uma bela imagem refrescante. Dá sede só de olhar.

— A parente da Edith McNair?

— Sim. Cruzei-me com ela no outro dia. Fala como uma duquesa e tem os olhos verdes maiores do mundo.

Reconhecendo os sinais, Burke troçou:

— Já tens problemas que cheguem, rapaz.

— É uma fraqueza minha. — Tucker coxeou ligeiramente a caminho do seu carro. Mudando de ideias, atravessou a rua. — Acho que vou comprar um maço de cigarros.

O sorriso de Burke desvaneceu quando olhou para a pensão. Também se lembrara de Francie. O mais certo era Edda Lou ter ficado por perto para pressionar Tucker. Mas o facto de não ter partido deixava-lhe um travo amargo na boca.

Estava a dar-se lindamente, dizia Caroline para si mesma, ao atravessar o relvado recozido pelo calor em direcção às árvores. As senhoras que conhecera no Larsson's naquela tarde tinham sido um pouco mais curiosas do que contava, mas também tinham sido acolhedoras e simpáticas. Era bom saber que, se se sentisse sozinha, podia sempre ir até à cidade em busca de companhia.

Gostara particularmente de Susie Truesdale, que passara na loja para comprar um postal de aniversário para a irmã que morava em Natchez, e ficara uns bons vinte minutos.

É claro que aquele Longstreet também tinha aparecido para namoriscar com as mulheres e espalhar o seu charme sulista. Os seus óculos escuros não tinham disfarçado o facto de ter andado à porrada. Quando interrogado sobre o assunto, granjeara a solidariedade de todas as mulheres no estabelecimento.

Aquele tipo de homem conseguia-o sempre. Se Luis tivesse uma unha encravada, haveria certamente mulheres disponíveis para doarem sangue.

Graças a Deus, tinha-o superado, tinha superado os homens e tudo o que lhes dissesse respeito. Tinha-lhe sido pateticamente fácil dispensar os encantos de Tucker.

“Menina Caroline”, chamara ele, com um sorriso suave. Podia jurar que os olhos dele se riam por trás daqueles óculos.

Mas as mãos dele eram uma pena, ponderava ela, baixando-se para não acertar num líquen. Eram bastante bonitas, com dedos compridos e palmas largas. Era uma pena ver aqueles dedos esfolados e pisados.

Irritada, afastou o sentimento solidário. Assim que ele saíra da loja, coxeando ligeiramente, as mulheres tinham começado a comentar sobre ele e alguém chamado Edda Lou. Caroline inalou profundamente o vibrante perfume verde e quente e sorriu para si mesma.

Parecia que o falinhas mansas do senhor Longstreet se tinha metido

numa pequena confusão. A namorada estava grávida e a exigir casamento. E, de acordo com os boatos locais, o pai dela era do tipo disponível para carregar a caçadeira.

Acariciando um ramo, Caroline começou a sentir o aroma da água. Céus, como estava longe de Filadélfia. Como podia ela imaginar que seria tão pacífico e divertido escutar as conversas animadas sobre o sedutor da cidade?

Apreciara a sua meia hora de visita à cidade, as conversas das mulheres sobre os filhos, receitas e homens. Sobre sexo. Riu-se um pouco. Aparentemente, no Norte e no Sul, quando as mulheres se juntavam, o tema preferido era o sexo. Mas ali eram tão frontais quando o abordavam. Quem dormia com quem e quem não dormia com ninguém.

Devia ser do calor, pensou, sentando-se no tronco para observar a água e escutar a música do entardecer.

Estava feliz por ter ido para Innocence. Todos os dias sentia que se curava. O silêncio, o Sol implacável que cozinhava toda a energia num ser humano, a beleza simples da água ensombrada por árvores carregadas de líquen. Até se estava a habituar aos ruídos nocturnos e àquela escuridão mais negra do que a noite, tão típica do campo.

Na noite anterior, dormira oito horas seguidas, pela primeira vez em várias semanas. E acordara sem aquela dor de cabeça lancinante. A solidão e a serenidade dos rituais rurais e de cidade pequena estavam a funcionar.

As raízes que nunca lhe tinha sido permitido plantar, as raízes que a sua mãe furiosamente negaria existirem começavam a reivindicar a sua existência. Nada nem ninguém as arrancaria novamente.

Era até capaz de experimentar pescar. A possibilidade fê-la rir-se e perguntar-se se ainda gostaria de peixe-gato. Mudou de posição e pegou num seixo para atirar para a água. O ruído que produziu foi de tal forma satisfatório que pegou noutro e noutro, observando a propagação das ondas. Divisou um seixo espalmado no limite da água e levantou-se para pegar nele. Seria giro tentar fazê-lo saltar. Mais uma imagem perdida no tempo. A do seu avô ali de pé, a tentar ensiná-la a atirar a pedra.

Feliz com a memória, vergou-se e apanhou a pedra. Estranhamente, teve a sensação de estar a ser observada. Fitada. E assim que o primeiro arpejo se formou na sua espinha, vislumbrou algo branco pelo canto do olho.

Voltou-se e olhou. Parou. Até o grito parecia gelo na sua garganta.

Estava a ser observada, embora os olhos que a fitavam nada vissem. Havia apenas um rosto, a flutuar na superfície agitada da água escura, com um emaranhado horrendo de cabelo comprido e loiro que se prendera nas raízes de uma velha árvore.

O seu fôlego era frágil, pronunciando-se pelos lábios em pequenos gemidos assustados, à medida que ela recuava. Mas não conseguia tirar os olhos daquele rosto, da forma como a água lhe embatia no queixo, da forma como um raio de Sol reverberava naqueles olhos parados e sem vida.

Só quando conseguiu levar as mãos ao rosto, bloqueando a imagem, é que conseguiu inalar ar suficiente para gritar. O som ecoou pelo pântano, viajando através da água escura e espantando os pássaros das suas árvores.

#### 4.

O enjoo tinha passado. Mas ainda sentia alguma agitação no estômago que, se se obrigasse a respirar lentamente, Caroline conseguia conter bebendo um pouco de água tépida. Voltou a beber, respirou profundamente e esperou que Burke Truesdale regressasse das árvores.

Não lhe pedira que o acompanhasse. Ela supunha que ele lhe tivesse divisado o rosto, concluindo que não teria aguentado dois metros de viagem. Ainda agora, sentada no degrau do alpendre, com as mãos quase calmas, não conseguia lembrar-se de como conseguira voltar do lago a casa.

Apercebeu-se distraidamente que perdera um dos sapatos. Um daqueles mocassins azuis e brancos e muito bonitos que comprara em Paris alguns meses antes. Com o olhar perdido, fitou o pé nu marcado com sujidade e pedaços de relva. Num esforço de concentração, descalçou o outro sapato. Parecia importante estar completamente descalça. Afinal de contas, alguns poderiam pensar que ela era doida, ali sentada no alpendre, com apenas um sapato calçado. E um cadáver a flutuar no lago.

Quando o seu estômago se revirou mais uma vez, ameaçando expelir até a água da torneira, Caroline apoiou a cabeça entre os joelhos. Oh, como detestava estar doente — odiava-o com uma paixão que apenas alguém que tivesse recuperado recentemente de uma doença prolongada poderia compreender. A fraqueza, a impotência enervante.

Cerrando os punhos, Caroline usou toda a sua concentração para se afastar do precipício. Que direito tinha ela de se sentir doente, tonta e assustada? Estava viva, não estava? Viva, inteira e em segurança. Não estava como aquela pobre mulher.

Mas manteve a cabeça baixa até sentir o estômago mais calmo e o zumbido persistente lhe abandonar os ouvidos.

Voltou a levantar a cabeça quando escutou o som de um carro a aproximar-se da sua entrada. Caroline levou uma mão cautelosa ao rosto, observando a carrinha empoeirada travar em cima das ervas daninhas.



Ainda não tinha tido tempo de tratar da vegetação, pensou. Quase conseguia ouvir as ervas rasparem na tinta já riscada do carro. Certamente haveria tesouras no barracão. Mas era melhor deixar a tarefa para de manhã, antes que o dia começasse a aquecer.

Anestesiada, observou a carrinha estacionar ao lado do carro do xerife. Dela saiu um homem magro, com uma gravata vermelha apertada a um pescoço de peru. Usava uma camisa branca de manga curta e um chapéu branco a cobrir o cabelo que pintara de um preto denso como carvão, penteando-o depois numa poupa inerte. Do seu pescoço e olhos pendiam papos e pele em excesso, como se ela em tempos tivesse estado inflamada de gordura ou líquidos e esticada com o seu peso.

As suas calças pretas eram suportadas por uns suspensórios vermelhos ousados e o homem calçava uns sapatos pretos envernizados que Caroline associaria aos militares. Mas a maleta de couro velho que ele transportava denunciava a sua profissão.

— Deve ser a menina Caroline. — A sua voz estridente tê-la-ia feito sorrir, em qualquer outro momento e em qualquer outro lugar. Soava sinistro como o vendedor de carros velho que ela ouvira pelos altifalantes na noite anterior. — Sou o Doc Shays — identificou-se ele, apoiando um pé no degrau de baixo. — Acompanhei os seus avós durante quase vinte e cinco anos.

Caroline cumprimentou-o com um aceno.

— Como está?

— Rijo, obrigado. — O seu olhar astuto de médico analisou-lhe o rosto, reconhecendo o estado de choque. — O Burke ligou-me. Disse-me que vinha para cá. — Shays pegou num lenço branco enorme para limpar o pescoço e o rosto. Embora pudesse mover-se com mais rapidez do que o fazia, o seu ritmo lento e tranquilo correspondia mais a uma questão de atitude delicada. Era assim que gostava de fazer tudo. — Está bem quente, hoje, não acha?

— Sim.

— Porque não vamos para dentro, onde está mais fresco?

— Não, acho... — Olhou desesperadamente para as árvores cerradas. — Devia esperar. Ele foi lá ver... Eu estava a atirar seixos para a água. Só consegui ver-lhe a cara.

O médico sentou-se a seu lado, tomando-lhe a mão. Uns dedos ainda expeditos ao fim de quarenta anos de medicina analisavam a sua pulsação.

— A cara de quem, querida?

— Não sei. — Quando ele se baixou para abrir a maleta, ela endireitou-se. Meses de médicos atentos à sua saúde, com agulhas finas nas mãos, deixavam-na automaticamente nervosa. — Não preciso de nada. Não que-

ro nada. — Levantou-se num salto e, embora tentasse, não conseguiu evitar que a sua voz ficasse estridente. — Eu estou bem. Devia tentar ajudá-la. Deve haver alguma coisa que possa fazer para a ajudar.

— Uma coisa de cada vez, querida. — Para provar as suas boas intenções, o médico voltou a fechar a maleta. — Porque não se senta aqui e me conta o que se passou? Devagar e com calma. Depois, podemos decidir o que realmente aconteceu.

Caroline não se sentou, mas voltou a acalmar-se, depois de respirar fundo várias vezes. Não queria acabar no hospital outra vez. Não podia.

— Desculpe. Acho que não estou a dizer coisa com coisa.

— Bem, disso não quero saber. A maior parte das pessoas que conheço passa metade da vida a dizer coisa com coisa e o resto simplesmente a falar disso. Diga-me só o que lhe ocorrer.

— Penso que ela se terá afogado — começou Caroline, num tom cuidado e calmo. — No lago. Só consegui ver o rosto dela... — Interrompeu-se, afastando a imagem antes de voltar a perder-se na histeria. — Acho que morreu.

Antes que Shays pudesse questioná-la mais, o agente Carl Johnson saiu do meio das árvores e começou a dirigir-se ao relvado inundado de sol. O seu uniforme quase sempre impecável demonstrava vestígios de terra e fios de suor. Ainda assim, o homem caminhava com uma precisão militar, que acentuava a sua figura de autoridade, complementada pelos dois metros de músculo seco. A sua pele brilhante era da cor de avelãs.

Aquele era um homem que apreciava a sua autoridade e controlo. Estava naquele momento a lutar para manter a sua aura profissional quando o que queria era encontrar um canto escondido para vomitar o almoço.

— Doc.

— Carl.

Não foi preciso mais do que um cumprimento para os dois homens trocarem informação. Murmurando um impropério, Shays secou novamente o rosto.

— Menina Waverly, vou precisar de usar o seu telefone.

— Claro. Pode dizer-me o que... — Uma vez mais, o seu rosto voltou-se na direcção das árvores e a mente na do que jazia para além delas. — Está morta?

Carl hesitou por um momento, tirando o chapéu e revelando caracóis apertados e pequenos, cortados com a precisão de um relvado.

— Sim, senhora. O xerife vai falar consigo assim que puder. Doc?

Com um aceno sinistro, Shays levantou-se.

— Tem um telefone mesmo na entrada — explicou Caroline, começando a subir as escadas. — Senhor agente...

— Johnson, menina. Carl Johnson.

— Senhor agente Johnson, ela morreu afogada?

Carl olhou de repente para Caroline, segurando-lhe a porta para ela entrar.

— Não, menina. Não morreu afogada.

Burke estava sentado no tronco, afastado do corpo. Tinha uma máquina Polaroid a seu lado. Precisou de alguns minutos antes de voltar a assumir o seu papel de agente da lei. Alguns minutos para desanuviar a mente e deixar que o estômago acalmasse.

Já vira a morte em vários momentos da sua vida — conhecia o seu cheiro e aspecto desde a infância, quando caçava com o pai. A princípio, praticavam a actividade por divertimento, mas quando as colheitas e os investimentos falharam, começaram a caçar para pôr comida na mesa.

Também tinha visto a morte entre os da sua espécie. Começando pelo suicídio do pai quando perderam a quinta. E não tinha sido essa morte a conduzi-lo até àquela? Sem a quinta, com uma mulher e duas crianças pequenas para sustentar, inscrevera-se como agente e, depois, fizera-se xerife. O filho do homem rico que detestara a futilidade da morte do pai, e a crueldade da terra que a causara, decidira canalizar os seus talentos, tal como eram, para a lei e a ordem.

Mas mesmo tendo encontrado o pai enforcado no celeiro e tendo escutado o chiar da corda a roçar na viga grossa não o preparara para o que tinha visto no lago McNair.

Ele ainda tinha uma imagem muito vívida do esforço para retirar o corpo da água e arrastá-lo para terra.

Curiosamente, ponderava ele fumando um cigarro, nunca gostara muito de Edda Lou. Havia algo de muito vulgar na sua postura, um olhar de raposa que lhe tinham roubado qualquer solidariedade por sabê-la parente de Austin Hatinger.

Mas ainda se lembrava do aspecto dela, num Natal muitos anos antes, quando ele e Susie se tinham cruzado com ela na cidade. Não devia ter mais de dez anos, cabelo loiro a cair-lhe pelas costas, um vestido remendado, subindo muito de um lado e descaindo na frente. Estava de nariz colado à montra do Larsson's, a fitar uma boneca com uma capa azul e uma tiara de pedras falsas.

Era apenas uma menina, então, que acreditava no Pai Natal. Mas já sabia que ele não existia.

Burke voltou-se quando escudou ruído entre as folhagens.

— Doc. — Exalou um suspiro de alívio impregnado de fumo. — Que susto.

Shays pousou a mão pesada no seu ombro e apertou uma vez, dirigindo-se de seguida para o corpo. A morte não lhe era estranha e aprendera que a morte não se destinava apenas aos velhos. Podia aceitar que os jovens eram levados pela doença e pelos acidentes. Mas aquela mutilação, aquela destruição selvática de um ser humano era completamente inaceitável.

Com cuidado, tomou uma das mãos inertes da rapariga e estudou o pulso em carne viva. As mesmas marcas familiares rodeavam os tornozelos. Custava-lhe mais, de alguma forma, aquela pulseira de pele rasgada e a impotência que representava do que os cortes violentos no seu corpo.

— Foi um dos primeiros bebés que ajudei a dar à luz quando vim para Innocence. — Com um suspiro, fez o que Burke tinha sido incapaz de fazer. Aproximou-se e fechou os olhos de Edda Lou. — É muito difícil um pai enterrar um filho. E, por Deus, para um médico também.

— Ele deu cabo dela — conseguiu Burke comentar. — Como fez com as outras.

Pegou na máquina fotográfica. Precisariam de mais fotografias, e Deus sabia que ele tinha de tirá-las antes que o médico-legista viesse. Engoliu um nó cego de raiva.

— Foi amarrada àquela árvore ali. Há sangue seco no tronco. Podemos ver pelos cortes na pele das costas que se esfregou na casca. Usou corda da roupa. Ainda se vêem vestígios. — Burke voltou a baixar a objectiva e os seus olhos reverberavam fúria. — Mas que raio estava ela a fazer aqui? O carro dela está na cidade.

— Não te sei dizer, Burke. Não te sei dizer muito. Levou uma pancada na nuca. — As mãos de Shays eram tão suaves como se estivesse a tratar um paciente vivo. — Talvez ele a tenha içado para aqui. Ou talvez ela tenha vindo sozinha e o tenha irritado.

Num esforço para não perder a calma, Burke assentiu. Ele sabia, tal como todos na cidade sabiam, quem Edda Lou tinha irritado.

Caroline caminhava de um lado para o outro no alpendre. Se tivesse coragem, iria até ao pântano para exigir que a informassem. Não tinha a certeza de quanto tempo mais aguentaria tanta espera. Mas sabia que nunca conseguiria passar duas filas de árvores, tendo consciência do que se escondia depois delas.

Viu o carro preto aproximar-se de sua casa, seguido por uma carrinha branca. Calculou que se tratasse do médico-legista. Quando os homens saíram da carrinha com uma maca e um saco preto grosso, ela voltou-se. Aquele saco, aquele saco comprido não era muito diferente em tamanho e forma dos que as pessoas usavam para deitarem fora coisas que já não queriam; lembrava-a de forma implacável que não era uma pessoa, nem uma

mulher, ali no lago, mas apenas um corpo que não sofreria a indignidade de ser levado num grande pedaço de plástico.

Eram os vivos quem sofriam e Caroline perguntava-se quem choraria a mulher, quem faria o luto dela e o questionaria.

O seu coração penava com vontade de fazer música, de criar música tão apaixonada que afastaria tudo o resto. Ainda podia fazer isso, graças a Deus, ainda podia fazer isso. Fugir para a música, quando não havia mais para onde fugir.

Encostando-se ao poste, fechou os olhos e imaginou a cena na sua cabeça, preencheu-a com melodias tão ricas que não ouviu o carro seguinte a travar na sua entrada.

— Olá. — Josie bateu com a porta do carro e, ainda a terminar o seu gelado de cereja, dirigiu-se ao alpendre. — Olá — repetiu, oferecendo um sorriso amigável e curioso quando Caroline levantou a cabeça. — Isto está animado, para estes lados. — Lambeu o pau do gelado, satisfeita. — Vi estes carros todos voltarem para aqui quando estava a caminho de casa e resolvi vir cá ver o que se passava.

Caroline fitou-a distraidamente. Era estranho e quase obsceno ver alguém tão intenso e cheio de vida com a morte à espreita.

— Desculpe?

— Não se preocupe, querida. — Ainda a sorrir, Josie subiu os degraus. — Sou estridente, mais nada. Não suporto ver que se passa alguma coisa e não saber o quê. Sou a Josie Longstreet — disse, esticando a mão ainda a colar do gelo derretido.

— Caroline. Caroline Waverly.

Depois de terem trocado apertos de mão, Caroline pensou na naturalidade das boas maneiras, da sua automaticidade absurda.

— Passa-se alguma coisa por aqui, Caroline? — Josie pousou o pau na balaustrada do alpendre. — Vi o carro do Burke. Ele é lindo, não é? Nunca traiu a mulher, nem uma vez em dezassete anos. Nunca conheci ninguém que levasse o casamento tão a sério. Mas pronto. E o Doc Shays também. — Olhou para a entrada cheia de carros. — Ah, mas *ele* é um personagem. Aquele cabelo preto todo emproado e penteado para trás como se fosse um cantor de rock dos anos cinquenta. Parece-se um pouco com o rato Mickey, não acha?

Caroline quase sorriu.

— Sim. Desculpe, quer sentar-se?

— Não se preocupe comigo. — Josie tirou um cigarro da carteira. Acendeu-o com um isqueiro dourado. — Está cheia de visitas, mas não vejo ninguém.

— Estão... — Olhou para as árvores. Engoliu em seco. — O xerife vem aí.

Josie mudou subitamente de posição, girando o corpo e erguendo os ombros. O sorriso atrevido que ofereceu a Burke desvaneceu quando viu os olhos dele. Ainda assim, a sua voz parecia animada.

— Ora, Burke, agora tenho ciúmes. Mal nos visitas em Sweetwater e aqui estás tu.

— Assuntos oficiais, Josie.

— Ora bem.

— Menina Waverly, preciso de lhe dar uma palavrinha. Podemos entrar?

— Claro.

Quando ele começou a andar, Josie tomou-lhe o braço. Já não tinha vontade de brincar.

— Burke?

— Agora não posso falar contigo. — Sabia que devia mandá-la embora, mas achava que Caroline podia precisar de uma companhia feminina depois de falar com ela. — Podes esperar? E talvez ficar com ela um pouco?

A mão no braço dele tremia.

— É muito mau?

— Do pior. Porque não entras para a cozinha e nos arranjas algo fresco? Agradecia que lá ficasses até te chamar.

Caroline instalou-o no salão da frente, no divã às riscas. O pequeno relógio de cuco a que ela dava corda regularmente desde que chegara tiquetaqueava animadamente. Conseguia sentir o odor da cera que passara na mesa de café naquela manhã e da sua transpiração.

— Menina Waverly, lamento muito ter de lhe fazer estas perguntas agora, quando ainda deve estar muito perturbada. Mas é melhor tratarmos disto rapidamente.

— Eu compreendo. — Como podia compreender, perguntava-se, agitada? Nunca tinha encontrado um corpo antes. — Sabe... sabe quem é?

— Sim, senhora.

— O delegado... Johnson? — Levou a mão ao pescoço, esfregando para cima e para baixo como se pudesse ajudar as palavras a saírem. — Ele disse que ela não se afogou.

— Não, menina. — Burke pegou num bloco de notas e num lápis que guardava no bolso. — Lamento, mas ela foi assassinada.

Caroline apenas assentiu. Não estava chocada. Parte de si soube-o no momento em que viu aqueles olhos vazios e mortos.

— O que quer que faça?

— Quero que me conte tudo o que viu, tudo o que escutou nas passadas quarenta e oito horas.

— Mas não ouvi nada, a sério. Eu acabei de chegar e ainda me estava a instalar, a colocar tudo em ordem.

— Compreendo. — Empurrou o chapéu para trás, limpando o suor da testa com a manga. — Talvez possa pensar melhor. Talvez tenha escutado um carro estacionar na sua entrada durante a noite ou algo que não lhe tenha parecido bem.

— Não... isto é, estou habituada aos ruídos da cidade, por isso, nada me parece bem.

Caroline passou a mão nervosa pelo cabelo. Ia correr tudo bem, pensou, agora que tudo se resumia às perguntas e às respostas, à mecânica da lei e da ordem.

— O silêncio parece tão estridente, se é que me entende. Todos os pássaros e insectos. As corujas. — Parou e, então, empalideceu. — Na outra noite, na primeira noite aqui... oh, meu Deus.

— Leve o tempo que precisar, menina.

— Pareceu-me ouvir uma mulher gritar. Estava a dormir e acordou-me. Assustou-me. Depois, lembrei-me donde estava e das corujas. Aquelas corujas estridentes. — Fechou os olhos, numa enchente de culpa. — Voltei a dormir. Podia ter sido ela. A pedir ajuda. Mas eu voltei a adormecer.

— Ou pode ter sido mesmo uma coruja. Se era ela, menina Waverly, não podia ter feito nada para a ajudar. Sabe dizer-me a que horas acordou?

— Não, lamento. Não faço ideia. Não olhei.

— Costuma ir muito para aqueles lados?

— Fui umas duas vezes. O meu avô levava-me a pescar para aquelas bandas quando estava cá de visita.

— Eu também já pesquei uns belos peixes-gato por ali — comentou ele, casualmente. — Fuma?

— Não. — Sentindo-se compelida pela boa educação, pegou num cinzeiro. — Mas esteja à vontade.

Burke tirou um cigarro, mas estava a pensar na beata que encontrara perto do tronco. Edda Lou também não fumava.

— Nunca deu por alguém a passear por aqui? Já teve alguma visita?

— Como lhe disse, não cheguei há muito. Mas cruzei-me com uma pessoa no outro dia. Disse-me que a minha avó costumava deixá-lo ir para lá ver a água.

Burke manteve o seu rosto impassível, mas sentiu-se entristecer.

— Sabe quem era?

— Chamava-se Longstreet. Tucker Longstreet.

Tucker estava outra vez deitado na rede, com uma cerveja gelada encostada ao olho inchado, a amuar. O seu corpo já não parecia ter sido pisado por cavalos. Parecia ter sido arrastado por vários quilómetros antes disso.

Lamentava amargamente a decisão de enfrentar Austin. Tinha sido melhor abalar para Greenville ou Vicksburg por uns dias. Mas que raio o tinha feito pensar que o orgulho e a honestidade valiam um murro no olho?

Pior ainda era saber que Edda Lou andaria por aí a rir-se da confusão que tinha criado. Quanto mais pensava nisso, mais certo estava de que Austin o tinha agredido sem motivo. Edda Lou não ia fazer um aborto. Não que Tucker pensasse que o recusaria por questões de maternidade ou morais. Mas se ela não estivesse grávida, não o podia prender.

E, pensava ele tristemente, essa prisão duraria para o resto da sua vida.

Nada prendia como a família. E o seu sangue misturar-se-ia com o de Edda Lou no filho que ela trazia no ventre. Todo o mal e o bem que neles circulava se fundiria e só Deus poderia decidir que traços perdurariam.

Bebeu um longo trago de cerveja e, depois, encostou novamente a garrafa ao olho. Não adiantava pensar em algo que não aconteceria senão daí a vários meses. Era melhor pensar no poderoso presente.

Doía-lhe tudo e, se não se sentisse tão envergonhado com o que se passara, teria até chamado o Doc Shays.

Para se aliviar, deixou que a mente vagueasse para pensamentos mais agradáveis.

Caroline Waverly. Era bonita como um daqueles *parfaits* altos e cremosos de gelado. Daquele tipo que nos arrefece e nos faz querer mais. Sorriu para si mesmo, ao recordar o olhar petulante que ela lhe oferecera no Larsson's, nessa mesma tarde.

Aquele olhar de rainha quando fala com o camponês. Céus, só lhe apeteceu pegar ela.

Mas não tinha qualquer intenção de fazê-lo. Tinha-se comprometido a afastar-se das mulheres por uns tempos. Não só ficava com dores no corpo, como achava que andava com falta de sorte. Ainda assim, era divertido pensar no assunto. Gostava da voz dela, suave e grave, tão diferente do seu ar frio de “não me toques”.

Resolveu imaginar que a convencia a deixá-lo tocá-la efectivamente. Tucker adormeceu com um sorriso nos lábios.

— Tuck.

Tucker resmungou e tentou afastar a mão que lhe sacudia o ombro. O movimento súbito fê-lo acordar de dores. Praguejou e abriu os olhos.

— Jesus, um homem não pode ter uns minutos de paz por aqui? — Pestanejou para Burke. As olheiras estavam maiores e a primeira coisa que lhe ocorreu foi que Della ainda não o tinha chamado para jantar. A segunda, que tinha o estômago tão dorido, que achava que era melhor assim. — Lembras-te de quando os irmãos Bonny e o primo deles se atiraram a nós em Spook Hollow?



Burke manteve as mãos enfiadas nos bolsos.

— Sim.

— Éramos mais novos, na altura. — Tucker alongou os dedos pisados. — Não me lembro de me ter doído tanto como agora. Porque não entramos para beber uma cerveja?

— Estou em serviço, Tucker. Preciso de falar contigo.

— Falamos melhor com uma cerveja. — Mas quando olhou para cima e observou o rosto de Burke, o seu sorriso depressa se desfez. — O que foi?

— É mau. Muito mau.

E Tucker soube, como se já tivesse sido revelado.

— Foi a Edda Lou, não foi? — Antes que Burke pudesse responder, Tucker estava já de pé e a caminhar de um lado para o outro, com as mãos a puxarem o cabelo. — Oh, meu Deus, meu Deus, meu Deus.

— Tuck..

— Dá-me um minuto. Caramba. — Doente, furioso, embateu com o punho na árvore. — Tens a certeza?

— Sim. Morreu como a Arnette e a Francie.

— Valha-me Deus. — Encostou a testa à casca áspera e lutou por manter a imagem afastada da sua mente. Não a amara e até chegara ao ponto de não gostar nada dela, mas tocara-lhe, provara-a, estivera dentro dela. Sentiu uma onda de dor avolumar-se dentro de si, não só por ela, mas pelo filho que nunca desejara.

— É melhor entrarmos e sentarmo-nos.

— Não. — Afastou-se da árvore. O seu rosto mudara. Assumira a expressão dura e perigosa que poucos podiam ver. — Onde a encontraste?

— No lago McNair, há algumas horas.

— Mas isso é a menos de um quilómetro daqui. — Primeiro, pensou na irmã, em Della, em protegê-las. Depois, pensou em Caroline. — Ela... Caroline... não deve ficar sozinha lá.

— A Josie está com ela. E o Carl. — Burke passou a mão pelo rosto. — A Josie obrigou-a a beber o brandy de maçã da senhora Edith. Ela, a Caroline, é que encontrou o corpo.

— Porra. — Sentou-se novamente na rede e apoiou a cabeça nas mãos. — Mas que raio vamos nós fazer, Burke? Mas que raio se passa aqui?

— Tenho de te fazer algumas perguntas, Tuck, mas antes quero dizer-te que fui falar com o Austin. Tinha de lhe contar. — Tirou um cigarro. — Tem cuidado, rapaz.

Tucker aceitou o cigarro.

— Ele não pode acreditar que eu faria mal à Edda Lou. Por amor de Deus. — Acendeu um fósforo e fitou-o até arder completamente nos dedos.

— Não acreditas... — Deixou cair o fósforo e levantou-se num salto. — Caramba, Burke, tu conheces-me.

Burke desejou ter aceitado a cerveja ou qualquer outra coisa que lhe lavasse aquele gosto da boca. Tucker era seu amigo e o mais próximo que tinha de um irmão. Mas era também o seu suspeito mais provável.

— Conhecer-te não é para aqui chamado.

Tucker sentiu um murro de pânico que era bem mais forte do que um golpe nas entranhas.

— Vai-te lixar.

— É o meu trabalho, Tucker. Tenho um dever a cumprir. — Profundamente abalado, pegou no bloco de notas. — Tu e a Edda Lou tiveram uma discussão em público há apenas dois dias. Ela estava desaparecida desde então.

Tucker acendeu um novo fósforo. Desta vez, acendeu o cigarro, travou e expeliu fumo.

— Vais ler-me os direitos e algemar-me? Ou quê?

Burke deu um murro na perna.

— Porra, Tucker, passei duas horas a olhar para o que alguém fez àquela rapariga. Não é a melhor altura para me provocares.

Tucker ergueu a mão, com a palma virada para Burke, mas o gesto continha demasiado sarcasmo para ser entendido como um gesto de paz.

— Continua, Burke, faz lá a merda do teu trabalho.

— Quero que me digas se viste a Edda ou se falaste com ela depois de saíres do restaurante.

— Não fui hoje ao teu gabinete, de tarde, dizer-te que não a tinha visto?

— E aonde foste depois de saíres do restaurante?

— Fui... — Interrompeu-se, empalidecendo. — Meu Deus, fui ao lago McNair. — Começou a levar o cigarro à boca, mas parou. Os seus olhos castanhos brilhavam com a luz do crepúsculo. — Mas já sabias disso, certo?

— Sim. Mas ajuda ouvi-lo da tua boca.

— Vai-te foder.

Burke agarrou-o pelos colarinhos.

— Ouve-me. Não gosto do que tenho de fazer. Mas isso não é nada, *nada*, comparado com o que o FBI vai fazer quando vier cá. Temos três mulheres mortas, abertas como peixes-gato amanhados. A Edda Lou ameaçou-te em público e foi encontrada morta menos de dois dias depois. Tenho uma testemunha que te coloca na cena do crime um dia, talvez horas antes do homicídio.

A primeira onda de medo abalou Tucker completamente.

— Sabes que já fui ao lago McNair centenas de vezes. Tu também. —

Empurrou as mãos de Burke. — E estar chateado com a Edda Lou não faz de mim um assassino. E a Arnette ou a Francie?

Burke estava sério.

— Namoraste com elas. Namoraste com as três.

Agora, Tucker não sentia fúria mas puro choque.

— Credo, Burke. — Precisou de se sentar novamente e devagar, para não cair. — Não podes acreditar nisso. Não podes.

— Aquilo em que acredito não significa nada para as perguntas que sou obrigado a fazer. Tenho de saber onde estiveste anteontem à noite.

— Ora, estava a perder as calças comigo, a jogar gin rummy. — Josie aproximou-se deles. Tinha o rosto pálido, mas o brilho dos seus olhos era intenso. — Estás a interrogar o meu irmão, Burke? Ora, estou admirada contigo.

Josie passou pelo meio deles, pousando a mão no ombro do irmão.

— Tenho um trabalho a fazer.

— Então, toca a fazê-lo. Porque não andas à procura de alguém que odeia mulheres, em vez de alguém que tem um afecto tão poderoso por elas, como o Tuck?

Tucker pousou a mão na dela.

— Pensava que estavas com a Caroline.

— A Susie e a Marvella foram ter com ela. — Encolheu os ombros. — Começava a ser mulher a mais num sítio só, e ela está a saber lidar muito bem com a situação. Talvez seja melhor ires para casa, Burke, para veres se os teus filhos não andam a dar cabo da casa.

Burke ignorou a sugestão e a raiva nos olhos de Josie.

— Tu e o Tucker jogavam às cartas.

— Isso não é crime nem pecado no condado, pois não? — Pegou no cigarro de Tucker e fumou. — Ficámos acordados até às duas, talvez duas e meia. O Tucker ficou um pouco tocado e eu ganhei trinta e oito dólares.

Uma onda de alívio impôs-se no tom de Burke.

— Isso é bom. Lamento ter de perguntar, mas quando os agentes federais passarem por cá, terás de falar com eles também. Pensei que seria mais fácil comigo, da primeira vez.

— Mas não foi. — Tucker levantou-se novamente. — O que vão fazer com ela?

— Levaram-na para a Funerária Palmer. Vão ficar lá com ela, pelo menos durante a noite, até o FBI chegar. — Enfiou o bloco de notas no bolso e moveu os pés nervosamente. — Afasta-te do Austin o mais que puderes.

Com um sorriso amargo, Tucker massajou distraidamente as costas feridas.

— Não tens de te preocupar com isso.

Desconfortável e triste, Burke fitou um trio de rododendros.

— Então, vou andando. Era capaz de ficar melhor se aparecesses amanhã e falasses directamente com o FBI.

— Certo. — Tucker exalou um longo suspiro, quando viu Burke afastar-se. — Ouve. — Quando Burke se voltou, Tucker ofereceu-lhe um meio sorriso. — Ainda tenho a tal cerveja, se quiseres.

A tensão esvaiu-se suavemente dos ombros de Burke.

— Agradeço, mas tenho mesmo de ir ver os meus filhos. Obrigado.

— Sou mesmo doente, Tucker — comentou Josie, com um suspiro. — Estou furiosa com aquele homem, mas ainda assim gostava de lhe saltar para cima.

Com uma gargalhada acanhada, Tucker encostou o rosto ao da irmã.

— Isso é um reflexo, querida. O reflexo Longstreet. — Com um braço à volta da cintura dela, Tucker começou a conduzi-la em direcção à casa. — Jose, não estou em posição de questionar a tua honestidade, mas não jogamos cartas há semanas.

— Ai não? — Ela fez uma careta. — Ora, os dias às vezes parece que se misturam todos, não é? — Afastou-se para o estudar. — Parece melhor assim. Mais simples.

— Talvez. — Com cautela, tomou o rosto da irmã nas mãos. Tinha uma forma de observar as pessoas quando precisava de saber, e agora precisava de ouvir Josie. — Não achas que matei a Edda.

— Querido, vivi contigo a maior parte da minha vida e sei que morias de culpa se pisasses uma carraça. Tens um coração demasiado grande, mesmo quando estás zangado. — Beijou-lhe as duas faces. — Eu sei que não mataste ninguém. E se ajudar, que mal há em dizer que jogámos às cartas naquela noite? Estamos quase sempre a jogar às cartas.

Tucker hesitou. Não lhe parecia bem. Mas encolheu os ombros. Certo ou errado, era mais fácil do que a verdade, que era ter adormecido a ler Keats.

Mas que raio pensariam os rapazes do Chat 'N Chew se soubessem que ele lia poesia de propósito?

E quem acreditaria nele?

## 5.

Como fogo em palha seca, as notícias sobre a morte de Edda Lou espalharam-se como pó dos pântanos até aos diques, das praças da cidade até às quintas, de Market Street a Hog Maw Road, onde Happy Fuller discutia o acontecimento com a sua querida amiga e parceira de bingo, Birdie Shays.

— O Henry recusa-se a falar do assunto — contava Birdie, refrescando o rosto com um panfleto da Igreja da Redenção. — O Burke Truesdale chamou-o à casa do McNair por volta das duas da tarde e só voltou às cinco. — Um Jesus de olhar destemido pintado no leque agitava-se enquanto o abanava. — Chegou a casa muito pálido e transpirado, disse-me que a Edda Lou Hatinger estava morta e pediu-me para cancelar as consultas do dia. Disse que tinha sido morta como a Arnette e a Francie, mas não disse mais nada.

— Deus nos valha. — Happy olhou para o seu jardim cuidado, satisfeita com a corrente de ar que o leque de Birdie criara. — Mas onde vai parar este mundo? Nenhuma mulher está segura nas ruas.

— Passei pelo restaurante antes de vir. — Birdie acenou com a cabeça. O seu cabelo coberto de laca que Earleen Renfrew pintava a cada seis semanas no tom Bomba Bege continuava inamovível e hirto como um capacete, com os seus dois caracóis rígidos como dois pontos de interrogação de cada lado da testa. — Ouvi dizer que o Burke mandou chamar o FBI e talvez a Guarda Nacional.

— Humpf. — Happy produziu um som algures entre um resmungo e a troça. Gostava de Birdie, bastante até, mas isso não a impedia de lhe reconhecer algumas falhas. Birdie possuía alguma tendência para ser crédula, o que na opinião de Happy era tão grave como a preguiça na sua lista dos dez piores pecados. — Trata-se de um maníaco homicida, Birdie, e não de um motim. Não me parece que tenhamos de ver soldados a marcharem pela Market Street. Mas acho que o FBI virá e conto que visitem o meu rapaz, já que foi ele que encontrou a pobre da Arnette em Fevereiro.

O belo rosto de Happy ficou subitamente sério. Ainda não perdoara Bobby Lee por ter faltado à escola — e quase ter chumbado novamente — mas era difícil resistir ao prestígio de ser a mãe de quem tinha encontrado o primeiro corpo.

— O Bobby Lee traz essa tristeza consigo desde então — contribuiu Birdie. — Dá para ver no olhar dele. Ainda esta manhã quando estava a encher o depósito no Sonny, disse para os meus botões que o Bobby Lee nunca mais vai ser o mesmo.

— Teve pesadelos durante semanas — disse Happy, ainda que com alguns laivos de orgulho.

— É natural. Eu sei que o coração do Henry ficou partido. E digo-te, Happy, é de nos preocuparmos. Ora, podia ter sido a minha querida Carolanne. É claro que ela não anda por aí sozinha quando tem um marido e dois filhos em casa. Mas deixa-me preocupada. E também tens a Darleen, que era a melhor amiga da Edda. Digo-te, mal consigo pensar nisso.

— Acho que vou ligar à Darleen, a ver como se está a aguentar. — Happy exalou um longo suspiro. Tinha sido um grande alívio quando Darleen se casara com Junior Talbot e assentara arraiais na cidade, com o marido e o bebé. Mas sabia que as ideias mais selvagens de Darleen estavam a dar sinal novamente. — Vamos reunir algumas senhoras, Birdie, para transmitirmos as nossas condolências à Mavis Hatinger.

Birdie ia começar a formar uma objecção, mas o Jesus do panfleto fitou-a seriamente.

— É a opção mais cristã. Achas que o Austin vai lá estar?

— Não te preocupes com o Austin. — Happy ergueu o queixo. — Teremos o poder das mães do nosso lado.

Nessa noite, todas as portas se trancaram em Innocence, as armas ficaram carregadas e o sono demorou a chegar.

De manhã, Edda Lou foi o primeiro pensamento na cabeça de muitos.

Para Darleen Fuller Talbot, a terceira filha de Happy e a sua primeira grande desilusão, a dor misturava-se com a letargia. Durante a sua adolescência, Darleen correrá atrás de Edda Lou, animada com as aventuras que viviam juntas. Apanhavam boleia para Greenville, roubavam cosméticos no Larsson's, faltavam às aulas com os rapazes dos Bonny para terem sexo em Spook Hollow.

Preocupavam-se, unidas, quando o período se atrasava, falavam abertamente sobre os seus encontros casuais e tinham ido a encontros duplos ao Cinema Drive-In de Sky View um sem-número de vezes. Edda Lou fora dama de honor no casamento de Darleen com Junior e Darleen retribuiria a gentileza quando Edda Lou finalmente conseguisse prender Tucker Longstreet.

Mas agora estava morta e os olhos de Darleen estavam inchados de tanto chorar. Mal conseguia reunir a energia suficiente para colocar o pequeno Scooter no parque, acenar ao marido pela porta da frente e arrastar-se até à cozinha para deixar o seu amante, Billy T. Bonny entrar pelas traseiras.

— Oh, essa agora, menina. — Billy T., vestido com a sua t-shirt transpirada e calças de ganga rasgadas, tomou a chorosa Darleen nos seus braços tatuados. — Não podes continuar assim, minha querida. Detesto ver-te chorar.

— Não posso acreditar que ela morreu. — Darleen fungava no ombro do rapaz, reconfortando-se com alguns apalpões no rabo dele. — Era a minha amiga mais querida, Billy T.

— Eu sei. — Billy T. aproximou a boca da dela, enfiando-lhe a língua como sinal de empatia. — Era uma menina simpática e vamos todos sentir a falta dela.

— Era como uma irmã para mim. — Darleen afastou-se de forma a que ele enfiasse as mãos por baixo da camisa de noite de nylon e lhe encontrasse os seios. — Era mais minha irmã do que a Belle ou a Starita alguma vez foram.

— Elas têm ciúme de ti porque és a mais bonita.

Billy T. palpou-lhe os mamilos entumecidos ao mesmo tempo que a empurrava em direcção ao balcão.

— Preferia que tivesse sido uma delas e não a Edda Lou. — Com lágrimas nos olhos, Darleen desapertou-lhe as calças. — Não quero saber se são sangue do meu sangue, porque sempre pude conversar com a Edda Lou, sabes. Podia contar-lhe tudo. Até sobre nós. — Suspirou quando ele lhe puxou a camisa de noite para baixo para lhe poder morder os seios. — Ficava sempre contente por mim. Ficou com um pouco de inveja quando eu casei com o Junior e tive o Scooter, mas isso é natural, não achas?

— Hum-hum.

— Ia ser a dama de honor dela quando se casasse com o Tucker Longstreet. — Baixou-lhe as calças. — Mal posso pensar na forma como ela foi morta.

— Não penses nisso, querida. — A respiração dele era agora rápida e entrecortada. — Deixa o Billy T. fazer-te esquecer de tudo isto. — Baixou as mãos para lhe afastar as pernas. — A Edda Lou teria querido que assim fosse.

— Sim. — Darleen suspirou e aconchegou-se contra a mão dele. Com um arrepio, empurrou uma taça de cereais para o lado, para se segurar ao balcão. — Ela terá sempre um lugar no meu coração. — Quando ela o prendeu com os dedos, abriu os olhos cheios de amor. Já tinha colocado um preservativo. — És tão bom para mim, querido. — Conduziu-o para dentro de si e ele começou a gemer. — Muito mais divertido do que o Junior. Ora, desde que nos casámos, só fazemos amor na cama.

Profundamente envaidecido, Billy T. levantou-lhe as ancas, fazendo com que ela batesse com a cabeça num armário aberto. Mas, como ela estava prestes a atingir o clímax, mal sentiu.

Caroline estava admirada por ter conseguido dormir tão bem. Talvez fosse a forma de a sua mente fugir ou se devesse ao conforto de ter Susie Truesdale e a sua filha a descansarem no quarto ao lado. Ou talvez apenas se sentisse segura na cama dos avós. Fosse como fosse, acordou com a luz do Sol e o aroma de café e bacon acabados de fazer.

A sua primeira reacção foi de embaraço, por ter dormido enquanto os convidados lhe preparavam o pequeno-almoço. Mas essa reacção foi um tanto fraca, depois do horror que tinha testemunhado na véspera, pelo que se sentiu tentada a aninhar-se na cama e voltar a adormecer.

Em vez disso, tomou um duche demorado e vestiu-se.

Quando chegou ao piso inferior, Susie e Marvella estavam já sentadas à mesa, a conversarem em voz baixa, enquanto bebiam café e comiam ovos mexidos.

Havia semelhanças suficientes entre mãe e filha para Caroline querer sorrir. Duas mulheres bonitas com cabelo castanho e olhos azuis que sussurravam como crianças no banco de trás da igreja. Ambas tinham bocas desenhadas como as de bonecas, curvando-se em sorrisos empáticos assim que ela entrou na divisão.

Havia tamanha intimidade entre ambas, um simples entendimento e respeito que Caroline nunca tivera com a mãe. Ao vê-lo e senti-lo, sentiu-se abalada por uma inesperada e complexa onda de inveja.

— Esperávamos que ainda dormisse mais um pouco.

Susie estava já a pegar noutra chávena de café.

— Sinto-me como se tivesse dormido uma semana. Obrigada. — Aceitou a chávena que Susie lhe oferecera. — Agradeço-lhe muito por ter ficado. Eu...

— É para isso que servem os vizinhos. Marvella, prepara um prato para a Caroline.

— Oh, a sério, eu...

— Precisa de comer. — Susie fê-la sentar-se numa cadeira. — Quando passamos por um choque daqueles, precisamos de combustível.

— A mamã faz uns ovos maravilhosos — contribuiu Marvella. Tentou não fitar Caroline enquanto servia. Mas queria perguntar-lhe onde tinha cortado o cabelo. Embora Bobby Lee se passasse se ela cortasse os seus caracóis pelos ombros daquela forma. — Sentimo-nos sempre melhor quando comemos. Da última vez que me zanguei com o Bobby Lee, a mamã e eu comemos uns gelados enormes.

— É difícil sentirmo-nos tristes quando estamos cheios de chocolate. — Susie sorriu e serviu um prato cheio de torradas. — Tirei a compota de amoras da sua avó do armário. Espero que não se importe.

— Não. — Fascinada, Caroline pegou no frasco com uma etiqueta escrita à mão. — Não sabia que havia disto.

— Oh, meu Deus, a senhor Edith fazia-as todos os anos. Ninguém sabia fazer doces e compotas como ela. Ganhou a fita azul na feira nos últimos seis anos. — Curvando-se, Susie abriu o armário de baixo e apontou para as filas de frascos de compota. — Tem aqui uma reserva para um ano.

— Não fazia ideia. — Aqueles frascos bonitos e coloridos, tão cuidadosamente identificados, tão perfeitamente alinhados. A saudade e a vergonha prenderam-lhe a garganta. — Não pude vê-la muitas vezes.

— Ela tinha muito orgulho em si. Costumava dizer que a sua Caro



viajava pelo mundo inteiro e que tocava para a realeza e para presidentes. Mostrava-me todos os postais que lhe enviava.

— Havia um de Paris, França — contribuiu Marvella. — Com a Torre Eiffel por trás. A senhora Edith deixou-me usá-lo num trabalho de escola.

— A Marvella teve dois anos de Francês. — Susie olhou satisfeita para a filha. Ela própria tinha precisado de desistir da escola alguns meses antes de terminar, porque já se notava. Ficava sempre encantada por saber que a filha já tinha o seu diploma. Olhou para o relógio. — Querida, não devias ir trabalhar?

— Oh, meu Deus. — Marvella saltou da cadeira. — Olha para as horas.

— A Marvella trabalha em Rosedale como secretária jurídica. Disseram-lhe que podia chegar mais tarde, tendo em conta o que se passou. — Olhou para Marvella a retocar o batom no reflexo da torradeira. — Vai e leva o meu carro, querida. Eu telefono ao teu pai para me vir buscar. — Levantando-se, colocou as mãos nos ombros da filha. — Não pares por ninguém, mesmo que o conheças.

— Não sou estúpida.

Susie beliscou-lhe o queixo.

— Não, mas és a minha menina. Telefona-me se achares que vens depois das cinco e meia.

— Está bem.

— E diz ao Bobby Lee que não é para estacionarem na Dog Street Road. Se os dois precisarem de ser românticos, façam-no na sala da família.

— Mamã...

Marvella sentiu-se corar do pescoço às bochechas.

— Diz-lhe isso ou digo-lhe eu. — Beijou Marvella nos lábios amuados. — Agora, vai.

— Sim, senhora. — Sorriu para Caroline. — Não a deixe fazer de si o que quer, menina Waverly. Quando começa, nunca mais pára.

— Atrevida. — Susie riu-se quando a porta bateu. — Custa a crer que cresceu tanto.

— É uma menina muito querida.

— Sim, é verdade. Mas teimosa e segura do que quer da vida. Quis o Bobby Lee durante quase dois anos, por isso, acho que vai consegui-lo. — Sorriu pensativamente antes de pegar no seu café já arrefecido. — Quando pus a vista em cima do Burke, ele nem teve tempo de fugir. Com ela passa-se o mesmo. Mas preocupamo-nos, porque parecem sempre mais novos do que nós éramos naquela mesma idade. — Franziu o sobrolho ao olhar para o prato de Caroline. — Não comeu muito.

— Desculpe. — Com algum esforço, Caroline deu outra dentada.

— Parece-me tudo tão estranho. Nem conhecia aquela rapariga, mas custa-me só de pensar nela. — Resignada, afastou o prato. — Susie, não quis fazer muitas perguntas à frente da Marvella, mas entendi bem? Esta rapariga foi a terceira vítima?

— Desde Fevereiro — respondeu Susie, com um aceno de cabeça. — As três foram esfaqueadas.

— Meu Deus.

— O Burke não diz muito, mas sei que foi feio, muito feio. Uma espécie de mutilação. — Levantou-se para arrumar a mesa. — Como mãe e como mulher, fico muito assustada. E preocupo-me com o Burke, também. Ele tem-se responsabilizado por tudo isto, como se fosse culpa dele. Deus sabe que ninguém se pode preparar para uma coisa destas, mas o Burke acha que devia ter conseguido impedi-lo.

Da mesma forma que acreditava que podia ter impedido o pai de colocar uma corda ao pescoço.

Caroline encheu a pia com água e detergente.

— Não há suspeitos?

— Se há, ele não mo disse. Com a Arnette, parecia que podia ter sido alguém de passagem. Enfim, quando temos oitocentas ou novecentas pessoas numa cidade, achamos que conhecemos quase toda a gente. E não parece possível ter sido um de nós. Então, quando a Francie foi morta da mesma forma, as pessoas começaram a olhar à sua volta. E, ainda assim, nenhum de nós queria acreditar que podia ter sido obra de um vizinho ou de um amigo. Mas agora...

— Agora, têm de olhar para os vossos.

— Pois temos. — Pegou numa toalha pequena quando Caroline começou a lavar a louça do pequeno-almoço. — Embora me pareça mais provável que tenhamos um psicopata escondido no pântano.

Caroline olhou pela janela em direcção às árvores. Árvores que lhe pareciam mais próximas da casa do que antes.

— Bem, é bom saber.

— Não quero assustá-la, mas se vai viver aqui sozinha, é melhor ter cuidado.

Caroline ficou séria.

— Ouvi dizer que o Tucker Longstreet e a Edda Lou tiveram uma discussão. E que ela estava a forçá-lo a casar com ela.

— A tentar, isso sim. — Susie limpou o prato e depois riu-se. — Meu Deus, vê-se que não conhece o Tucker, senão não teria esse ar. A ideia de ele matar alguém, bem, é simplesmente ridícula. Em primeiro lugar, precisaria de muito esforço e emoção. O Tucker tende a ser fraco em ambos os departamentos.

Caroline lembrou-se do olhar dele quando se cruzaram no lago. Nessa altura, vira-lhe bastante emoção. E perigosa.

— Ainda assim...

— Acho que o Burke terá de falar com ele — comentou Susie. — E vai ser difícil. São próximos como irmãos. Andámos todos juntos na escola — continuou, enquanto secava e amontoava a louça. — O Tucker e o Dwayne, o irmão dele, o Burke e eu. Eram todos filhos de agricultores abastados, embora nessa altura a casa dos Truesdale já estivesse a caminho da falência, pelo que uma escola privada estava fora do alcance do Burke. O Dwayne partiu para um colégio interno por uns tempos, porque era o primogénito, mas como não conseguiu comportar-se, a escola mandou-o de volta. Também falaram em enviar o Tucker, mas o velho Beau estava tão furioso com o Dwayne que os dois ficaram por cá. — Sorriu, examinando um copo em busca de manchas. — O Tuck sempre disse que estaria eternamente em dívida para com o irmão por causa disso. Acho que é por isso que hoje em dia tenta tomar conta dele. É um bom homem. E se conhecesse o Tucker há tanto tempo quanto eu o conheço, saberia que ele seria incapaz de matar uma pessoa. Não quer dizer que não tenha os seus defeitos, é certo, mas espetar uma faca numa mulher? — A ideia fê-la rir-se, apesar do horror. — Verdade seja dita, aquele homem anda demasiado ocupado a pensar em lhes saltar em cima, para ter tempo de pensar noutra coisa qualquer.

A boca de Caroline ficou subitamente séria.

— Conheço bem o género.

— Acredite, querida, nunca conheceu ninguém como o Tuck. Se não fosse uma mulher bem casada com quatro filhos, imagino que era capaz de o experimentar também. Tem um charme qualquer, sem dúvida. — Olhou para Caroline de soslaio. — E tudo indica que, não tarda muito, ele andará por aqui a cheirá-la.

— Então, vai acabar com um pontapé no nariz.

Susie soltou uma gargalhada.

— Espero estar por perto para ver. Ora, então. — Arrumou o último prato. — Nós as duas temos trabalho para fazer.

— Trabalho?

— Não me sinto bem deixá-la aqui sem saber que está bem protegida.

Depois de secar as mãos na toalha florida, Susie pegou na carteira. Da bolsa de palha tirou uma arma de trinta e oito milímetros, com aspecto feroz.

— Jesus Cristo — foi tudo o que ocorreu a Caroline.

— É uma Smith and Wesson de dupla acção. Prefiro a sensação de um revólver a uma automática.

— Isso está... está carregado?

— Ora, querida, claro que sim. — Susie pestanejou os seus enormes

olhos azuis. — Não me serviria de nada descarregada. Venci o concurso de tiro ao alvo do 4 de Julho três anos seguidos. O Burke não sabe se há-de ficar orgulhoso ou envergonhado por disparar melhor do que ele.

— Na sua carteira — comentou Caroline, sem forças. — Anda com uma arma na sua carteira.

— Ando com ela desde Fevereiro. Já disparou alguma?

— Não. — Instintivamente, Caroline cruzou as mãos atrás das costas. — Não — repetiu.

— E acha que não é capaz — acrescentou Susie energicamente. — Bem, deixe-me que lhe diga que se alguém andasse atrás de si ou dos seus, seria mais do que capaz de fazê-lo. Ora, sei que o seu avô tinha uma coleção. Vamos escolher uma.

Susie pousou a arma na mesa e começou a andar.

— Susie. — Desarmada, Caroline correu atrás dela. — Não saberia escolher uma arma como escolheria um vestido.

— Mas é igualmente interessante. — Susie entrou para o escritório e, tamborilando com os dedos na anca, estudou as opções. — Vamos começar com uma arma de mão, mas quero que aprenda a carregar a caçadeira. Sempre se fará entender melhor.

— Aposto que sim.

Com os olhos atentos, Susie tomou o braço de Caroline.

— Escute, se alguém a vier incomodar, saia com esta arma ao ombro e aponte para o meio do corpo, dizendo ao sacana que não percebe muito bem de armas. Se ele não se puser a andar rapidamente, então merece um balázio.

Com uma gargalhada a medo, Caroline sentou-se no braço da cadeira.

— Está mesmo a falar a sério.

— Por estas bandas, sabemos cuidar de nós. Ora, aqui está um belo exemplar. — Susie abriu a vitrina e tirou uma caçadeira. — Uma Colt de quarenta e cinco, militar. Aposto que a usou na guerra. — Abriu a arma com uma elegância que Caroline tinha de admirar, fazendo rodar o tambor. — E está limpinha. — Depois de voltar a colocar a arma na posição correcta, apontou-a para a parede e premiu o gatilho. — Perfeito.

Abriu a gaveta e fez um ar satisfeito quando encontrou a munição. Enfiou uma caixa no bolso de trás das calças e sorriu para Caroline.

— Vamos matar umas latas.

O Agente Especial Matthew Burns não estava completamente entusiasmado por ter de trabalhar numa cidade empoeirada no meio de nenhures. Burns era um urbano de gema e apreciava uma noite na ópera, um belo Châteauneuf e uma tarde calma a passear pela National Gallery.

Tinha testemunhado muita violência nos últimos dez anos que dedicara ao FBI, e preferia limpar o seu palato emocional com uma dose de Mozart ou Bach. Estava a contar com o final de semana, que incluiria bilhetes para um bailado, um jantar civilizado no Jean-Louis no Watergate e talvez um interlúdio romântico com a sua parceira actual.

Em vez disso, Matthew estava a caminho de Innocence com o seu estojo de campo e saco de viagem arrumados na mala de um carro alugado que possuía uma bomba de ar condicionado avariada.

Burns sabia que o caso podia criar alguma agitação na comunicação social e nunca duvidaria ser o homem indicado para a tarefa. Era especialista em assassinos em série. E, com a devida modéstia, seria o primeiro a reconhecer que era muito bom nisso.

Ainda assim, irritava-o o facto de ter o seu fim-de-semana estragado. Desestabilizava o seu sentido de ordem que o patologista do gabinete escolhido para o trabalho tivesse ficado retido devido a tempestades em Atlanta. Não confiava num médico-legista inexperiente para fazer uma autópsia decente.

A sua irritação aumentou quando atravessou a cidade naquele carro de atmosfera quase irrespirável. Encontrou precisamente o que esperava: alguns peões suados, dois cães vadios, uma fila de fachadas de lojas empoeiradas. Nem sequer havia um cinema. Arrepiou-se levemente com as letras manuscritas que compunham o nome Chat 'N Chew no único restaurante à vista. Ainda bem que tinha trazido a sua própria máquina de café.

Um trabalho era um trabalho, pensava ele ao estacionar em frente ao gabinete do xerife. Por vezes, havia os que tinham de sofrer em prol da justiça. Tirando a sua pasta e tentando não morrer de calor, trancou meticolosamente o carro.

Quando o cão de Jed Larsson, Nuisance, se aproximou para levantar a pata apontando para o pneu, Burns apenas abanou a cabeça. Não duvidou de que a postura dos residentes de duas pernas pouco diferisse da dos de quatro patas.

— Belo carro — comentou Claude Bonny do seu alpendre da pensão. E cuspiu.

Burns arqueou a sobrancelha.

— Serve.

— Veio vender alguma coisa, amigo?

— Não.

Bonny trocou alguns olhares com Charlie O'Hara e Pete Koons. O'Hara piou algumas vezes e franziu os olhos.

— Então deve ser o tal tipo do FBI que vem do Norte.

— Sim.

Burns sentia o suor escorrer-lhe pelas costas e rezava para que a cidade possuísse uma boa lavanderia.

— Costumava ver aquele programa com o Efrem Zimbalist todas as semanas. — Koons bebeu um pouco da sua limonada. — Era um belo programa.

— O *Dagnet* era melhor — contrariou Bonny. — Não compreendo porque o tiraram do ar. Já não fazem programas como aquele.

— Se me dão licença — disse Burns.

— Vá à sua vida, rapaz. — Bonny acenou-lhe, despachando-o. — O xerife está lá dentro. Esteve lá a manhã toda. Se nos apanhar o maluco que anda a matar as nossas meninas, nós penduramo-lo por si.

— A sério, eu não...

— Aquele tipo do *Dagnet* não passou a ser médico na *M\*A\*S\*H*? — perguntou O'Hara. — Parece que tenho ideia disso.

— O Jack Webb nunca fez de médico — respondeu Bonny, como se tivesse sido insultado.

— Não, o outro. Pequenito. A minha senhora quase se borrava quando via o programa.

— Valha-me Deus — rezou Burns entre dentes, e abriu a porta do gabinete do xerife.

Burke estava sentado na sua secretária, com o telefone encaixado entre o queixo e o ombro, enquanto tomava notas num bloco.

— Sim, senhor. Assim que ele chegar. Eu... — Olhou para cima e identificou Burns tão depressa como quem separa uma codorniz de um faisão. — Espere um pouco. É o Agente Especial Burns?

— Exacto.

Seguindo as normas, Burns pegou na sua identificação e mostrou-a.

— Ele acabou de entrar — disse Burke ao telefone, estendendo-o de seguida. — É o seu chefe.

Burns pousou a pasta no chão e pegou no auscultador.

— Chefe Hadley? Sim, senhor, a minha hora prevista de chegada não foi exactamente cumprida. Tive um problema com o carro em Greenville. Sim, senhor. O doutor Rubenstein deve chegar pelas três. Com certeza que o farei. Assim de repente, diria que precisaremos de outro telefone, porque parece que este só tem uma linha. É... — Tapou o auscultador com a mão. — Tem fax?

Burke passou a língua pelos dentes.

— Não, senhor, não temos.

— E um fax — continuou Burns, voltando ao telefone. — Eu ligo-lhe

assim que fizer o relatório preliminar e estiver instalado. Sim, senhor. — Passou o telefone a Burke e verificou o assento da cadeira giratória antes de se sentar. — Portanto, deve ser o xerife...

— Truesdale. Burke Truesdale. — O aperto de mão foi rápido e formal. Burke sentiu um apontamento de pó de talco. — Isto está muito complicado, Agente Burns.

— Assim me foi transmitido. Três mutilações em quatro meses e meio. Sem suspeitos.

— Nenhum. — Por pouco, Burke pedia desculpas. — Ocorreu-nos que fosse alguém de passagem, mas depois do último... E depois houve aquele em Nashville.

Burns uniu as mãos pensativamente.

— Suponho que tenha registos.

— Sim — respondeu Burke, levantando-se.

— Ainda não. Pode actualizar-me oralmente, para já. Vou querer ver o corpo.

— Pusemo-la na agência funerária.

— Muito apropriado — respondeu Burns, secamente. — Vamos dar uma vista de olhos e, depois, passaremos pela cena do crime. Isolou-a?

Burke sentiu-se perder a paciência.

— É um pouco complicado isolar um pântano.

Burns exalou um suspiro ao levantar-se.

— Vou confiar na sua palavra.

Nas traseiras, Caroline sustinha a respiração, cerrava os dentes e puxava o gatilho. O tiro fê-la erguer o braço e ressoou-lhe nos ouvidos. Acertou numa lata, embora não tivesse sido aquela a que apontara.

— Agora sim, estamos a chegar lá — comentou Susie. — Mas precisas de manter os olhos bem abertos.

Susie demonstrou, deitando abaixo três das latas pousadas em cima do tronco numa sucessão rápida.

— Não posso atirar-lhes pedras? — gritou Caroline, enquanto Susie colocava as latas no sítio.

— Tocaste uma sinfonia da primeira vez que pegaste no violino?

Caroline suspirou e rodou o ombro.

— É assim que intimidas os teus filhos a fazerem o que queres?

— Podes crer que sim. — Susie voltou a aproximar-se dela. — Agora, descontrai, leva o tempo que for preciso. Como é ter a arma na mão?

— Para ser sincera, é...

Riu-se e olhou para ela.

— Sexy, certo? — Deu uma palmada nas costas de Caroline. — Está

tudo bem. Estás entre amigos. A questão é que tu é que tens o poder, o controlo e a responsabilidade. É como ter sexo. — Riu-se. — Não é isso que digo aos meus filhos. Vamos lá, faz pontaria para aquela primeira lata à esquerda. Dá-lhe um rosto. Tens um ex-marido?

— Não, obrigada.

Susie assobiou.

— Ex-namorado? Ou algum que te tenha irritado mesmo?

— Luis — sibilou Caroline entre dentes.

— Ena. Era espanhol ou assim?

— Ou assim. — Tinha os dentes cerrados de fúria. — Era uma enorme ratazana mexicana. — Caroline premiu o gatilho. Ficou de queixo caído quando a lata saltou do lugar. — Acertei-lhe!

— Só precisavas de um incentivo. Tenta a seguinte.

— As meninas não podiam ficar-se pelo croché?

Susie baixou o revólver e sorriu.

— Parece que vais ter mais adversários no concurso do 4 de Julho, querido. — Olhou rapidamente para Burns, antes de se colocar em bicos de pés e beijar o marido. — Pareces cansado.

— Estou cansado. — Apertou-lhe a mão. — Agente Burns, estas são a minha mulher, Susie, e Caroline Waverly. A menina Waverly encontrou o corpo ontem.

— Caroline Waverly. — Burns proferiu o nome com reverência. — Não posso crer. — Com a mão livre, pegou na de Caroline e levou-a aos lábios, enquanto Susie revirava os olhos a Burke atrás do agente do FBI. — Ouvi-a tocar há alguns meses, em Nova Iorque. E no ano passado, no Kennedy Center. Tenho várias gravações suas.

Por momentos, Caroline apenas conseguiu pestanejar na direcção do homem. Tudo parecia tão distante que quase pensou que ele a teria confundido com outra pessoa.

— Obrigada.

— Oh, não, obrigado *eu* — Começava a pensar que o caso podia ter as suas surpresas. — Não sei dizer quantas vezes salvou a minha sanidade só por me permitir ouvi-la tocar. — As suas faces suaves estavam vermelhas de excitação, e a mão dele continuava a prender a dela. — Isto foi, bem, delicioso, apesar das circunstâncias. Devo dizer que este era o último sítio onde esperaria encontrar a princesa das salas de espectáculo.

Caroline sentiu uma bola de desconforto emaranhada no seu estômago.

— Esta casa era da minha avó, Agente Burns. Só vim para cá há alguns dias.

Os olhos azuis-claros dele emanavam preocupação.



— Isto deve ser muito perturbante para si. Pode ter a certeza de que farei tudo o que estiver ao meu alcance para resolver o assunto rapidamente.

Caroline evitou os olhos de Susie e conseguiu sorrir suavemente.

— É bom saber disso.

— Se houver alguma coisa, algo que eu possa fazer. — Pegou no estojo de campo que pousara a seus pés. — Vou ver o local do crime, xerife.

Burke assentiu e, depois de ver os sapatos italianos e polidos de Burns, piscou o olho à mulher.

— Até é giro — decidiu Susie enquanto avançavam em direcção às árvores. — Se gostarmos do tipo fato e gravata.

— Felizmente, neste momento não tenho tipo nenhum.

— Nunca se sabe. — Susie sacudiu a camisa para agitar um pouco de ar. — Porque não te mostro como limpar a arma e depois preparamos algo fresco para os rapazes? — Olhou para Caroline com curiosidade. — Não sabia que eras assim tão famosa. Sempre achei que era vaidade da senhora Edith.

— A fama depende sempre de quem a vê, não é assim?

— Parece que sim. — Susie voltou-se para casa. Porque começava a gostar de Caroline e porque achava que ela precisava de sorrir naquele momento, Susie levou-lhe o braço aos ombros. — Podes tocar o “Orange Blossom Special”<sup>4</sup>?

Caroline soltou a primeira gargalhada em vários dias.

— Não vejo porque não.

## 6.

Tucker pousou os pés na secretária de Burke e cruzou-os. Não se importava de esperar — aliás, esperar era uma das coisas que ele sabia fazer melhor. O que era frequentemente interpretado como uma preguiça entranhada nos ossos, até pelo próprio Tucker, tratava-se na verdade do fruto de uma paciência inata e interminável e uma mente límpida e tranquila.

Naquele momento, a sua mente não estava tão tranquila como gostava que estivesse. E a verdade é que não tinha dormido nada bem na noite anterior. Uma pequena sesta enquanto esperava por Burke parecia-lhe uma maneira razoável de passar o tempo.

---

<sup>4</sup> Música composta por Ervin T. Rouse (1917-1981), considerada a melhor melodia para violino do século XX, é conhecido pela sua energia inesgotável, evocando os apitos dos comboios e os ruídos das rodas em andamento. Pertence ao género *bluegrass*, um subgénero da música *country*. (N. do T.)

Não demorara muito a que as notícias sobre a chegada do FBI chegassem a Sweetwater. Tucker já sabia que o Agente Especial Burns se vestia como um cangalheiro e conduzia um Mercury castanho. E sabia que Burns tinha ido ao local do crime fazer o que os tipos do FBI faziam nos locais do crime.

Homicídio. Com um leve resmungo, Tucker fechou os olhos — para descontraí-la melhor. Ali sentado, a escutar o chiar da ventoinha de tecto e o gemido do inútil aparelho de ar condicionado, não parecia que Edda Lou estava estendida numa maca a alguns quarteirões, na Funerária Palmer.

Arrepiou-se, tentando esquecer o desconforto da situação, a simples estranheza de ter estado disposto a falar seriamente com ela. Pior ainda, estava ansioso pela batalha, para a ouvir chorar quando finalmente lhe tivesse entrado naquele cérebro calculista que não ia ser a senhora de Sweetwater.

Mas já não havia nada a esclarecer. Nem sequer a necessidade de resgatar o seu orgulho, aniquilando o dela.

Agora, porque tinha cometido o erro de achar sensual a forma como ela digitava na máquina registadora do Larsson's, porque se permitira partilhar a cama dela e morder aquela pele macia, teria de arranjar um alibi para que não o vissem como suspeito do seu homicídio.

Fora acusado de muitas coisas. De preguiça, o que não era nenhum pecado para Tucker. De descuido com o dinheiro, algo que prontamente admitia. De adultério, algo a que objectava com veemência. Nunca tinha dormido com uma mulher casada — à excepção de Sally Guilford, alguns anos antes, mas ela já estava separada legalmente. Até fora acusado de covardia, algo que Tucker preferia interpretar como discrição.

Mas homicídio... Ora, seria simplesmente ridículo, se não fosse tão assustador. Se o seu pai ainda fosse vivo, teria morrido a rir. Ele — o único homem que Tucker alguma vez temera — nunca conseguira forçar o filho a disparar sobre nada senão o próprio ar, em todas as expedições de caça em que tinham participado.

É claro que Edda Lou não tinha sido baleada. Sabia que tinha sido morta como as outras. Porque era demasiado fácil colocar o rosto dela no corpo de Francie e ver o que tinha sido feito à sua pele suave e leitosa. Procurou por um cigarro no bolso.

Cortou a ponta — quase seis milímetros — e estava a acendê-lo quando Burke entrou acompanhado de um homem transpirado e de ar aborrecido, envergando um fato escuro.

Passar quase o dia inteiro com o FBI não deixara Burke com bom humor. Fitou, pouco satisfeito, os pés de Tucker, ao mesmo tempo que atirava o chapéu para o cabide perto da porta.

— Faz como se estivesses em tua casa, rapaz.

— Darei o meu melhor. — Tucker exalou uma baforada de fumo.

Sentia o estômago inquieto, mas sorriu preguiçosamente para Burke. — Devias arranjar umas revistas, Burke. Um homem precisa de mais para entreter a mente do que a *Field and Stream* e a *Guns and People*.

— Vou ver se arranjo uns números da *Gentleman's Quaterley* e da *People*.

— Agradeço. — Tucker fumou mais um pouco, observando o acompanhante de Burke. O fato escuro tinha absorvido o calor, mas o homem não tinha tido o bom senso de desapertar o nó da gravata. E embora não soubesse dizer porquê, aquele simples facto fizera Tucker antipatizar instantaneamente com Burns. — Imaginei que fosse uma boa ideia vir cá falar com vocês, rapazes.

Burke acenou com a cabeça e, esperando assumir o comando, dirigiu-se à sua secretária.

— Este é o Tucker Longstreet, Agente Especial Burns.

— Bem-vindo a Innocence. — Tucker não se levantou, mas ofereceu a mão. Agradou-lhe senti-la macia e algo pegajosa da humidade. — O que o torna tão especial, Agente Burns?

— É a minha patente. — Burns avaliou as sapatilhas coçadas de Tucker, as suas calças de algodão caras e o sorriso arrogante. A antipatia era mútua. — Sobre o quê queria conversar, senhor Longstreet?

— Ora bem, podemos começar por falar do tempo. — Tucker ignorou o olhar de aviso de Burke. — Parece que vem aí uma tempestade. Era capaz de arrefecer o ambiente. Ou podemos falar de basebol. Os Orioles vão jogar contra os Yankees, esta noite. Os Birds estão com uma boa equipa este ano. São bem capazes de conseguir. — Tucker inalou fumo. — Gosta de apostas, Agente Especial?

— Lamento, mas não tenho um interesse particular por desporto.

— Ora, não faz mal. — Sentiu-se um bocejo na voz de Tucker, ao mesmo tempo que inclinava a cadeira para trás. — Eu não tenho um interesse particular por nada. O interesse particular dá trabalho.

— Vamos directos ao assunto, Tuck. — Porque o olhar não tinha funcionado, Burke experimentou o seu tom “sem tretas”. — O Tucker conhecia a vítima, Edda Lou...

— A palavra por que procuras desesperadamente é “intimamente” — sugeriu Tucker. Sentiu os músculos do estômago contraírem-se novamente, pelo que se inclinou para a frente para apagar o cigarro.

Burns sentou-se na terceira cadeira. À sua maneira metódica e eficiente, retirou o minigravador e um bloco de notas do bolso.

— Queria prestar declarações.

— Tipo “só devemos ter medo do medo”? — Tucker alongou as costas. — Não particularmente. Aqui o Burke pensou que gostaria de me fazer

algumas perguntas. E porque gosto de colaborar, aqui estou para lhes responder.

Pouco impressionado, Burns ligou o gravador.

— Fui informado de que o senhor e a falecida tinham uma relação.

— Tivemos sexo, isso sim.

— Vamos lá, Tuck.

Tucker fitou Burke de imediato.

— Não há mais honesto do que isto. A Edda Lou e eu saímos algumas vezes, rimo-nos e desalinhamos alguns lençóis. — O seu olhar ficou subitamente sério e absteve-se de pegar noutra cigarro. — Há algumas semanas, acabei com tudo porque ela começou a falar de casamento.

— Terminaram a relação amigavelmente? — quis saber Burns.

— Não diria tanto. Imagino que já tenha conhecimento da cena do restaurante há alguns dias atrás. Acho que podemos dizer que a Edda Lou ficou fodida.

— O termo é seu, senhor Longstreet. Nas minhas notas consta — tamborilou com o lápis no bloco — que ela estava zangada e agitada.

— Se juntar essas duas palavras à Edda Lou, dá-lhe “fodida”.

— Ela afirmou que o senhor lhe fez algumas promessas.

Preguiçosamente, Tucker baixou as pernas. A cadeira chiou com o movimento.

— O meu problema é mesmo esse, Agente Burns. Eu não faço promessas, porque o mais certo é não saber cumpri-las.

— E a jovem anunciou publicamente que estava grávida.

— Sim, foi isso.

— E depois o senhor deixou o... Chat ‘N Chew, correcto? Saiu do local abruptamente. — Sorriu cinicamente. — Seria justo afirmar, senhor Longstreet, que estava... “fodido”?

— Por ter vindo ter comigo ao restaurante e dizer-me, pela primeira vez, diante de dezenas de pessoas, que estava grávida e que eu ia pagar por isso? Sim. — Assentiu lentamente. — Seria muito justo.

— E não tinha quaisquer intenções de casar com ela.

— Nenhumas.

— E sentindo-se furioso, envergonhado e encurralado, tinha motivos para a matar.

Tucker passou a língua pelos dentes.

— Não enquanto tiver o meu livro de cheques. — Inclinou-se para a frente. Embora o seu rosto estivesse sério, a sua voz fluía suavemente, como mel numa fatia de pão de milho. — Deixe-me dar-lhe uma imagem bem realista do que se passou, amigo. A Edda Lou era gananciosa, ambiciosa e esperta. Ora, talvez uma parte dela acreditasse que me conseguiria intimi-

dar, empurrando-me para um casamento, mas teria ficado perfeitamente satisfeita com um cheque de alguns zeros.

Tucker levantou-se, obrigando-se a respirar fundo e a sentar-se no canto da secretária.

— Gostava dela. Talvez não tanto como em tempos gostei, mas gostava. Não dormimos com uma mulher numa semana para depois a esfrangalharmos.

— Não seria inédito.

Algo muito obscuro insinuou-se nos olhos de Tucker.

— Eu não o faria.

Burns moveu o gravador ligeiramente para a direita.

— Também conhecia a Arnette Gantrey e a Frances Alice Logan.

— Eu e a maior parte dos habitantes de Innocence.

— Também teve relações com elas?

— Saí algumas vezes com elas. Não dormi com nenhuma. — Os seus lábios curvaram-se num sorriso ao recordar. — Embora com a Arnette me tenha fartado de tentar.

— Ela rejeitou-o?

— Ora. — Irritado, Tucker pegou noutra cigarro. Parecia que tinha escolhido o pior momento para deixar de fumar. — Éramos amigos e ela não queria dar luta. A verdade é que ela andou sempre de olho no meu irmão Dwayne, mas ele nunca lhe ligou nenhuma. A Francie e eu ficámos só pela trocar de risinhos. — Atirou um pedaço de papel e tabaco para o lado. — Era uma querida. — Fechou os olhos. — Não quero falar da Francie.

— Não?

A fúria era cada vez mais intensa.

— Ouça, eu estava com o Burke quando ele encontrou o corpo. Talvez esteja habituado a ver coisas dessas, mas eu não. Sobretudo quando se trata de alguém de quem gostava.

— Mas é interessante gostar das três mulheres — comentou Burns. — E a senhora Logan foi encontrada em Spook Hollow? — Troçou levemente do nome. — Fica a apenas alguns quilómetros de sua casa. E a menina Hatinger foi descoberta no lago McNair. A menos de um quilómetro da sua residência. Visitou esse local no dia em que discutiu com a menina Hatinger.

— É verdade. E noutros dias também.

— De acordo com a menina Waverly, estava tenso e irritado, quando se encontraram.

— Pensava que tínhamos concordado que estava fodido. Sim, estava. Foi por isso que parei por lá. É um local tranquilo.

— E isolado. Pode dizer-me o que fez o resto da noite, senhor Longstreet?

Não podia dizer a verdade.

— Estive a jogar gin com a minha irmã Josie — mentiu Tucker sem pestanejar. — Distraído como estava, levou-me uns trinta ou quarenta dólares. Depois, tomámos uma bebida e fomos para a cama.

— A que horas deixou a sua irmã?

— Subi por volta das duas, duas e meia.

— Agente Burns — interrompeu Burke. — Gostava de acrescentar que, na tarde em que a Edda Lou foi encontrada, o Tucker passou por cá. Estava preocupado por não ter notícias dela e por ela não atender o telefone.

Burns arqueou a sobrancelha.

— Será registado, xerife. Como arranjou esse olho negro, senhor Longstreet?

— O pai da Edda Lou pôs-mo assim. Foi quando soube que ela estava desaparecida. Ele passou lá por casa, convencido de que eu a tinha escondido. Depois meteu na cabeça que eu a tinha convencido a fazer um aborto.

— Discutiu a possibilidade de um aborto com a falecida?

— Ela estava falecida antes de eu ter tido oportunidade de discutir o que quer que fosse com ela. — Afastou-se da secretária. — E é tudo o que tenho a dizer. Se tiver mais perguntas, passe por Sweetwater e faça-as. Vemo-nos por aí, Burke.

Burke esperou até a porta bater.

— Agente Burns, conheço o Tucker desde sempre. Posso garantir-lhe que, por mais furioso que estivesse com a Edda Lou, jamais a mataria.

Burns apenas desligou o gravador.

— Ora, ainda bem que tenho uma perspectiva mais objectiva, não é? Acho que é altura de passarmos pela funerária, xerife. O patologista já deve ter chegado.

Tucker estava simplesmente farto. Nunca se metera na vida de ninguém, sempre vivera a sua e de que lhe valia? Agora tinha as costelas doridas, um olho inchado e era suspeito de homicídio.

Saiu disparado de Innocence, puxando o carro até aos cento e vinte.

Pensando bem, a culpa era das mulheres. Se Edda Lou não se tivesse esfregado nele sempre que passava pelo Larsson's, não teria saído com ela. Se Della não o tivesse obrigado a ir à cidade, a Edda Lou não o teria confrontado. E se aquela mulher Waverly não andasse a passear pelo pântano, não teria dado com ele a observar o lago. Com um ar "tenso e irritado".

Valha-nos Deus, ele tinha todo o direito de se sentir assim.

Sentia-se doente de pensar em Edda Lou, absolutamente doente. Por mais ardilosa que ela fosse, não merecia estar morta. Mas, bolas, não perce-

bia porque tinha de ser ele a pagar por isso. E ficar ali sentado a ouvir o ceppo do iaque a picá-lo com perguntas e olhares de polícia.

E eram mais do que olhares de polícia, recordava agora, ao fazer uma curva. Eram olhares de superioridade, de menino da cidade, trocistas, a deixarem-no em brasa.

Caroline Waverly vira-o da mesma forma. Provavelmente tinha inventado uma história qualquer ao FBI sobre o parolo sujo que planeava um homicídio a contemplar o pântano.

A poucos metros da entrada dos McNair, Tucker travou a fundo. Os pneus chiaram no pavimento quando fez inversão de marcha. Talvez fosse o momento indicado para ter uma conversa com a duquesa.

Agitando a gravilha, não reparou na carrinha que descia a estrada. O olhar de Austin tornou-se assustador ao vislumbrar o veículo vermelho, que agora desaparecia no meio da vegetação. Os seus lábios abriram-se num sorriso e estacionou a carrinha.

Desligou o motor, guardou as chaves no bolso e pegou na graxa preta para sapatos. Usando o espelho retrovisor, desenhou umas linhas por baixo dos olhos e ajustou o seu chapéu camuflado. Da selecção de armas na cabina, escolheu a mais indicada, uma espingarda Remington Woodsmaster, e verificou se estava carregada. Ainda sorria ao sair da carrinha, completamente camuflado, com uma faca de mato bem afiada presa no seu cinto de munições.

Ia caçar. Em nome da glória de Deus, nosso Senhor.

Caroline não se importava de estar sozinha. Embora apreciasse a companhia de Susie, a energia da mulher tinha-a exaurido. E não acreditava que alguém lhe entrasse em casa para a matar durante o sono. Afinal de contas, era uma estranha, e ninguém a conhecia suficientemente bem para lhe desejar mal. Agora que a arma estava bem guardada, não fazia tenção de lhe tocar novamente.

Para descontraír, pegou no violino. Mal tivera tempo para fazer mais do que afiná-lo desde que chegara. As suas mãos acariciaram a madeira macia e envernizada, passeando pelas cordas. Não era um exercício, pensou, estudando o arco. Não era um espectáculo. Era apenas a ânsia que raramente satisfazia de tocar música pela música.

De olhos fechados, apoiou o violino no ombro, colocando a cabeça e o corpo automaticamente na posição correcta, como uma mulher que acolhe um amante.

Escolheu Chopin pela beleza, pela paz e pela insinuação de tristeza que não conseguira ainda dissipar. Como sempre, a música preencheu todos os vazios.

Já não pensava na morte nem no medo. Não pensava em Luis nem na sua traição, na família que perdera ou desaparecera. Não pensava na música, sentindo-a apenas.

Lembravam lágrimas. Foi esse o primeiro pensamento de Tucker quando saiu do carro para subir ao alpendre. Não lágrimas quentes e apaixonadas, mas suaves e sofridas. Lágrimas que sangravam da alma.

Embora ninguém os pudesse escutar, Tucker tinha vergonha dos seus pensamentos. Não era mais do que música de um violino, do estilo erudito que nem vontade dava de tamborilar com o pé para acompanhar o ritmo. Mas soava tão triste, saindo livremente pelas janelas abertas. Podia jurar que as sentia, que sentia realmente as notas a vibrarem na sua pele.

Bateu à porta, mas com tal suavidade que nem ele ouviu. Depois, baixou a mão, abriu a porta de rede e entrou. Moveu-se suavemente, seguindo as notas assombradas, em direcção ao salão da frente.

Ela estava parada no meio da sala, virada para as janelas, de forma que ele lhe via o perfil. Tinha a cabeça ligeiramente inclinada em direcção ao instrumento. Os olhos estavam fechados e o sorriso que se desenhava nos seus lábios era delicado e esperançoso como a música.

Embora Tucker não pudesse jurar que conhecia a melodia, aquela combinação particular de notas penetrara-lhe o coração sem cerimónias. Como uma pergunta sussurrada, as notas pairavam no ar.

Enfiou as mãos nos bolsos e apoiou-se no vão da porta, deixando-se perder com ela. Era estranho e certamente inédito para ele encontrar uma mulher tão serena, tão intensamente apelativa e profundamente excitante, sem qualquer ligação ao sexo.

Quando ela parou e a música se perdeu no silêncio, Tucker sentiu um desapontamento tão imenso que era quase físico. Se fosse mais inteligente, tinha saído novamente enquanto os olhos dela ainda sonhavam, batendo à porta mais uma vez. Em vez disso, seguiu o instinto e aplaudiu.

Caroline assustou-se, ficando imediatamente tensa, com os olhos carregados de medo, rapidamente substituído pela irritação.

— Mas que raio está a fazer aqui?

— Bati à porta. — Ofereceu-lhe o mesmo sorriso e encolher de ombros com que a presenteara no primeiro encontro, junto ao lago. — Devia estar demasiado concentrada para me ouvir.

Caroline baixou o violino mas manteve o arco erguido, tal como um esgrimista exhibe a espada.

— Ou talvez não quisesse ser incomodada.

— Não posso dizer que isso me tenha ocorrido. Gostei da música. Prefiro R&B e um pouco de jazz, mas isso foi impressionante. Não admira que ganhe dinheiro a fazê-lo.



Caroline manteve o olhar preso ao dele enquanto pousava o violino.

— Mas que elogio fascinante.

— Foi apenas uma observação honesta. Fez-me pensar numa bugiganga da minha mãe. Era uma pérola presa a um pedaço de âmbar. Uma peça muito bonita, mas triste. A pérola estava tão sozinha e jamais poderia sair. Pareceu-me essa pérola quando estava a tocar. Toca sempre músicas tristes?

— Toco o que me apetece. — As nódoas negras dele tinham evoluído desde a última vez que o vira. Davam ao seu rosto um ar incauto e perigoso, com um apontamento de menino que fazia uma mulher querer tratar com algo fresco, talvez os lábios, o inchaço. — Tem algum motivo para estar em minha casa sem ter sido convidado, senhor Longstreet?

— Mais vale tratares-me por Tucker. Eu vou chamar-te Caroline. Ou Caro. — Exibiu a dentadura. — Era isso que a senhora Edith te chamava. Gosto.

— Mas isso não responde à minha pergunta.

Tucker desencostou-se do vão da porta.

— É hábito visitarmos os nossos vizinhos, mas por acaso até tinha um motivo. Não me vais convidar para me sentar?

Caroline inclinou a cabeça.

— Não.

— Ora bolas. Quanto mais arisca, mais gosto de ti. Sou assim, perverso.

— Só assim?

Tucker riu-se e sentou-se no braço do sofá.

— Primeiro, teremos de nos conhecer melhor. És capaz de ouvir dizer que sou fácil, Caroline. Mas a verdade é que tenho os meus padrões.

— Que alívio. — Tamborilava com o arco na mão aberta. — E quanto ao motivo?

Tucker cruzou a perna, colocando um pé no joelho, tranquilamente confortável como um cão à sombra.

— Valha-me Deus, a forma como falas. Suave e fresca como uma taça de gelado de pêssego. Gosto muito de gelado de pêssego.

Quando os lábios dela ameaçaram sorrir, Caroline inverteu o movimento, defensivamente.

— Não estou particularmente interessada nos teus gostos, nem com vontade de fazer sala. Tenho tido dias difíceis.

A simpatia desvaneceu-se.

— Foi difícil para ti encontrares a Edda Lou daquela forma.

— Terá sido mais difícil para ela.

Tucker levantou-se, pegando num cigarro enquanto caminhava.

— Estando tu por cá há alguns dias, deves saber o que foi dito.

Embora tentasse, Caroline não conseguia evitar alguma empatia. Não era fácil ter a vida privada — os erros privados — submetida à especulação pública. Ela sabia-o bem.

— Se queres dizer que os boatos daqui são espessos como a humidade, não vou discordar.

— Não posso impedir-te de pensares o que quiseres, mas quero falar. Caroline arqueou a sobrancelha.

— Não percebo por que motivo o que penso sobre ti te possa afectar.

— Foste suficientemente ágil a transmiti-los àquele iaque de sapatos espelhados.

Caroline esperou. A forma como ele caminhava de um lado para o outro na sala parecia-lhe mais um gesto de frustração do que de violência. Descontraiu o suficiente para pousar o arco.

— Se te referes ao Agente Burns, eu disse-lhe o que vi. Que estavas no lago.

Tucker voltou a cabeça.

— Claro que estava, caramba. Mas pareceu-te que estava a planear matar alguém?

— Parecias zangado — ripostou. — Não faço ideia do que podias estar a planear.

Tucker parou e deu um passo na direcção dela.

— Se achas que fiz aquilo à Edda Lou, por que raio estás aqui parada a conversar comigo em vez de desatares a fugir?

Caroline ergueu o queixo.

— Sei tomar conta de mim. E já contei à polícia tudo o que sei, o que é praticamente nada, por isso, não tens motivo para me fazer mal.

Tucker cerrou os punhos nos flancos.

— Menina, se continuas a olhar para mim como se fosse uma coisa que raspaste da sola do teu sapato, sou capaz de arranjar um motivo ou dois.

— Não me ameaces. — A adrenalina começou a actuar no seu corpo, empurrando-a para a frente até ficarem de nariz quase colados. — Conheço bem o teu tipo, Tucker. Não suportas o facto de eu não fazer tudo para olhares para mim. Afecta-te esse teu orgulho masculino quando uma mulher não está interessada. E, depois, quando há uma que está, como esta tal de Edda Lou, mal podes esperar por escorraçá-la. De uma maneira ou de outra.

O comentário dela estava de tal forma perto da verdade que doía.

— Querida, mulheres há muitas. Não significam nada para mim. E não ando a chorar pelos cantos por elas, como também não ando a matá-las. E quanto a fazeres tudo para que eu... Credo!

Caroline conseguiu libertar um pequeno grito quando ele a agarrou e a deitou ao chão. Mas então ficou sem fôlego quando ele se atirou para

cima dela. Ouviu a explosão e pensou, por momentos, que era o som de ter batido com a cabeça no soalho de madeira.

— Mas que raio pensas...

— Fica deitada. Valha-me Cristo.

Com o rosto a escassos milímetros do dela, Caroline viu algo nos olhos dele que podia ser medo ou astúcia.

— Se não saís de cima de mim já... — Qualquer linha de raciocínio que tivesse perdeu-se assim que ouviu o segundo disparo e viu um buraco abrir-se na almofada do sofá, mesmo por cima das suas cabeças. — Oh, meu Deus. — Com os dedos entranhados na carne dele, comentou: — Alguém está a disparar sobre nós.

— Estás muito atenta, amor.

— Mas o que vamos fazer?

— Podemos ficar assim e esperar que ele se vá embora. Mas não vai. — Suspirando, baixou a testa na direcção da dela, um gesto curiosamente íntimo. — Merda. Ele é capaz de te matar também e achar que é vontade de Deus.

— Quem? — Bateu nas costas dele. — Quem é?

— O papá da Edda Lou.

Tucker levantou ligeiramente a cabeça. Naquelas circunstâncias, não pensou no aspecto maduro e cheio dos lábios expostos dela. Reparou, mas não pensou.

— A mulher que foi assassinada? O pai dela está lá fora a tentar matar-nos?

— A matar-me, essencialmente. Mas não ficaria muito chateado se te acertasse pelo caminho. Vi-o pela janela quando estava a fazer mira à minha testa.

— Mas isso é de loucos. Um homem não pode andar a matar pessoas na casa dos outros.

— Vou explicar-lhe isso na primeira oportunidade. — Havia apenas uma coisa a fazer, mas Tucker detestava a ideia. — Tens uma arma por aqui?

— Sim. Do meu avô. No escritório, do outro lado do corredor.

— Quero que fiques aqui deitada. Não te mexas e não faças barulho. Caroline assentiu.

— Acho que consigo fazer isso. — Quando ele começou a levantar-se, ela puxou-lhe a camisa. — Vais matá-lo?

— Credo, espero que não. — Recuou na sala, usando o sofá como escudo e depois sustendo a respiração quando teve de rastejar a descoberto. Ao chegar à porta, imaginou que estaria suficientemente longe para haver balas perdidas perto de Caroline. — Austin, seu sacana, está uma mulher aqui dentro.

— A minha filha era uma mulher. — Seguiu-se mais um tiro de quarenta e quatro milímetros, que partiu ainda mais vidro. — Vou matar-te, Longstreet. “Pois chegou a hora da vingança de Deus.” Vou matar-te. Depois, vou cortar-te aos pedacinhos, como tu fizeste à minha Edda Lou.

Tucker pressionou os olhos com a base das mãos.

— Não quer magoar a senhora.

— Se é uma senhora, não sei. Pode muito bem ser mais uma das tuas putas. O Senhor é quem guia a minha mão. Olho por olho. “Porque o Senhor, teu Deus, é um fogo que consome.” “Recebemos morte pelo pecado.”

Enquanto Austin citava versículos das Escrituras, Tucker rastejou pelo corredor. Lá dentro, moveu-se com rapidez. Pegou numa Remington e, com as mãos suadas, carregou-a, já atordoado com a possibilidade de precisar de usá-la. Aproximou-se da janela, abriu a porta de rede devagar e rastejou.

O tiro que se seguiu fê-lo rezar também, agachando-se e correndo para um arbusto.

Austin tinha escolhido o seu local. A poucos metros da entrada da casa, apoiava-se a um ácer isolado. O suor escorria-lhe pela face e humedecia a camisola do camuflado. Invocava Jesus, temperando as preces com ameaças e tiros de espingarda. Todas as janelas da frente ficaram estilhaçadas.

Podia ter corrido para dentro de casa e terminado tudo de uma vez. Mas queria, precisava de saber que Tucker sofria. Esperara mais de trinta anos para se vingar de um Longstreet. Era chegada a hora.

— Vou rebentar-te os tomates, Tucker. Vou estourar-te essa gaita de que tanto te orgulhas. É essa a justiça do fornicador. Vais para o Inferno desquilhado. É essa a vontade de Deus. Estás a ouvir, seu pecador duma figa? Estás a ouvir o que te digo?

Com muito pouca hesitação, Tucker encostou o cano da arma à orelha esquerda de Austin.

— Ouço-o muito bem, não precisa de gritar. — Esperava sinceramente que Austin não sentisse o quanto a sua mão tremia. — Pouse a arma, Austin. Não me obrigue a enfiar-lhe uma bala na cabeça. Acredite que me vai custar. Morre, mas vou ter de deitar fora esta camisa. É quase nova.

— Eu mato-te.

Austin tentou voltar a cabeça, mas Tucker espetou ainda mais o cano da espingarda.

— Hoje, não. Agora, atire a arma para longe e desaperte o cinto das munições. Devagarinho. — Quando Austin hesitou, Tucker deu-lhe mais um incentivo. Ocorreu-lhe a imagem ridícula do cano a entrar pela cabeça de Austin e sair pela orelha oposta. — Sei que não tenho grande pontaria, mas deve ser difícil falhar com a arma espetada na sua orelha.

Respirou com mais tranquilidade quando Austin atirou a arma para longe.

— Caroline — gritou. — Telefona ao Burke e diz-lhe para vir cá ter depressa. Depois, arranja-me corda. — Assim que as munições caíram ao chão, Tucker empurrou-as para longe. — Ora agora, o que dizia sobre a minha gaita, Austin?

Dois minutos depois, Caroline saiu de casa com uma medida de corda da roupa.

— Ele vem a caminho. Eu só...

Caroline interrompeu-se quando viu o homem estendido na relva. O rosto dele estava sujo e transpirado, com riscos pretos. O camuflado cobria-lhe o tronco enorme e as pernas imensas. Embora Tucker estivesse de pé a apontar-lhe a arma ao pescoço, parecia frágil e magro ao lado dele.

— Trouxe a corda — disse, engolindo em seco ao sentir a voz falhar.

— Ótimo. Querida, queres pôr-te atrás dele?

Humedecendo os lábios, contornou Austin à distância.

— Como conseguiste... Ele é tão grande.

— E fala de mais. — Não resistiu a dar um pequeno pontapé a Austin. — Estava demasiado ocupado a cuspir fogo e calhaus que não ouviu o pecador aproximar-se por trás. Sabes disparar esta coisa?

— Sim. — Fitou a arma. — Mais ou menos.

— Mais ou menos serve. Não é assim, Austin? É capaz de disparar sobre uma parte vital do seu corpo, se se mexer de repente. Não há nada mais perigoso do que uma mulher com uma arma carregada. A não ser uma mulher do Norte. Pronto. Continua a apontar para a cabeça dele enquanto o amarro.

Tucker atirou a arma para as mãos de Caroline. Os seus olhares cruzaram-se, em manifesto alívio. Por instantes, foram quase amigos.

— Assim mesmo, querida. Mas não ma apontes. Agora, se ele se mexer, é só premir o gatilho. Depois, fecha os olhos, porque vais rebentar-lhe com a cabeça e não quero que vejas uma coisa tão feia.

Tucker piscou-lhe o olho para que ela percebesse que o aviso era para Austin.

— Muito bem. Mas estou nervosa. Espero não disparar sem querer.

Tucker sorriu quando se baixou para amarrar as mãos de Austin.

— Faz o melhor que puderes, Caro. Ninguém te pode pedir mais do que isso. Vou amarrá-lo como a um porco, Austin. Parece-me apropriado. — Deu uma volta à corda e puxou, vergando-se sobre as pernas robustas de Austin. — Não me parece correcto que tenha rebentado com as janelas da senhora. E estragou-lhe o sofá. Se bem me lembro, a senhora Edith gostava bem daquele sofá.

Afastou-se para tirar a arma a Caroline.  
— Querida, importas-te de me arranjar uma cerveja? Fiquei com sede.  
Caroline sentiu uma ânsia súbita de se rir.  
— Não tenho... cerveja. Mas tenho vinho. Chardonnay — gaguejou.  
— Também escorrega bem.  
— Está bem, eu... claro. — Começou a subir as escadas, mas voltou-se, vendo Tucker pegar num cigarro. Levando a mão à cabeça, viu-o cortar a ponta. — Porque fazes isso?  
— Hum? — perguntou Tucker, franzindo os olhos enquanto acendia o fósforo.  
— Porque cortas a ponta?  
— Oh. — Fumou um pouco, com manifesto prazer. — Estou a tentar parar. Parece uma forma razoável de o tentar. Imagino que dentro de algumas semanas devo conseguir fumar só meio cigarro de cada vez. — Sorriu para ela, incrivelmente atraente e branca como a cal. — Traz-me esse Chardonnay num copo grande, sim?  
— Claro. — Exalou um suspiro trémulo quando escutou o gemido de uma sirene. Tucker ainda estava suficientemente perto para lhe conseguir ouvir um suspiro de alívio idêntico. — Podes crer — acrescentou, batendo com a porta de rede atrás dela.

## 7.

Os trovões ribombavam a leste. Uma brisa, a primeira que ela sentira desde que atravessara a fronteira do Mississípi, agitava as folhas do ácer onde há menos de trinta minutos estivera um homem com uma espingarda em riste.

Não parecia razoável nem possível, mas Caroline deu consigo sentada nos degraus do alpendre a beber Chardonnay num copo de água, com o que restava da garrafa entalada entre a sua perna e a de Tucker.

A sua vida, ponderava enquanto saboreava mais um longo gole, tinha sofrido algumas reviravoltas interessantes.

— Isto é produto de qualidade — comentou Tucker, agitando o copo de vinho. Começava a sentir-se novamente ébrio, um estado que apreciava muitíssimo.

— É um dos meus preferidos.

— E agora um dos meus também. — Voltou-se e sorriu para ela. — Bela brisa.

— Sabe muito bem.

— Estamos a precisar de chuva.

— Pois, imagino que sim.

Tucker recostou-se, apoiando-se nos cotovelos e erguendo o rosto para saborear a frescura da brisa.

— Tendo em conta a direcção do vento, não deve entrar água para o teu salão.

Quase distraidamente, Caroline olhou para as suas janelas partidas.

— Boas notícias, então. Não me apetecia nada molhar o sofá. Afinal de contas, só tem um buraco de bala.

Tucker deu-lhe uma palmada amigável nas costas.

— És engraçada, Caro. Acredito que boa parte das mulheres desmaia-ria ou gritaria perante uma situação daquelas, mas tu aguentaste-te bem.

— Pois. — Porque o seu copo estava já praticamente vazio, voltou a enchê-lo. — Tucker, posso fazer-te uma pergunta mais ou menos regional?

Tucker ergueu o copo, apreciando a música do vinho de qualidade a ser vertido para o copo.

— Querida, neste momento, podes perguntar-me o que quiseres.

— Fiquei curiosa. Há muitos homicídios e tiroteios nesta zona do Estado ou estão só a atravessar uma fase?

— Ora bem. — Tucker contemplou o copo de vinho antes de beber.

— Falando em nome de Innocence e tendo em conta que a minha família anda por cá desde antes da guerra... refiro-me à Guerra da Secessão.

— Naturalmente.

— Acho que tenho uma opinião sobre o tema. Sou obrigado a reconhecer que somos inexperientes no tipo de homicídio a que te referes. Ora, o Whiteford Talbot abriu um belo de um buraco no Cal Beauford quando eu era puto. Mas o Whiteford tinha apanhado o Cal a pirar-se pelo cano que descia do quarto dele. E a mulher do Whiteford, ou seja, a Ruby Talbot, estava completamente em pêlo à data.

— Portanto, um caso diferente — concluiu Caroline.

— Exactamente. E há menos de cinco anos, os rapazes Bonny e os Shivers pintalgaram-se mutuamente com uns tiritos. Mas foi tudo por causa de um porco. E como são primos e doidos, ninguém prestou muita atenção.

— Compreendo.

Era curioso, pensava Tucker. Gostava mesmo dela, da companhia agradável que acompanhava a atracção física.

— Mas, de um modo geral, Innocence é bastante pacífica.

Caroline fitou pensativamente o copo.

— Isso é encenado?

— O que é *isso*?

— Essa postura oca de bom rapaz.

Tucker sorriu abertamente e bebeu.

— Só quando me parece apropriado.

Caroline suspirou e desviou o olhar. Lá em cima, o céu começava a ficar escuro e os trovões pareciam cada vez mais próximos, bem como os relâmpagos rápidos e violentos. Mas sabia bem, demasiado bem, estar ali sentada.

— Estás preocupada? Quando o xerife levou o homem, ele jurou que te ia matar.

— Não vale a pena preocupar-me muito com isso. — Mas a preocupação no tom dela comoveu-o de alguma forma. Suavemente, pousou o braço nos ombros dela. — Não te preocupes, querida. Não quero que fiques aflita por minha casa.

Caroline voltou a cabeça. Uma vez mais, sentiu o seu rosto a escassos milímetros do dele.

— É um pouco mórbido, não te parece? Usares uma experiência quase fatal como estratégia de sedução.

— Caramba. — Tucker teve a simpatia de se rir e manteve o braço onde o colocara. — Desconfias sempre dos homens?

— Desconfio de um determinado tipo de homem.

Caroline levantou a mão e tirou o braço dele.

— Que fria, Caro, depois de tudo o que vivemos juntos. — Suspirando de insatisfação, brindou com ela. — Não me vais convidar para jantar, então?

Caroline conteve um sorriso.

— Não me parece.

— Podias tocar outra música para mim.

Desta vez, Caroline não sorriu e apenas abanou a cabeça.

— Estou a fazer uma pausa.

— Mas que pena. Fazemos assim: eu toco para ti.

Caroline arqueou as sobrancelhas, admirada.

— Tocas violino?

— Claro que não. Mas toco rádio.

Tucker levantou-se e percebeu abruptamente que o vinho lhe tinha subido à cabeça. Não era uma sensação que o incomodasse. Dirigindo-se ao carro, pesquisou as suas cassetes. Depois de optar por uma, ligou o carro e inseriu-a.

— Fats Domino — anunciou com o devido respeito, quando começou a soar a música “Blueberry Hill”. Voltou para trás, estendendo a mão. — Vamos. — Antes que Caroline pudesse recusar, já ele a tinha puxado para os seus braços. — Não consigo ouvir esta canção sem a dançar com uma mulher bonita.

Caroline teria protestado ou tentado libertar-se do abraço. Mas a situação pareceu-lhe inócua. E depois daquele dia, também ela precisava de se divertir um pouco. Assim, deixou-se estar nos braços dele, saboreando



a fluidez com que ele os transferira da entrada para a relva, rindo-se suavemente quando ele a fez inclinar-se para trás, e sentindo o vinho a navegar-lhe na cabeça.

— Sentes-te bem? — murmurou ele.

— Hum-hum. És malandro, Tucker. Talvez um pouco de mais. Mas sempre é melhor do que levar um tiro.

— Estava a pensar precisamente no mesmo.

Tucker encostou a face ao cabelo dela. Era suave como a seda. E porque sempre apreciara as texturas, não tentou evitar sentir o contraste da pele macia do rosto dela contra o seu, nem a deslocação da blusa dela debaixo da sua mão confiante. Como pareciam longas e esguias as coxas dela à medida que roçavam e chocavam nas suas.

O ímpeto sexual não o surpreendeu. Era-lhe tão natural como a respiração. O que o surpreendeu foi o desejo avassalador de a atirar para o ombro e a carregar para dentro de casa, para o piso superior.

Sempre preferira lidar com as senhoras com mais calma, saboreando a caça e controlando-se. Contudo, dançar com ela à medida que o ar assumia aquela luz suave e cremosa que sempre antecedia uma tempestade, deixara-o nervoso.

Tucker atribuiu esse nervosismo ao excesso de álcool.

— Está a chover — sussurrou Caroline. Tinha os olhos fechados e deixara o corpo balançar com o dele.

Tucker conseguia sentir o aroma da chuva no cabelo dela, na pele dela. E começava a enlouquecer.

Ela sorria, apreciando a forma como as gotas lentas e pesadas lhe encharcavam a roupa. Nunca tinha testemunhado um tiroteio na sua vida. Mas também nunca tinha dançado à chuva.

— É fresca. Maravilhosamente fresca.

Tendo em conta as sensações que tomavam conta de si, Tucker estranhou que as gotas de chuva não fervessem em contacto com a sua pele. Foi dar com os seus dentes na orelha dela e percebeu intensamente o tremor rápido e surpreso dela quando lhe mordiscou o lóbulo.

Os olhos dela abriram-se repentinamente, algo perdidos, à medida que ele lhe mordiscava a linha do queixo. Algo delicioso agitou-se dentro de si, sem que conseguisse evitá-lo. Um instante antes de a boca dele se fechar sobre a sua, ela travou-o com uma mão no peito, inclinando-se para trás.

— O que pensas que estás a fazer?

Tucker pestanejou.

— A beijar-te?

— Não.

Tucker fitou-a por momentos, observou a chuva que lhe escorria pelo cabelo, atentou nos olhos que traíam paixão e determinação. Sentiu uma ânsia de ignorar a mão dela e fazer valer a sua vontade. O facto de não o conseguir fê-lo sussurrar um impropério.

— Caroline. És uma mulher difícil.

O alarme na cabeça dela acalmara. Sorriu suavemente. Ele não ia insistir.

— Já mo disseram.

— Podia ficar por aqui a tentar convencer-te.

— Não me parece.

Os olhos dele riram-se. Passou a mão suavemente pelas costas dela antes de a libertar.

— Ora aqui está um belo desafio. Mas acho que tiveste um dia complicado, por isso, deixo-o para outra altura.

— Fico-te muito grata.

— Acho bem que fiques. — Tomou-lhe a mão, acariciando-lhe os nós dos dedos com o polegar. E, maldito fosse, Caroline sentiu o arrepio percorrer-lhe o corpo até aos dedos dos pés. — Vais pensar em mim, Caroline, quando te aninhares na tua cama esta noite.

— Vou pensar apenas em mandar arranjar aquelas janelas.

O olhar dele concentrou-se nos estilhaços de vidro espetados nas molduras gastas de madeira.

— Fico a dever-te essa — respondeu ele. E o seu olhar foi preenchido por uma angústia que a recordou do motivo porque deram mãos à chuva.

— Acho que o Austin Hatinger é que está em dívida para comigo — retorquiu Caroline, — mas não é isso que me paga as janelas.

— Deixa-me tratar disso. — Olhou novamente para ela. — Ficas mesmo muito bonita quando estás molhada. Se eu ficar aqui muito mais tempo, vou tentar beijar-te novamente.

— Então, é melhor ires embora. — Ia tirar a mão quando reparou no carro dele. Não conseguiu conter uma gargalhada. — Tucker, sabias que a capota do teu carro está descida?

— Merda. — Voltou-se e fitou a viatura. A chuva incidia sem piedade nos estofos de couro branco. — O problema das mulheres é este. Distraem-nos. — Antes de lhe libertar a mão, levou-a aos lábios, depositando-lhe um beijo demorado que terminou com um leve roçar de dentes. — Eu volto, Caroline.

Ela sorriu e deu um passo atrás.

— Então, traz vidro e um martelo.

Tucker entrou no carro sem se dar ao trabalho de levantar a capota. Ligou o motor, atirou-lhe um beijo e começou a conduzir pela alameda. Pelo retrovisor, observou Caroline, parada à chuva, com o cabelo a lembrar

trigo molhado e as roupas coladas às curvas do seu corpo. Fats cantava o “Ain’t That a Shame”. E Tucker era obrigado a concordar.

Caroline aguardou até ele desaparecer de vista para voltar aos degraus, sentar-se e bebericar o vinho já diluído pela chuva. Susie tinha razão. Tucker Longstreet não era assassino nenhum. E tinha, de facto, um certo charme. Passou a mão que ele tinha beijado pela face e exalou um longo e trémulo suspiro.

Ainda bem que não estava interessada. De olhos fechados, Caroline levantou a cabeça para sentir a chuva. Ainda bem, mesmo.

Quando Caroline despertou na manhã seguinte, estava com um humor péssimo. Tinha dormido muito mal. E, maldito fosse, tinha mesmo pensado nele. Graças a esse pensamento e ao som da chuva a bater no telhado de chapa, passara boa parte da noite às voltas na cama. Quase tinha cedido a tomar um dos comprimidos para dormir que lhe sobrara das indicações do doutor Palamo.

Mas conseguira resistir, para se provar a si mesma. Assim, abriu os olhos para enfrentar a luz implacável do Sol. Ainda por cima, a cabeça latejava por causa do vinho.

Depois de engolir uma aspirina, entrou no chuveiro, sabendo muito bem a quem atribuir as culpas. Se não fosse por Tucker, não teria bebido de mais. Se não fosse por Tucker, não teria ficado acordada metade da noite, atormentada por uma ânsia sexual indesejada. Se não fosse por Tucker, não teria a casa esburacada, um problema que teria de resolver antes que as moscas, os mosquitos e sabe-se mais lá o quê decidissem ir morar com ela.

Adeus paz e tranquilidade, ponderou ela, enquanto saía do chuveiro para se secar. Adeus período de recuperação. Desde que tinha tido o azar de se cruzar com Tucker, a sua vida tinha ficado virada do avesso. Mulheres mortas, homens loucos e armados. Resmungando sozinha, Caroline vestiu o roupão. Mas por que raio não tinha ela decidido ir para o Sul de França assar numa praia cheia de gente?

Porque preferira voltar para casa, concluiu com um suspiro. Apesar de ter passado alguns dias da sua infância naquela casa, era o que mais perto tinha de um lar.

Nada e ninguém o destruiria. Caroline desceu para o piso inferior, amparando com a mão a cabeça dorida. Ia ter a sua temporada de tranquilidade. Ia sentar-se no alpendre e ver o Sol pôr-se, cuidar das flores e ouvir música. Ia ficar em paz e sozinha, sempre que o desejasse. A partir de agora.

De queixo erguido, abriu a porta da frente. E gritou.

Um homem negro, com as faces marcadas e os ombros largos como os de um animal, estava diante de uma das janelas partidas. Caroline divi-

sou o brilho do metal de algo que ele transportava. Seguiu-se uma sucessão de ideias. Correr para dentro e tentar telefonar. Fugir para o carro e esperar que as chaves ainda estivessem lá dentro. Ficar ali e gritar.

— Menina Waverly?

Depois de uma busca desesperada, ela encontrou a sua voz.

— Telefonei para o xerife.

— Sim, senhora, o Tuck disse-me que tinha tido alguns problemas aqui.

— Eu... desculpe?

— Que o Hatinger lhe rebentou com os vidros. O xerife tem-no lá na cadeia. Devo arranjar isto rapidamente.

— Arranjar?

Quando viu a mão dele mexer-se, inalou ar para desatar a gritar. Mas depressa o expeliu quando viu que o objecto de metal na mão dele não era mais do que uma fita métrica. Enquanto tentava acalmar-se, o homem abriu a fita sobre o espaço vazio onde os vidros costumavam estar.

— Veio arranjar as janelas.

— Sim, senhora. O Tuck ligou-me ontem à noite. Disse-me que lhe tinha dito que eu viria cá tirar as medidas e colocar vidros novos. — Os seus olhos castanhos pestanejaram e depois encheram-se de graça. — Parece que não a avisou.

— Não. — Sentindo uma onda de alívio e irritação, Caroline pousou a mão no peito acelerado. — Não, não me disse nada.

— O Tuck não pensa muito bem nas coisas.

— Parece que não.

Com um aceno de cabeça, o homem anotou números num bloco de notas.

— Assustei-a.

— Não faz mal. — Caroline conseguiu sorrir. — Acho que começo a habituar-me. — Mais calma, passou os dedos pelo cabelo húmido. — Não me disse o seu nome.

— Chamo-me Toby March. — Repuxou a aba do chapéu gasto, numa espécie de cumprimento. — Faço uns biscates.

— Prazer em conhecê-lo, senhor March.

Passados alguns momentos de hesitação, aceitou a mão que ela lhe oferecia.

— Chame-me Toby, menina. Toda a gente o faz.

— Bem, Toby, agradeço-lhe por ter vindo tratar disto tão depressa.

— Fico muito grato pelo trabalho. E se me der uma vassoura, posso varrer-lhe estes vidros partidos.

— Está bem. Quer café?

— Não lhe quero dar trabalho.

— Não é trabalho nenhum. Ia mesmo fazer uma cafeteira.  
— Então, agradeço. Simples, com três colheres de açúcar, se não for pedir muito.

— Trago-lho daqui a nada. — O telefone começou a tocar. — Com licença.

Levando a mão à testa, Caroline correu pelo corredor e pegou no auscultador.

— Sim?

— Ora, querida, parece que andas com uma vida agitada.

— Susie. — Caroline encostou-se ao corrimão das escadas. — Quem disse que as cidades pequenas eram sossegadas?

— Ninguém que tenha vivido numa. O Burke disse-me que não te tinhas magoado. Eu teria ido aí comprová-lo com os meus olhos, mas os rapazes receberam uns amigos cá em casa. E mesmo andando de olho neles, parece que eclodiu uma guerra aqui dentro.

— Eu estou bem, a sério. — À excepção de uma ressaca, nervos em franja e uma dose indesejada de frustração sexual. — Estou só um pouco inquieta.

— E quem te pode censurar, querida? Tive uma ideia. Amanhã temos um churrasco. Passa por cá, come até não te conseguires mexer e esquece todos os teus problemas.

— Parece-me uma ideia excelente.

— Às cinco. Vens até à cidade e segue até ao fim da Market, vira à esquerda na Magnolia. Estamos na terceira casa à direita. É amarela com estores brancos. Se tiveres dificuldade em dar com ela, segue o cheiro a costeletas queimadas.

— Lá estarei. Obrigada, Susie.

Caroline desligou e entrou na cozinha. Pôs o café ao lume, colocou pão na torradeira e tirou um frasco de doce de amora. O sol incidia sobre a relva molhada e o cheiro forte e intenso que produzia era tão cativante como o do café. Viu um pica-pau instalar-se no tronco de uma árvore, para procurar o seu pequeno-almoço.

Do alpendre da frente chegou-lhe a voz de Toby, num tom rico e suave de barítono. Transportava uma melodia espiritual ritmada sobre a descoberta da paz.

Caroline descobriu que a sua dor de cabeça tinha desaparecido e que os olhos estavam mais nítidos.

Apesar de tudo, era bom estar em casa.

Não muito longe dali, alguém se agitava em lençóis emaranhados, gemendo durante o sono. Os sonhos precipitavam-se como rios densos e agitados.

Sonhos de sexo, sangue e poder. Os sonhos nem sempre seriam recordados durante o dia. Por vezes, insinuavam-se naqueles momentos de alerta, como borboletas de asas cortantes que penetravam a mente, deixando pequenas feridas que ardiam.

Mulheres, eram sempre mulheres. Aquelas cabras brutas e trocistas. A necessidade que tinha delas — da pele macia, do aroma, dos sabores quentes — era detestável. Podia ser dominada por longos períodos de tempo. Durante dias, semanas ou mesmo meses, podia haver uma certa gentileza, um carinho ou mesmo respeito. E, depois, uma delas faria qualquer coisa. Qualquer coisa que pedia um castigo.

O sofrimento começaria, a fome aumentaria. E nada a podia saciar senão o sangue. E mesmo apesar do sofrimento e da fome, havia a astúcia. Havia uma profunda satisfação em saber que, por mais que procurassem, por mais que se esforçassem, ninguém descobriria qualquer prova.

A loucura medrava em Innocence, mas sabia esconder-se bem. À medida que o Verão avançava, instalava-se no seu hóspede relutante. E sorria.

O doutor Theodor Rubenstein — Teddy, para os amigos — deglutia o seu segundo bolinho de cereja. Empurrou o doce com uma Pepsi morna, bebida directamente da garrafa. Nunca desenvolvera um apreço especial por café.

Teddy tinha acabado de passar pelo seu quadragésimo aniversário e começara a passar a coloração “Grecian Formula 44” pelo seu espesso cabelo castanho. Não estava a ficar calvo, graças a Deus, mas não apreciava o ar professoral que alguns fios grisalhos lhe proporcionavam.

Teddy considerava-se um tipo simpático. Sabia que os seus olhos escuros e pequenos, o queixo curto e compleição frágil não o tornavam num garanhão de partir corações. Mas sabia usar o humor para atrair as senhoras.

Gostava de dizer a si mesmo que a personalidade lhe granjeava tantas ratas como um perfil perfeito.

Cantarolando sozinho, lavava as mãos na pia da sala de embalsamento da Funerária Palmer, a pia mesmo por baixo da imagem de Jesus. Para se divertir, Teddy balançava-se de um lado para o outro. Quando se movia para a esquerda, Jesus usava umas vestes vermelhas, envergando uma expressão meiga e erguendo a mão em direcção ao coração proeminente no seu peito. Se se movesse para a direita, o rosto tremia por instantes, tornando-se triste e sofredor. O que era compreensível, uma vez que agora tinha uma coroa de espinhos presa ao seu cabelo castanho, e feridas ensanguentadas que lhe feriam a testa intelectual.

Teddy perguntava-se sobre que imagem Palmer preferia, antes de pe-

gar no seu “Fluido Endurecido para Cavidades”. Enquanto fazia experiências, procurando o ponto exacto em que as imagens se fundiam uma na outra, secava as mãos. Atrás dele, Edda Lou jazia nua numa mesa de porcelana de embalsamento — à moda antiga, com os veios escorredores nos lados. A pele da jovem ficava horrorosa àquela luz fluorescente e impiedosa.

Mas aquelas coisas não impressionavam Teddy. Escolhera o ramo da Patologia porque todos esperavam que seguisse Medicina. Era a quarta geração de Rubensteins com a palavra “doutor” antes do nome. Mas muito antes de completar o seu primeiro ano de estágio, descobrira que detestava obsessivamente as pessoas doentes.

Mas a morte era um assunto diferente.

Nunca o incomodara trabalhar com um cadáver. As rondas hospitalares com pacientes cansados e a gemer tinham-no deixado pouco entusiasmado. Contudo, na primeira vez que fora chamado para observar uma dissecação, sentira que tinha descoberto a sua vocação.

Os mortos não se queixavam, não precisavam de ser salvos e não o iam processar por negligência médica.

Em vez disso, eram como um puzzle. Só era preciso abri-los, ver o que havia de errado com eles e preparar um relatório.

Teddy era bom a resolver puzzles, e sabia que tinha muito mais jeito com os mortos do que com os vivos. As suas duas ex-mulheres tinham sido consideravelmente expeditas em salientar a sua falta de sensibilidade, o egoísmo, o sentido de humor fraco e exasperante. Muito embora Teddy se considerasse um tipo bastante engraçado.

Colocar um botão de choques eléctricos na mão de um cadáver era uma forma certa de animar uma autópsia aborrecida.

Burns não concordava, se bem que Teddy gostava de arreliar Burns. Sorriu para si mesmo ao calçar as luvas de látex. Andava há três semanas a preparar uma brincadeira, esperando para a experimentar com alguém todo certinho como Matt Burns. E apenas precisava de uma vítima devidamente mutilada.

Teddy soprou um beijo de agradecimento a Edda Lou e ligou o gravador.

— Ora, aqui temos — começou ele, usando um sotaque do Sul muito cerrado — uma mulher, caucasiana, na casa dos vinte. Identificada como Edda Lou Hatinger. Registo a sua altura em um metro e sessenta e quatro, e o peso em cinquenta e sete quilos. E, meninos e meninas, tem a construção de uma máquina de fazer merda perfeitamente normal.

Ora ali estava uma conclusão que deixaria Burns nas horas.

— A nossa convidada de hoje foi vítima de várias facadas. Com licença, Edda Lou — disse, contando os ferimentos. — Vinte e duas. Concentra-

das nas áreas dos seios, tronco e órgãos genitais. Foi usado um instrumento afiado e de lâmina suave para cortar a jugular, a traqueia e a laringe num só golpe horizontal. Pelo ângulo e profundidade, diria que foi executado da esquerda para a direita, apontando para um atacante destro. Em termos leigos, senhoras e senhores, rasgaram-lhe a garganta de orelha a orelha, provavelmente com uma lâmina de... — Assobiou enquanto media. — Uma lâmina de quinze centímetros. Alguém conhece o *Crocódilo Dundee*? — Tentou falar com um sotaque australiano acentuado. — Não, é uma faca! Tendo examinado os outros ferimentos, este corte na garganta terá sido a causa de morte. Acreditem que não era preciso mais. Sou médico.

Teddy assobiava o “Theme from *A Summer Place*” ao retomar o seu exame.

— Sofreu ainda um golpe na nuca, com um instrumento pesado e de textura áspera. — Delicadamente, tirou alguns fragmentos com pinças. — A arquivar fragmentos que parecem ser madeira ou casca de árvore para exames forenses. Acho que podemos concluir que a vítima foi agredida com um ramo de uma árvore. Golpe infligido antes da morte. Se os detetives concluírem que o golpe deixou a vítima inconsciente, então ganharão uma viagem para dois às Barbados e um conjunto de malas completo da Samsonite.

Olhou para cima quando a porta se abriu. Burns cumprimentou-o com um aceno. Teddy sorriu.

— Que fique registado que o Agente Especial Matthew Burns chegou para testemunhar a obra do mestre. Como corre a vida, Burnsie?

— Fizeste progressos?

— Oh, a Edda Lou e eu estávamos a conhecer-nos melhor. Talvez saíamos para dançar, mais tarde.

Dentro da boca cerrada de Burns, os seus dentes rangiam furiosamente.

— Como sempre, Rubenstein, o teu sentido de humor é revoltante e patético.

— A Edda Lou gosta, não gostas, minha querida? — Deu-lhe uma palmada na mão. — Pisaduras e pele lacerada nos pulsos e nos tornozelos.

Usando as suas ferramentas, Teddy localizou e removeu pequenas fibras brancas, guardando-as de seguida, enquanto continuava a relatar animadamente as suas descobertas.

Burns sofreu durante mais quinze minutos.

— Foi violada?

— É difícil dizer — respondeu Teddy, com o rosto sério. — Vou recolher algumas amostras de tecido. — Burns desviou o olhar enquanto Teddy avançava. — Deve ter estado na água durante doze a quinze horas. Por alto,



sem resultados de testes, diria que a morte dela ocorreu entre as onze e as três da manhã do dia dezasseis de Junho.

— Quero esses resultados a.s.a.p.<sup>5</sup>

Teddy continuou a retirar amostras.

— Céus, adoro quando falas por siglas.

Burns ignorou o comentário.

— Quero saber tudo o que há para saber sobre ela. O que comeu, quando comeu. Se estava drogada ou se tinha bebido. Se teve relações sexuais. Era suposto estar grávida. Quero saber de quantas semanas.

— Vou verificar. — Teddy voltou-se para trocar de instrumentos. — Talvez queiras ver o molar esquerdo. Achei-o muito interessante.

— Os dentes dela?

— Sim. Nunca vi nada assim.

Intrigado, Burns inclinou-se. Abriu a boca de Edda Lou, franzindo o sobrolho.

— Beija-me, seu tolo — disse ela.

Burns gritou e deu um salto para trás.

— Jesus, Jesus Cristo.

Teddy riu-se tão descontroladamente, que precisou de se sentar para não cair. Passara meses a estudar ventriloquismo apenas para usufruir daquele momento. O pânico de louco no rosto de Burns recompensara-o largamente.

— Tens cá um estilo, Burnsie. Até as mulheres mortas andam atrás de ti.

Lutando para se manter controlado, Burns cerrou os punhos nos flancos. Se desse um murro a Rubenstein, não teria outra opção senão relatar o incidente.

— És doido como a merda.

Teddy apenas apontava para o rosto pálido de Burns e para o rosto cinzento de Edda Lou, rindo-se ainda mais.

Burns sabia que não adiantava ameaçar. Qualquer queixa oficial que fizesse seria devidamente registada e subsequentemente ignorada. Rubenstein era o melhor. Um doido reconhecido, mas o melhor.

— Quero os resultados dos teus testes ainda hoje, Rubenstein. Podes achar isto tremendamente divertido, mas tenho um assassino para travar.

Incapaz de falar, Teddy apenas assentiu e agarrou as costelas dorida.

Quando Burns bateu com a porta, Teddy secou os olhos molhados e saiu do banco.

— Edda Lou, minha querida — disse ele numa voz ainda exausta

---

<sup>5</sup> a.s.a.p. — Do inglês *as soon as possible*, ou seja, o mais rapidamente possível. (N. do T.)

de riso. — Não sei como te agradecer pela tua ajuda. Acredita que vais entrar nos anais da História por esta partida. Os rapazes em D.C. vão adorar.

Assobiando, pegou no bisturi e voltou ao trabalho.

## 8.

Darleen Fuller Talbot escutava os sons do churrasco dos Truesdale que fluíam em direcção à janela do seu quarto. Pensou que era uma pena Susie Truesdale não ter convidado a sua vizinha do lado para a festa.

Darleen teria sabido reconhecer o valor de uma festa para deixar de pensar nos seus problemas.

É claro que Susie não socializava muito com Darleen. Preferia os Longstreet ou os Shays, ou mesmo os narizes empinados dos Cunningham, do outro lado da rua. E não estava ela completamente convicta de que o todo-poderoso John Cunningham tinha traído a espevitada da sua mulher com Josie Longstreet?

Queria parecer a Darleen que Susie se tinha esquecido de que precisara de se casar e servir às mesas no Chat 'N Chew enquanto a barriga crescia. Talvez o marido tivesse nascido em berço de ouro, mas não tinha acabado assim. E toda a gente sabia que o paizinho de Burke se tinha matado por se ter enterrado num monte de dívidas.

Os Truesdale não eram melhores do que ela, nem os Longstreet, já agora. Talvez o seu pai tivesse crescido na vida a trabalhar nos campos de algodão em vez de ter sido dono de um, mas não era um bêbedo. E não estava morto.

Darleen achava que era de muito mau tom que Susie desse uma festa no jardim, onde o cheiro a carne grelhada e molho picante podia fazer alguém sentir-se sozinha. Ora, até o irmão dela estava na festa — embora Bobby Lee pouco se preocupasse com os sentimentos da irmã.

Que fossem todos para o inferno — ele, os armantes dos Truesdale e toda a gente. Agora não ia a festa nenhuma. Mesmo que o Junior estivesse a trabalhar das quatro à meia-noite na bomba da gasolina. Como poderia ela rir-se e chupar molho de churrasco dos dedos quando a sua melhor amiga estaria debaixo da terra na terça-feira seguinte?

Darleen suspirou e Billy T., que sugava com intensidade os seus seios rosados, entendeu que ela começaria finalmente a empenhar-se no acto. Moveu-se para enfiar a língua na orelha dela.

— Anda, amor, fica tu por cima.

— Está bem.

A sugestão espicacera-lhe o interesse. Junior não só queria fazê-lo apenas na cama, como se interessava apenas por uma posição.

Quando terminaram, Billy T. ficou deitado, satisfeito, a fumar um Marlboro. Darleen fitava o tecto, escutando a música dos Truesdale.

— Billy T. — disse, desenhando um beicinho. — Não achas que é falta de educação não convidarem os vizinhos do lado?

— Merda, Darleen, pára de te preocupar com essa gente.

— Mas não acho certo. — Ferida pela sua falta de empatia, Darleen levantou-se para ir buscar o seu pó de talco com perfume a rosas. Ia buscar o seu filho Scooter a casa da mãe daí a uma hora, pelo que aquela era a forma mais rápida de esconder o cheiro da transpiração e do sexo. — Acho que ela se considera melhor do que eu. E a convencida da Marvella também. Só porque são amigas dos Longstreet. — Vestiu a t-shirt e os calções, dispensando a roupa interior, como compromisso com o calor. Os seus seios, arrebitados, maduros e arredondados ficavam presos pelo algodão, distorcendo a imagem gasta de Elvis. — Aquele Tucker também está lá em baixo, todo animado com a tal de Waverly. Ora, a Edda Lou ainda nem foi enterrada.

— O Tucker é um merdas. Sempre foi.

— Bem, a Edda Lou amava-o perdidamente. Ela comprou-lhe perfume e tudo. — Olhou esperançadamente para Billy T., mas ele estava demasiado ocupado a desenhar anéis de fumo. Darleen voltou-se para a janela, amuada. — Detesto-os. Detesto-os todos. Ora, se o Burke Truesdale não fosse o melhor amigo do Tucker, aquele rapaz já estava preso, tal como o Austin Hatinger.

— Ora. — Billy T. esfregou a barriga húmida e perguntou-se se haveria mais cambalhotas. — O Tucker é um merdas, mas não é um assassino. Toda a gente sabe que foi um preto que fez aquilo. Aqueles pretos é que gostam de rasgar mulheres brancas.

— Ainda assim, partiu-lhe o coração. Sinto que tem de pagar por isso de alguma forma. — Olhou novamente para Billy T., com uma lágrima a correr-lhe por um dos olhos. — Gostava que alguém se vingasse dele por a ter feito tão infeliz antes de morrer. — Quando as gargalhadas aumentaram de volume na festa, irritando-a, Darleen pestanejou os olhos molhados. — Ora, era capaz de fazer tudo por alguém que tivesse a coragem de se vingar dele.

Billy T. esmagou o cigarro no pequeno cinzeiro com a fotografia de Washington Monument.

— Ora, amor, se quiseres vir aqui mostrar-me quanto desejas mesmo isso, posso pensar em fazer alguma coisa para acertarmos contas.

— Oh, querido. — Darleen voltou a tirar a t-shirt do Elvis, desco-

brindo os seios, indo ajoelhar-se diante das pernas de Billy T. — És tão bom para mim.

Enquanto Darleen se ocupava a desenhar um sorriso no rosto de Billy T., as costeletas ferviam na grelha do jardim ao lado. Burke presidia às funções, envergando um avental enorme com a caricatura de um cozinheiro e a frase “Beija o cozinheiro, senão...” Segurava uma Budweiser numa mão e temperava as costeletas com a outra. Susie transportava taças e pratos da cozinha para a mesa de piquenique, gritando ordens para os filhos para que trouxessem a salada de batata, mais gelo e parassem de roubar os ovos recheados.

Caroline tinha de admirar aquela coordenação. Alguém entrava na cozinha, outra pessoa saía de seguida. Embora dois dos rapazes — Tommy e Parker, se bem se lembrava — parassem de vez em quando para se acotovellarem e empurrarem, a coreografia era razoavelmente suave. O rapaz mais novo, Sam — baptizado em homenagem ao Tio Sam, porque fazia anos no dia 4 de Julho —, estava decidido a mostrar a sua colecção de cromos de basebol a Tucker.

Tucker estava deitado na relva e, apesar do calor, tinha Sam no colo, enquanto juntos folheavam o álbum.

— Troco o meu Rickey Henderson de oitenta e seis por esse Cal Ripkin.

— Nem pensar. — O monte de cabelo loiro de Sam caía-lhe nos olhos quando abanava a cabeça. — Este foi o ano de estreia do Cal.

— Mas já lhe dobraste o canto, rapaz, e o meu Henderson está impecável. Até era capaz de juntar o meu novíssimo Wade Boggs.

— Bolas, isso não é nada. — Sam voltou a cabeça e Caroline percebeu o brilho nos seus olhos escuros. — Quero o Pete Rose de sessenta e três.

— Isso é um assalto, rapaz. Vou ter de pedir ao teu pai que te mande para a prisão por sequer sugerires isso. Burke, este rapaz é um criminoso nato. É melhor mandá-lo para o reformatório agora e poupares-te a problemas.

— Ele sabe bem reconhecer uma trifulhice — respondeu tranquilamente Burke.

— Ele ainda está zangado por lhe ter sacado o Mickey Mantle em sessenta e oito — murmurou Tucker para Sam. — O homem não compreende nada de trocas comerciais criativas. Agora, voltando ao Cal Ripkin.

— Dou-to por vinte e cinco dólares.

— Merda. Basta. — Prendeu Sam pelo pescoço e sibilou-lhe ao ouvido: — Estás a ver aquele homem ali a tentar aborrecer a menina Waverly até à morte?

— O que está de fato?

— Sim, senhor, o de fato. É um agente do FBI e pedir vinte e cinco dólares pelo ano de estreia do Cal Ripkin é um crime federal.

— Não é nada — respondeu Sam, sorrindo.

— Juro-te por Deus que é. E o teu pai será o primeiro a dizer-te que o desconhecimento da lei não serve de desculpa. Vou ter de te entregar às autoridades.

Sam estudou Matthew e encolheu os ombros.

— Parece um totó.

Tucker riu-se com vontade.

— Onde aprendes tu essas coisas?

Decidiu experimentar outra tática, torturando-o para lhe tirar o cartão. Virou o rapaz ao contrário e pendurou-o de cabeça para baixo, começando a fazer-lhe cócegas.

Caroline começou a ver a luta dos dois e distraiu-se da conversa de Burns. Falava de algo sobre o Baile da Orquestra Sinfónica no Kennedy Center. Deixou-o divagar sobre o tema, conseguindo mostrar um leve sorriso ou murmurar assentimento em algumas ocasiões. Estava muito mais interessada em observar os outros convidados.

Havia um grupo de pessoas reunidas à sombra de um carvalho. Era a única árvore no jardim e o local perfeito para cadeiras e conversa descontraída. O patologista magro e de ar esquisito divertia algumas senhoras. Caroline perguntava-se sobre como conseguiria um homem realizar uma autópsia num dia e contar anedotas no outro.

Josie estava sentada num baloiço de pneus a namoriscá-lo — e a todos os homens ao seu alcance. Dwayne Longstreet e Doc Shays estavam sentados no alpendre traseiro, na cadeira de baloiço, a beber cerveja. Marvella Truesdale e Bobby Lee Fuller fitavam-se com olhares demorados e íntimos, e a bela lojista Crystal qualquer coisa conversava com Birdie Shays.

Via pequenas tiras de relvado de cada lado da casa dos Truesdale. A roupa estava pendurada nas cordas, a cozer sob o Sol intenso. Havia vegetais cultivados por toda a parte, com tomates já maduros, ervilhas de quebrar e couves, à espera da sua vez na panela.

Sentia o cheiro da cerveja, da carne temperada, das flores quentes a ferverem ao sol preguiçoso de final de tarde. Tommy inseriu uma nova cassete no seu rádio portátil e os blues soaram no espaço, com o baixo bem vincado, agridoce, lento e fácil como o partir de um coração. Caroline não reconheceu Bonnie Raitt, mas reconheceu a excelência.

Queria ouvir a música. Queria ouvir Sam a guinchar e a rir-se enquanto Tucker o torturava. Queria ouvir Crystal e Birdie a discutirem sobre alguém que morrera vinte anos antes num acidente de automóvel.

Queria dançar ao ritmo daquela música, observar a forma como

Burke beijava a sua mulher por cima do fumo perfumado do grelhador — beijava-a como se fossem ainda dois adolescentes a roubarem momentos de amor nas sombras. E queria sentir o que Marvella sentiu quando Bobby Lee lhe tomou a mão e a puxou pela porta da cozinha.

Queria fazer parte daquilo e não alguém posta de parte a discutir Rachmaninoff.

— Com licença, Matthew. — Fez-lhe um breve sorriso, ao mesmo tempo que passava as pernas por cima do banco de madeira. — Vou ver se a Susie precisa de ajuda.

Com Sam vergado para trás, Tucker admirou a forma como os calções brancos impecáveis de Caroline lhe assentavam nas pernas. Suspirou quando ela se baixou para apanhar um disco. Depois, atirou Sam por cima do ombro, deu-lhe um beliscão rápido e levantou-se.

— Acho que vou buscar uma cerveja.

Caroline parou junto do grelhador.

— Cheira muito bem — disse a Burke.

— Mais cinco minutos — prometeu, e Susie riu-se.

— É o que ele diz sempre. Queres alguma coisa, Caroline?

— Nada, estou bem. Lembrei-me que podias precisar de ajuda.

— Querida, é por isso que tenho quatro filhos. Quero que te sentes e descontraias.

— A sério, eu...

Olhou com cuidado por cima do ombro. Burns ainda estava sentado à mesa, com a gravata apertada implacavelmente enquanto bebia o Char-donnay que Caroline tinha trazido.

— Oh. — Susie seguiu o olhar dela. — Acho que há sempre momentos em que uma mulher precisa de se manter ocupada. Porque não vais buscar os pickles agridoces lá dentro? Há um frasco novo no armário, à esquerda do frigorífico.

Grata, Caroline partiu de imediato para ajudar. No alpendre, Doc Shays cumprimentou-a com um puxão do chapéu. Dwayne ofereceu-lhe o sorriso doce e distraído de alguém já meio embriagado.

Caroline entrou e parou de imediato. Bobby Lee e Marvella estavam perdidos num abraço quente diante do frigorífico. Quando a porta de rede bateu, os dois separaram-se num salto. Marvella corou e endireitou a blusa. Bobby Lee exibiu um sorriso algures entre o orgulho e o embaraço.

— Lamento muito — começou Caroline, sem saber quem estaria mais embasbacado. — Vim só buscar uma coisa para a Susie. — Havia ardor naquela cozinha suficiente para fritar bacon. — Posso voltar mais tarde.

Quase recuara completamente até à porta quando Tucker a abriu de repente.

— Caro, não podes deixar estes dois aqui sozinhos. — Piscou o olho a Bobby Lee. — As cozinhas são lugares perigosos. Vão ambos lá para fora, onde as vossas mães possam estar de olho em vocês.

— Tenho dezoito anos — respondeu Marvella, com um olhar de desafio. — Já somos adultos.

Tucker sorriu e ergueu-lhe o queixo.

— Exactamente, querida.

— Além disso — continuou Marvella, — vamos casar-nos.

— Marvella! — Bobby Lee estava completamente corado. — Ainda não falei com o teu pai.

Ela olhou para trás.

— Sabemos o que queremos, não sabemos?

— Bem, claro. — Bobby Lee engoliu em seco, perante o fitar sério de Tucker. — Claro, mas acho certo falar com ele antes de dizermos às outras pessoas.

Marvella deu-lhe o braço.

— Então, começa a falar — disse, empurrando-o pela porta das tra-seiras.

Tucker ficou a olhar para o jovem casal.

— Jesus. — Comovido, passou a mão pelo cabelo. — Ela costumava babar no meu ombro e agora já fala em casar.

— Pelo olhar dela, diria que é bem mais do que falar.

— Mas como raio foi ela fazer dezoito? — perguntava-se Tucker. — Ainda há um minuto era eu que tinha dezoito anos.

Com uma gargalhada divertida, Caroline deu uma palmada no braço dele.

— Não te preocupes, Tucker. Tenho a impressão de que ela te vai dar outro bebé para te babar o ombro dentro de um ano ou dois.

— Valha-me Deus. — A ideia deixava-o atarantado. — Isso fazia de mim uma espécie de avô, certo? E eu só tenho trinta e três. Sou muito novo para ser avô.

— Acho que seria uma espécie de título honorário.

— Não importa. — Olhou para a cerveja na mão. — Não vou pensar nisso.

— Parece-me o mais sensato. — Abriu a porta do armário. — O que são pickles agri doces?

— Hum? — Tucker voltou-se para ela e os seus pensamentos sobre a vida e a idade dispersaram. Céus, que pernas bonitas e belo rabo ela tinha. — Na prateleira de cima — respondeu. — Estica-te. — Observou os calções a subirem um pouco mais pelas coxas dela, à medida que se esticava para chegar ao frasco. — Assim mesmo.

Os dedos de Caroline roçaram apenas no frasco quando se apercebeu do que se estava a passar. Voltando ao normal, olhou por cima do ombro.

— És um homem doente, Tucker.

— Sinto que estou a ficar febril, sim. — Ainda a sorrir, aproximou-se dela sedutoramente. — Deixa-me ajudar-te. — Encostou suavemente o seu corpo ao dela, procurando alcançar o frasco. — Cheiras bem, Caro. Como algo com que um homem gostaria de acordar de manhã.

A reacção imediata levou-a a respirar bem fundo.

— Como café e bacon?

Ele riu-se e satifez-se acariciando-lhe o pescoço com o nariz.

— Como sexo suave e preguiçoso.

Algo se passava dentro dela. Muito, muito depressa. Arrepios, pressões, músculos cada vez mais descontraídos. Não sentia nada assim desde... Luis.

Os seus músculos retesaram-se novamente.

— Estás em cima de mim, Tucker.

— Estou a tentar. — Tucker tirou o frasco e pousou-o no balcão. Colocando as mãos nas ancas dela, fê-la voltar-se para si. — Já encontraste alguma coisa, ou ouviste uma música que não parou de tocar na tua cabeça, mesmo quando achavas que nem gostavas muito dela?

As mãos dele deslizaram para cima, com os polegares a roçarem ao de leve as laterais dos seios dela. Caroline começou a sentir-se tonta.

— Imagino que sim.

— É isso que me acontece contigo, Caroline. Estás sempre na minha cabeça. Podíamos dizer que estou obcecado.

Os olhos dele nivelaram-se com os dela, tão perto que ela viu um apontamento pequeno e fascinante de verde à volta das pupilas dele.

— Talvez devesse ouvir outra música.

Ele aproximou-se um pouco mais e, quando ela ficou tensa, contentou-se com uma mordiscadela leve e rápida no lábio superior dela.

— Nunca me dei muito bem a fazer o que devia. — Ergueu a mão para lhe acariciar o rosto. Ela tinha uma forma de olhar para ele, tão directa e implacável que o fazia sentir-se defensivo, protector e fraco, tudo ao mesmo tempo. — Ele magoou-te ou desiludiu-te?

— Não sei a que te referes.

— És fugidia, Caro. E acho que deve haver um motivo.

O calor líquido que se tinha disseminado pelo seu corpo endureceu como ferro.

— “Fugidia” é uma palavra que se aplica a cavalos. Eu estou desinteressada, isso sim. E talvez o motivo disso seja não te achar atraente.

— Ora, mas isso é mentira — ripostou ele, suavemente. — A parte de estares desinteressada. Se não tivéssemos gente do outro lado da porta, pro-



vava-te como sei que estás a mentir. Mas sou um homem paciente, Caro, e nunca me escuso de uma mulher que gosta de ser convencida.

Uma fúria quente atacou-lhe a garganta, quase escaldando-a.

— Oh, estou certa de que terás convencido muitas mulheres. Como a Edda Lou.

O divertimento esvaiu-se dos olhos de Tucker, rapidamente substituído por raiva e, depois, algo mais. Algo próximo do sofrimento. Quando se afastou, Caroline pousou a mão no braço dele.

— Tucker, desculpa. Foi um comentário horrível.

Tucker bebeu um pouco de cerveja para empurrar o gosto acre na boca.

— Estiveste bastante perto da verdade.

Caroline abanou a cabeça.

— Irritaste-me, mas isso não é desculpa para te ter dito uma coisa daquelas. Desculpa.

— Esquece. — Pousou a cerveja vazia e toda a dor que conseguiu. Depois, ouviu Burke gritar e, embora os lábios de Tucker se curvassem, ela viu que o sorriso não lhe chegava aos olhos. — Parece que vamos começar a comer finalmente. Vai lá, leva o frasco. Eu já vou.

— Está bem.

Caroline parou à porta, desejando que pudesse haver mais a dizer. Mas um novo pedido de desculpas seria inútil.

Quando a porta se fechou atrás dela, Tucker encostou a testa ao frigorífico. Não sabia o que estava a sentir. Não tinha palavras para o exprimir. Detestava isso. Os seus sentimentos tinham sempre surgido de forma tão simples, até mesmo os piores. Mas aquela onda de emoção que se agitava dentro dele era nova, desagradável e muito assustadora.

Ele até sonhara com Edda Lou, que lhe surgira de corpo rasgado e inchado. Do cabelo dela pingavam ervas e água, e a pele dela sangrara quando lhe apontara o dedo esquelético.

Não precisara de falar para ele saber o que tinha a dizer. A culpa era dele. Ela estava morta e a culpa era dele.

Deus do Céu, mas que iria ele fazer?

— Tucker? Querido? — Josie entrou na cozinha para colocar o braço à volta dele. — Estás a sentir-te mal?

Pior era impossível, pensou, mas exalou um suspiro.

— Estou com dores de cabeça, mais nada. — Sorriu quando se voltou para ela. — Demasiada cerveja de estômago vazio.

Josie acariciou-lhe o cabelo.

— Tenho aspirinas na minha bolsa. Extra-fortes ou qualquer coisa assim.

— Preferia comer.

— Vamos arranjar-te um prato. — Manteve o braço à volta dele quando saíram porta fora, para o alpendre. — O Dwayne já está bastante bêbedo e não me apetece ter de vos carregar aos dois para casa. Sobretudo porque hoje tenho um encontro.

— E quem é o sortudo?

— Aquele médico do FBI. É tão giro que era capaz de o comer. — Riu-se e acenou para Teddy Rubenstein. — Lembrei-me de o experimentar para a Crystal. Ela tem olhado bastante para ele.

— És uma verdadeira amiga, Josie.

— Eu sei. — Respirou fundo. — Vamos lá arranjar umas costeletas.

Para além das antigas instalações dos escravos com a sua pedra quente, para além dos campos de algodão perfumados com fertilizante e pesticidas, jazia um lago escuro em forma de ferradura que dera o nome a Sweetwater.

Mas a água já não era tão doce, porque os venenos usados para matar ervas daninhas e outras pestes das colheitas tinham penetrado o solo, geração após geração, acabando por afluir no lago.

Embora a água não fosse própria para consumo e a maioria das pessoas pensasse duas vezes antes de comer peixe pescado naquele lago, continuava a ser uma bela visão numa noite de luar.

Os canaviais dançavam preguiçosamente na corrente e os sapos coaxavam e saltavam. As raízes dos ciprestes penetravam a superfície da água lembrando ossos velhos e escuros. A noite estava suficientemente límpida para se ver as suaves ondulações da superfície causadas pelos mosquitos e as criaturas que os comiam.

Dwayne mudara da cerveja que bebera na festa de Burke para o seu preferido, Wild Turkey. A garrafa só estava um pouco bebida, mas ele sentia-se incrivelmente bêbedo. Teria preferido sentar-se em casa e beber até desmaiar, mas Della não o permitiria. E estava farto de mulheres a implicarem com ele.

A carta de Sissy deixara-o com uma vontade louca de afogar a raiva em uísque. Ia casar com o vendedor de sapatos. Isso não o incomodava. Não queria saber se ela se queria casar com alguém que andava sempre com as mãos nos pés dos outros. Ele não a queria, nunca a tinha querido, na verdade. Mas nunca mais a deixaria esfregar-lhe os filhos de ambos na cara para sacar mais dinheiro.

Colégios privados caros, roupas caras. Ele sempre a ajudara, mesmo quando ela e o advogado de cabelo oleoso tornaram quase impossível que ele sequer visse os filhos. Tinham-lhe chamado “visitas limitadas e supervisionadas”. E tudo porque de vez em quando bebia um copito ou outro.

Fitando a água escura, Dwayne bebeu um pouco mais de uísque. Tinham feito dele uma espécie de monstro e ele nunca tocara num fio de cabelo daqueles miúdos. Nem em Sissy, na verdade. Embora tivesse tentado uma ou outra vez, só para lhe mostrar quem mandava.

Mas não era um homem violento, pensava Dwayne. Não como o seu pai. Conseguia aguentar muito bem a bebida e provara-o logo aos quinze anos. E Sissy Koons sabia muito bem no que estava a meter-se da primeira vez que lhe abriu as pernas. Ele tinha-a culpado por ter engravidado? Não senhor. Casara com ela, comprara-lhe uma bela casa e todas as roupas bonitas que ela quisera.

Tinha-lhe dado muito mais do que ela merecia, pensava agora Dwayne, lembrando-se da carta. Se ela achava que ele ia permitir que aquele sapateiro guitarrista adoptasse os seus filhos, então podia esperar sentada. Haveria de a ver no inferno antes que isso acontecesse. E não cederia àquela ameaça velada de o levar a tribunal se ele não aumentasse os pagamentos mensais.

O problema não era o dinheiro. Não queria saber do dinheiro para nada. Tucker tratava de tudo. Era uma questão de princípio. “Mais dinheiro”, dissera ela à sua maneira manipuladora, “ou os teus filhos vão ter o nome de outro homem”.

Os seus filhos, pensava ele novamente, o seu símbolo de imortalidade. E ele gostava deles, claro. Eram sangue do seu sangue, afinal, o seu elo com o futuro, as suas algemas com o passado. Era por isso que lhes enviava presentes e chocolates. Mas era diferente de lidar com eles cara a cara.

Ainda se lembrava de como o pequeno Dwayne — que não tinha mais de três anos — tinha chorado e gritado quando surpreendera o pai completamente embriagado. Dwayne tinha estado entretido a desfazer os copos de serviço de Sissy contra a parede.

Então, Sissy tinha entrado, pegado no pequeno Dwayne como se o pai o tivesse atirado a ele contra a parede e não aos malditos copos debruados a ouro. E o bebé começara a chorar.

Dwayne ficou ali, com vontade de lhes esmagar a cabeça a ambos.

*Queres um motivo para chorar? Juro-te que te dou um motivo para chorar.*

Devia ter dito isso, para que todos tremessem de medo.

E talvez o tivesse dito mesmo. Talvez o tivesse gritado. Mas Sissy não tremera, apenas lhe gritara também, de rosto corado e os olhos carregados de raiva e nojo.

Ele quase lhe batera. Dwayne lembrava-se de ter estado prestes a bater-lhe. Até levantara o braço, mas vira a mão do pai no lugar da sua.

Assim, em vez disso, saiu e desfez outro carro.

Sissy trancara-lhe as portas no dia seguinte, quando Burke o levara para casa. E isso sim tinha sido uma humilhação poderosa. Não ser capaz de entrar na própria casa e ouvir a mulher gritar pela janela que ia a Greenville falar com um advogado.

Innocence tivera assunto de conversa durante semanas sobre como Sissy tinha posto Dwayne fora de casa, atirando as roupas pela janela. Precisara de beber estupidamente durante dias para poder ultrapassar a situação com um encolher de ombros.

As mulheres baralhavam a ordem natural das coisas. E ali estava Sissy à espera de uma nova oportunidade.

O que piorava tudo e tornava a situação mais custosa era o facto de Sissy estar a fazer algo da sua vida. Dispensara Sweetwater com a facilidade com que uma cobra muda de pele, e seguira em frente. Já ele... ele estava preso a gerações de obrigações dos Longstreet. As expectativas que um pai passava a um filho. Uma mulher não precisava de se prender.

Não, uma mulher podia fazer o que queria. Era fácil odiá-las por isso.

Dwayne ergueu a garrafa e bebeu. Observou a água escura e, como por vezes fazia, imaginou-se a entrar na água, a mergulhar, a beber um gole grande e venenoso e a afundar-se no seu fundo até os pulmões ficarem cheios de lago.

Com os olhos ainda na superfície, Dwayne bebeu, afogando-se apenas em uísque.

Numa mesa do McGreedy's Tavern, Josie estava a começar a aquecer. Depois do salão de beleza, a taverna era o seu local preferido na cidade. Adorava as suas paredes escuras e impregnadas de uísque, o pavimento peganhento, as mesas instáveis. Adorava cada centímetro do espaço tanto quanto adorava as festas igualmente embriagadas mas mais elegantes que frequentava em Atlanta, Charlotte e Memphis.

Ficava sempre animada quando entrava naquele ambiente marcado pelo fumo e pela bebida e ouvia os sons do campo na *jukebox*, as vozes que se elevavam, de fúria ou de divertimento, o chocar das bolas de bilhar na sala das traseiras.

Trouxera Teddy ali para beber algumas cervejas na sua mesa preferida — debaixo da cabeça marcada do veado que McGreedy tinha caçado quando as pessoas usavam pins a dizer "I like Ike" nas lapelas.

Deu uma palmada nas costas de Teddy, riu-se abertamente de uma anedota que ele lhe contara e pegou num cigarro.

— És um ponto, Teddy. De certeza que não tens uma mulher escondida em qualquer canto?

— Duas ex-mulheres. — Teddy sorriu através da nuvem de fumo

produzida por Josie. Não se divertia tanto desde aquela vez em que amarrara um cadáver com fio de pesca para que as pernas e os braços se movessem ao som do “Twist and Shout”.

— Ora, mas que coincidência. Eu também tenho dois ex-maridos. O primeiro era advogado. — Sorrindo, pronunciou a palavra em quatro longas sílabas. — Um jovem impecável, nascido numa família impecável de Charleston. Precisamente o tipo de homem com quem a minha mamã queria que me casasse. Quase me matou de sono antes de o ano acabar.

— Emproado?

— Oh, querido. — Inclinou a cabeça para trás, para sentir a cerveja fresca deslizar. — Tentei tirar-lhe as manias. Dei um baile de máscaras elegante no Ano Novo. Vesti-me como a Lady Godiva. — Arqueando a sobancelha, passou a mão pelo cabelo escuro e desalinhado. — Usei uma peruca loira. — Os seus olhos cintilavam e apoiava o queixo nas mãos. — Apenas a peruca. O desgraçado do Franklin — era esse o seu nome — não conseguiu encontrar vontade de alinhar na festa.

Teddy conseguia facilmente imaginá-la com nada mais do que uma peruca loira e calculou que seria perfeitamente capaz de estar à sua altura.

— Sem sentido de humor — comentou.

— Podes crer. Por isso, é claro que decidi ir outra vez à caça de marido, mas teria de ser diferente. Conheci um cowboy rude e rijo num rancho no Oklahoma. Divertimo-nos muito. — Suspirou, recordando. — Então, descobri que ele andava a enganar-me. Não teria sido muito mau, mas vim a saber que andava a trair-me com *cowboys* e não *cowgirls*.

— Ai — comentou Teddy, arrepiando-se de compaixão. — E eu achava que era chato ouvir as minhas ex-mulheres comentarem que o meu trabalho era nojento. — Piscou o olho a Josie. — As mulheres não costumam achar o meu emprego um bom tema de conversa.

— Pois eu acho que é fascinante. — Fez sinal para pedir uma nova rodada, movendo-se de forma a roçar o pé descalço na canela dele. — Tens de ser esperto, certo? A realizar aqueles testes todos, para descobrir quem matou uma pessoa, só por lhe abrir o... Tu sabes, um cadáver. — Os olhos dela brilhavam intensamente, à medida que se aproximava. — Mas não consigo compreender como funciona, Teddy. Quero dizer, como podes encontrar um assassino só de olhar para um corpo morto?

— Bem. — Bebeu um pouco de cerveja. — É muito técnico, mas em termos simples, basta juntarmos as peças todas do puzzle. Causa, hora e local da morte. Fibras, talvez um pouco de sangue que não pertença à vítima. Vestígios de pele, amostras de cabelo.

— Parece assustador. — Josie arrepiou-se delicadamente. — Tens conseguido saber mais sobre a Edda Lou?

— Temos a hora, o local e o método. — Ao contrário de alguns dos seus colegas, Teddy não se aborrecia com conversas de circunstância. — Quando tiver concluído os testes, vou cruzar as minhas conclusões com as do médico-legista que analisou os corpos das outras mulheres. — Compassivo, Teddy acariciou-lhe a mão. — Suponho que as conhecias todas.

— Claro que sim. Andei na escola com a Francie e a Arnette. A Arnette e eu até chegámos a sair em encontros duplos... durante a nossa adolescência inconsequente. — Sorriu para a cerveja. — E acho que conheci a Edda Lou a sua vida toda. Não éramos boas amigas. Mas é assustador pensar que ela morreu assim.

Encaixou o queixo nas mãos. Havia algo aciganado na sua aparência, graças ao seu cabelo comprido, escuro e encaracolado, os olhos dourados e a pele morena. Naquele dia, explorara essa mesma imagem ao usar umas argolas grandes nas orelhas e vestindo uma blusa vermelha com elástico que lhe deixava mostrar os ombros. Teddy sentia a boca aguar só de olhar para ela.

— Suponho que não saibas se ela sofreu muito ou não — continuou ela, suavemente.

— Posso dizer-te que a maior parte das feridas lhe foram infligidas depois de estar morta. — Apertou-lhe a mão suavemente. — Mas não penses nisso.

— Não consigo deixar de pensar. — Os seus olhos desviaram-se para a bebida fresca e voltaram aos dele. — Para te dizer a verdade... posso ser frontal, não posso, Teddy?

— Claro.

— A morte fascina-me. — Soltou uma gargalhada nervosa e atrapalhada, aproximando-se um pouco mais. Teddy sentiu uma aragem do seu perfume sedutor e o roçar dos seus seios no braço. — Acho que te posso confidenciar isto, porque é o teu trabalho. Quando as pessoas morrem e a notícia aparece nos jornais ou na televisão, fico colada.

Teddy riu-se.

— Isso acontece a toda a gente. Mas ninguém admite.

— Tens razão. — Afagou o cabelo para a frente, para que algumas madeixas escuras acariciassem o rosto de Teddy. — Sabes aqueles programas tipo “A Current Affair” ou “Unsolved Mysteries”? E os que falam de psicopatas e assassinos com machado na mão? Acho-os tão interessantes. Quero dizer, a forma como sabem tanto sobre aquelas pessoas e por que motivo são tão difíceis de capturar. Acho que estamos todos um pouco nervosos por termos alguém aqui na cidade que seja assim. Compreendes?

Teddy ergueu a cerveja, numa saudação.

— É isso que vende os tablóides nos supermercados.

— Mentis curiosas, certo? — Josie riu-se e brindou com a garrafa

na dele. — Tenho uma mente muito curiosa. Sabes, Teddy... Nunca vi um cadáver. Quero dizer, antes de ser empinocado para ficar bonito no caixão.

Teddy adivinhou o pedido dela nos seus olhos e franziu o sobrolho.

— Ora, Josie, não vejo necessidade nenhuma disso.

O pé descalço dela continuava a acariciar-lhe a canela.

— Imagino que te pareça um pouco mórbido e terrível, mas acho que seria bastante... educativo.

Teddy sabia que era um erro, mas era tão difícil resistir a Josie Longstreet quando cismava com alguma coisa. E o facto de os dois estarem embriagados e animados também não ajudava nada. Após algumas tentativas para a convencer do contrário, mostrou-lhe a chave que lhe tinham emprestado da porta das traseiras da funerária.

— É da entrada das entregas? — perguntou Josie, cobrindo a boca para disfarçar a gargalhada nervosa.

Teddy lembrou-se de uma piada infantil.

— Funerária Palmer. Você mata, nós congelamos.

Josie riu-se tanto que precisou de cruzar as pernas. Juntos, entraram aos tropeções pela porta da agência.

— Bolas, que escuro.

— Eu acendo as luzes.

— Não. — O coração dela palpitava nervosamente. Para que ele soubesse, tomou-lhe a mão e pousou-a no seu peito. — Isso só ia estragar o ambiente.

Teddy encostou-a à porta e deu-lhe um beijo demorado e atrapalhado. Pressionando-lhe o corpo com o seu, enfiou as mãos por baixo da blusa dela. Os seus seios verteram sobre o caicai que os sustinha, moldando-se às palmas dele. Os seus mamilos eram grandes e estavam duros como pedra.

— Meu Deus. — A respiração saía-lhe em arquejos. — Tens um tónus muscular fantástico.

Substituiu as mãos pela boca e começou a desapertar-lhe os calções.

— Calma, querido. Caramba, estás teso como uma cabra de dois sexos. — Riu-se e afastou-o. — Deixa-me arranjar uma lanterna. — Enfiando a mão na bolsa, vasculhou o seu interior até encontrar uma do tamanho de uma caneta. Passou-a pelas paredes, fazendo dançar as sombras. Sentia-se descontrolada de medo e excitação, como se estivesse a ver um filme de terror no Sky View. — Por onde?

Para lhe fazer a vontade, Teddy acariciou-lhe o braço com a ponta dos dedos até a sentir arrepiada.

— Vem por aqui — convidou, avançando num ritmo decidido que a deixou ainda mais excitada.

— És um postal, Teddy. — Mas seguiu sempre atrás dele. — Cheira a rosas mortas e... sabe-se lá mais o quê.

— É o odor fantasmagórico das almas partidas, minha cara.

Não adiantava dizer que era apenas líquido de embalsamento, formaldeído e líquidos de limpeza. Seguiu para outra porta e, usando a lanterna dela, pegou na outra chave.

— Tens a certeza?

Josie engoliu em seco e assentiu.

Teddy abriu a porta, desejando que os Palmer fossem menos desinteressantes. Um pequeno gemido nas dobradiças teria funcionado muito bem. Josie respirou fundo e acendeu as luzes.

— Merda. — Esfregou as palmas molhadas nas coxas. — Parece o consultório de um dentista. Para que usas as mangueiras?

Ele sorriu, arqueando as sobrancelhas.

— Queres mesmo saber?

Josie humedeceu os lábios.

— Talvez não. Isso é... — Apontou para uma forma coberta com um lençol branco. — É ela?

— Precisamente.

Josie sentiu-se tremer por dentro.

— Quero vê-la.

— Está bem. Mas olhas sem mexer.

Teddy aproximou-se da maca e tirou o lençol.

Josie sentiu a cabeça andar à roda, mas depois acalmou.

— Credo — sussurrou. — Credo, está cinzenta.

— Ainda não tive tempo de a maquilhar.

Pressionando o estômago com a mão, Josie deu outro passo em frente.

— A garganta dela...

— Causa de morte. — Passou a mão pelo rabo firme de Josie. — A faca tinha uma lâmina de aproximadamente quinze centímetros. Agora, vê isto. — Ergueu um dos braços de Edda Lou, escondido pelo lençol. — Vês a descoloração do pulso? A pele rasgada? Foi amarrada com corda de estender a roupa.

— Ena.

— E roía as unhas. — Estalou a língua nos dentes, em sinal de reprovação, e baixou o braço novamente. — Esta contusão na nuca — voltou-lhe a cabeça — indica que foi agredida antes de ser morta. Certamente, com força suficiente para ficar inconsciente, tempo durante o qual ela terá sido amordaçada e amarrada. Há vestígios de tecido na boca e na língua, indicando que foi usado um pano vermelho de algodão.



— Consegues saber isso tudo?  
Josie deu consigo presa a cada palavra de Teddy.  
— Isso e muito mais.  
— E ela foi, enfim, violada?  
— Estou a testar isso. Se tivermos sorte de encontrar vestígios de esperma, podemos traçar um perfil de ADN.  
— Hum-hum. — Já ouvira falar daquilo noutro lugar. — Quem o fez, matou-a e ao bebé.  
— A menina morreu sozinha — corrigiu Teddy. — Os valores hormonais estavam baixos.  
— Desculpa?  
— Não estava grávida.  
— Ai não? — Josie voltou a fitar o rosto cinzento e sem vida, com uma expressão concentrada. — Eu disse-lhe que ela estava a mentir.  
— Disseste a quem?  
Josie abanou a cabeça. Não era o momento indicado para invocar o nome de Tucker. Em vez disso, desviou o olhar de Edda Lou e estudou o espaço.  
A verdade era que, depois de se estar lá dentro, era bastante fascinante. Aquelas garrafas todas, os tubos, os instrumentos delicados e brilhantes. Passeou um pouco e pegou num bisturi. Ao testar a precisão da lâmina, cortou o dedo.  
— Merda.  
— Querida, não devias mexer nessas coisas.  
Todo solícito, Teddy tirou um lenço do bolso e limpou-lhe o sangue. Por cima da cabeça dele, Josie fitava o rosto na mesa de embalsamar. A cerveja fazia-a sentir-se tonta.  
— Não sabia que era tão afiado.  
— O suficiente para te arrancar pedacinhos.  
Riu-se e limpou até que ela sorriu. Era mesmo um fofo.  
— É capaz de parar mais depressa se sugares.  
Josie levou o dedo ferido à boca dele, deslizando-o delicadamente por entre os lábios dele. Enquanto a língua dele lhe lavava a ferida, ela manteve os olhos fechados. Saber que ele lhe estava a provar o sangue constituía uma poderosa intimidade. Quando abriu novamente os olhos, estes estavam plenos de luxúria.  
— Tenho aqui uma coisa para ti, Teddy.  
Enquanto ele sugava profundamente o polegar dela, ela esticou-se por cima do tabuleiro de instrumentos afiados, com a mão a tremer, conseguindo alcançar a bolsa que pousara ali. Enquanto a mão dele lhe deslizava pela coxa, a dela vasculhava a bolsa. Essa mesma mão fechou-se num pu-

nho quando os dedos dele se enfiaram nos calções, invadindo o elástico das cuecas e descobrindo-a.

— Aqui está. — Com um leve suspiro, mostrou-lhe um preservativo. Os seus olhos brilhavam de desejo quando lhe desapertou o fecho. — E se eu te pusesse isto?

Teddy tremeu quando sentiu as calças caírem-lhe aos tornozelos.

— Força.

Quando Josie entrou a toda a brida pela entrada de Sweetwater, cerca das duas da manhã, sentindo-se consumida e saciada de sexo, Billy T. Bonny estava aninhado atrás do guarda-lamas dianteiro do Porsche vermelho. Praguejou quando as luzes do carro dela inundaram a escuridão, apenas a alguns centímetros da cabeça dele. Mais dez minutos e teria terminado tudo.

Sentiu a pulsação mais forte quando Josie travou a fundo. A gravilha saltou por todos os lados, embatendo-lhe nas botas de trabalho. Os seus dedos sujos de óleo comprimiram a chave de fendas que tinha na mão.

Quando a viu sair do carro, deixou-se ficar aninhado e a observar os pés dela. Estavam descalços, com as unhas pintadas de vermelho, e usava uma pulseira de ouro no tornozelo. Sentiu uma onda rápida de interesse sexual. O perfume dela pairava no ar, obscuramente doce, misturado com os tons mais profundos de sexo recente.

Cantarolava segmentos do “Crazy” de Patsy Cline. Deixou cair a bolsa, espalhando batons, trocos, o conteúdo de uma loja inteira de cosméticos, dois espelhos, uma mão-cheia de preservativos, um frasco de aspirina, uma pequena pistola de cabo de madrepérola e três caixas de Tic Tacs. Billy T. conteve um impropério quando a viu baixar-se para reunir os seus pertences.

Por baixo do Porsche, Billy observou as pernas dela dobrarem-se quando se baixou e a mão vasculhar pelo solo, atirando os objectos para a bolsa, acompanhados de uma bela dose de gravilha.

— Que se lixe — resmungou. Bocejando violentamente, levantou-se e começou a encaminhar-se para casa.

Billy T. esperou trinta segundos depois de a porta se fechar e voltou ao trabalho.